

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos



Fundação Cultural de Blumenau
Braulio Maria Schloegel
Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

BLUMENAU
em Cadernos



COPYRIGHT © 1998 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga
Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”
Rótulos de antigas indústrias e
estabelecimentos comerciais de Blumenau.

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

DIGITAÇÃO

Edelberto Hartmann Júnior

DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

DIREÇÃO EXECUTIVA

Dirceu Bombonatti

SUMÁRIO

Sob a Cruz	
<i>Terese Stutzer</i>	07
Carta aos pais e parentes (02/6/1849 a 08/9/1849)	
<i>Hermann Blumenau</i>	22
O dia de fazer doces de natal	
<i>Urda Alice Kluger</i>	25
A visita de Getúlio Vargas a Blumenau em 1940 e seus significados	
<i>Méri Frotscher</i>	27
Os cafuzos de José Boiteux: reflexões sobre uma comunidade nos 150 Anos de colonização no Vale do Itajaí	
<i>Nilson Cesar Fraga</i>	39
O município de Blumenau	
<i>Robert Gernhard</i>	46
Festas / Véspera de Natal	
<i>Arnaldo Brandão</i>	81

Dois Brasis que é um só <i>Theobaldo Costa Jamundá</i>	87
Uma novela bem recomendada / Esforço compensado / Ficção e Realidade / Variadas <i>Enéas Athanázio</i>	94
Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux	97
Índice da Revista Blumenau em Cadernos – Tomo XXXIX	99

Sob a Cruz

Texto:

**TERESE
STUTZER***



Neste número o leitor de Blumenau em Cadernos será brindado com um romance escrito por Terese Stutzer, intitulado “Unter dem Kreuze” – “Sob a Cruz”.

A autora, dotada de uma forte sensibilidade literária e espírito de observação, viveu em Blumenau entre os anos de 1885 – 1886.

Em sua breve permanência na Blumenau Colônia, acompanhando o marido e filhos, participou e tomou conhecimento do cotidiano local. Apesar do curto contato, lhe foi possível produzir contos e romances inspirados nas vivências e observações.

A coletânea desta produção literária (5 contos) foi reunida e publicada em alemão sob o título “Am Rande des Brasilianischen Urwaldes” – “A orla das selvas brasileiras”, em 1980, pela Federação dos Centros Culturais 25 de Julho.

Lamentavelmente, estes contos e tantos outros de sua autoria, como também os de seu esposo Gustav Stutzer, continuam desconhecidos entre nós.

O seu conteúdo nos revela uma preciosa fonte da literatura estrangeira sobre o Vale do Itajaí.

Descortinar estas obras é o grande desafio a que a Revista vem se lançando, com o auxílio dos seus tradutores.

Tradução: Annemarie Fouquet Schünke.

UNTER DEM KREUZE

Wir waren erst vor kurzem in der deutschen Kolonie angekommen. Die einzige Mietwohnung, die gerade frei war, lag hart an der Straße, der katholischen Kirche schräg gegenüber. Da das Haus unsern bescheidenen Ansprüchen einigermaßen entsprach, so verließen wir das Hotel und bezogen es; eigentlich doch ein wenig zu meinem Kummer, denn es war eine richtige Stadtwohnung. Von unseren Nachbarn trennte uns an beiden Seiten nur ein Gärtchen, das Groß genug war, um einen schmalen Weg zu den hübschen Blumen zuzulassen, die unsere Wirtin sorgfältig pflegte. Sich im Garten zu ergehen war unmöglich. Und doch war ich an kurze Spaziergänge sehr gewöhnt. Die ungepflasterte Straße, wo ein Wagen und ein Reiter dem andern folgte, zog mich wenig an. Um so mehr lockte mich der Hügel der katholischen Kirche. Auf einem Vorsprunge dieses Hügels stand das schöne Gebäude im gotischen Stil. Eine breite weiße Zementtreppe von sechzig bis achtzig Stufen führte zur Kirche hinauf, an beiden Seiten derselben prangten wohlgepflegte tropische Gewächse, auch köstliche Blumen und seltene Schlingpflanzen. Hinter der Kirche, am langsam ansteigenden Hügel, lag der Kirchhof; ein großes schwarzes Kreuz stand an der höchsten Stelle desselben, weithin sichtbar. Mir war, als riefte es mich.

Ich bin täglich dort hinaufgestiegen, habe an seinem Fuße gesessen und von da aus die schöne Welt betrachtet. Am liebsten richtete ich es ein, den Sonnenuntergang von dort beobachten zu können, und niemals würde ich es müde geworden sein, diesem entzückenden Schauspiel zuzusehen. Diese täglich neue Farbenpracht des Himmels! Dieser Glanz, dieser Friede, der dann über die ganze Welt ausgebreitet schien! Wenn die Sonne versank, das Abendrot verglühte, die Lichter des Himmels aus dem Grau der kurzen Dämmerung auftauchten, die Nacht sich mit dunklem Fittich über die Erde senkte und das Kreuz, das Wahrzeichen des südlichen Sternenhimmels, sich immer deutlicher vom dunklen Firmament abhob, oder wenn das wunderbar weiße Licht des Mondes alles mit einem magischen Schimmer erfüllte, dann habe ich oft in stummer Andacht die Hände gefaltet und konnte mich nur schwer entschließen, den mir so lieben Platz zu verlassen, um wieder in die alltägliche Welt hinunterzusteigen. Dann bin ich wohl noch oft zwischen den Gräbern hin und her gewandelt, auf denen weiße Lilien und rotblühende Euphorbien rankten. Kleine Holzkreuze standen auf den Gräbern; sie waren sich fast alle gleich. Nur ein Grab machte eine Ausnahme. Es war mit einer

SOB A CRUZ

Uma história de Therese Stutzer

Fazia pouco tempo que havíamos chegado à colônia alemã, e como não tínhamos conseguido alugar uma casa, continuamos a morar no hotel. Então encontramos uma perto da igreja católica. Infelizmente era uma moradia típica de cidade, bem rente à rua, mas como era condizente para com nossas modestas necessidades, resolvemos alugá-la. Apenas um estreito caminho a separava dos vizinhos e nos conduzia ao lindo jardim florido nos fundos da casa, que demonstrava o zelo da proprietária. Mas como era pequeno não dava para fazer minhas caminhadas diárias, e para caminhar na rua eu não tinha vontade, pois além de não ser pavimentada, o movimento constante de carroças e de cavaleiros era intenso. Mas o morro da igreja católica me atraía. A bela construção em estilo gótico se erguia na parte da frente desta elevação. O acesso era por uma escada branca e larga, com aproximadamente 70 degraus, ladeada de flores, plantas tropicais, e trepadeiras muito bem cuidadas. O cemitério ficava nos fundos da igreja e na parte mais elevada destacava-se uma cruz, que parecia estar me chamando.

Todos os dias eu ia até lá e sentava a seus pés para olhar a magnífica paisagem. Gostava de apreciar o crepúsculo, vendo o céu se transformar e banhar tudo com suas mais belas cores. Eu não cansava em contemplar este belo espetáculo que transmitia tanta paz. As estrelas começavam a surgir e a noite aos poucos encobria tudo com seu manto escuro. O “Cruzeiro do Sul”, destacava-se cada vez mais, a lua brilhava intensamente, e nesta hora eu conseguia rezar com todo meu fervor. Eu nem sentia vontade de deixar este lugar mágico e voltar para casa. Quantas vezes caminhei por entre as sepulturas, nas quais floriam lírios brancos e trepadeiras de erva vermelha. Nos túmulos havia pequenas cruces de madeira e apenas num deles havia uma exceção. Este estava coberto com uma laje de mármore, e na cabeceira havia uma coroa também em mármore, na qual se lia a seguinte inscrição: “Aqui descansa na paz do Senhor, Leontine, Baronesa de Wendelingen, nascida Condessa de Palascy”.

Marmorplatte gedeckt und ein Marmorkranz erhob sich zu den Häupten, auf dem in goldenen Buchstaben zu lesen war: "Hier ruht in Gott Leontine, Baronesse von Wendelingen, geborene Gräfin Palascy".

Ich dachte, welches Geschick diese Dame aus so vornehmem Hause wohl hierher, an den Rand des brasilianischen Urwaldes, verschlungen haben möchte.

Sie mußte noch Angehörige hier haben, denn fast täglich sah ich frische Blumen am Fuße des Kreuzes liegen.

Eines Abends nun hatte ich mich länger als gewöhnlich auf dem Kirchhofe verweilt. Da sah ich einen Mann in gebückter Haltung durch die Kirchhofstür treten. Einen Strauß Blumen in der Hand, ging er grüßend an mir vorbei. Ich beobachtete, als ich den Kirchhof verließ, wie er an dem Marmorkreuz niederkniete, es mit seinen Armen umschlang und das Haupt darauf neigte.

Die beiden also gehörten zusammen.

Ich hätte gern mehr von ihnen gewußt.

Man erzählte mir am anderen Tage, daß der Mann, den ich gesehen, ein Herr von Wendelingen sei, der schon lange Jahre in der Kolonie als von der Regierung angestellter Lehrer zurückgezogen lebe. Er sei allgemein beliebt und geachtet, obgleich man außer der Schule wenig von ihm höre und sähe, es müsse denn sein Geigenspiel sein, dem die Leute oft von der Straße aus bis spät in die Nacht zuhörten; doch verstumme es sofort, wenn er sich beobachtet glaube. Er sei vor Jahren mit seiner Frau und einem kleinen Knaben, völlig mittellos, hier eingewandert. Die Frau sei bald gestorben. Das Kind habe er vor einigen Jahren nach Europa geschickt, wo vornehme Verwandte es adoptiert hätten.

Ich mußte wieder und wieder an den einsamen Mann denken, der still und treu das Grab seines Weibes pflegte. Sollte er alle Abend so spät zum Kirchhof gehen, wie ich ihm gestern begegnet? Das mußte ich wissen.

Ich wußte bald, daß er es tat, denn wir begegneten uns von da ab häufig und wurden nicht nur bekannt miteinander, sondern gewannen uns gegenseitig lieb, so daß er mir sein Vertrauen schenkte und sich eines Abends zu mir unter das hohe Kirchhofskreuz setzte, wo er mir die Geschichte seines Lebens erzählte.

Ich will versuchen, sie ihm nachzuerzählen, so gut ich's vermag.

"Wir waren arm", begann er. "Als meine Eltern starben (mein Vater war ein höherer österreichischer Offizier), hinterließen sie uns fünf

Eu ficava imaginando o motivo que trouxe esta mulher, de família aristocrática, para este lugar isolado. Com certeza ainda deveria ter algum parente morando aqui, pois quase todos os dias havia flores frescas em sua sepultura. Num dia em que me atrasei ficando mais tempo do que normalmente, vi um homem atravessando o portal do cemitério, trazendo flores. Ao passar com seu andar curvado, cumprimentou-me. Enquanto me afastava, observei que ele havia se ajoelhado, abraçando a cruz de mármore e descansando a cabeça na mesma. Aí percebi que os dois se pertenciam e isto despertou minha curiosidade.

No dia seguinte fiquei sabendo que era o senhor von Wendelingen, e que já vivia aqui há muitos anos, era professor estadual e levava uma vida solitária. Era uma pessoa benquista pela comunidade, mas não mantinha contato com ninguém. Sabia-se que tocava violino noite adentro, mas quando pressentia alguém o escutando parava de tocar. Chegou aqui há muitos anos com sua mulher e seu filhinho. A esposa faleceu logo em seguida e a criança foi adotada por parentes na Alemanha.

Meus pensamentos sempre voltavam para este homem solitário, que tão gentilmente cuidava da sepultura da esposa. Eu precisava descobrir se ele vinha todos os dias tão tarde ao cemitério. E realmente isto logo se confirmou, pois daí em diante o encontrava com frequência e nos tornamos bons amigos, de tal maneira que certa noite sentou ao meu lado debaixo da cruz e me contou sua história.

“Éramos pobres”, foi assim que começou sua narrativa. “Meu pai era oficial austríaco, éramos cinco irmãos e quando meus pais faleceram nos deixaram como herança um nome honrado e uma pequena propriedade, nosso solar Wendelingen. Naquela época eu era um jovem oficial com uma enorme alegria de viver. O que realmente incomodava era que precisava me manter com meu pequeno salário, mas mesmo assim achava a vida bela e o mundo maravilhoso. Que felicidade quando nosso regimento foi transferido para a capital na primavera de 1862. Meu maior sonho havia se realizado, e assim cheguei à Viena com o coração cheio de esperança. Provavelmente era o mais alegre do regimento e, num estado de euforia, saudava a todos.

Meu irmão mais velho, que assumiu Wendelingen, havia prometido ajudar a custear minhas despesas.

Geschwistern nichts als einen hochgeachteten Namen und ein kleines Gütchen, Wendelingen, unsern Stammsitz. Ich war damals ein junger lebenslustiger Offizier, dem es freilich oft unbequem war, mit seinen Ausgaben auf den knappen Sold angewiesen zu sein, aber das Leben war schön, die Welt groß und weit! Wie jubelte ich, als unser Regiment im Frühjahr 1862 in die Hauptstadt verlegt wurde. Mein größter Wunsch war damit erfüllt. Mit welchen Hoffnungen bin ich damals in Wien eingezogen! Unter den Frohen der Fröhlichste, jauchzte ich der Stadt entgegen.

Mein ältester Bruder, der Wendelingen übernommen hatte, versprach mir etwas Beihilfe; so sollte es schon gehen.

Ich weiß nicht, war es mein frohes Herz, das mir aus den Augen blitzte – ich erregte die Aufmerksamkeit meiner Vorgesetzten, wurde von ihnen bevorzugt, bei Hofe besonders vorgestellt, und nach einiger Zeit erhielt ich die Ernennung zum Adjutanten des Erzherzogs Maximilian. O, die schöne Zeit!

Von der Liebenswürdigkeit unseres Erzherzogs kann sich ein anderer nur schwer einen Begriff machen. Ich kam oft mit ihm zusammen und staunte jedesmal über sein großes Wissen und seine große Bescheidenheit. Er würdigte mich öfter eines Einblickes in seine Arbeiten, Pläne und Gedanken, und durch die Leutseligkeit, mit der er sich mir näherte, begann aus mir, dem lustigen leichtlebigen Leutnant, ein verständiger Mensch zu werden, der die Welt schon mit etwas ernsteren Augen ansah.

So verging Sommer und Herbst. Der Winter kam, die Zeit der Bälle. Die Feste in der Hofburg nahmen ihren Anfang.

Da war es, daß ich sie zuerst sah, an einem Ballabend, kurz vor Weihnachten.

Leontine!

Als käme sie aus einer anderen Welt, so stand sie vor mir, licht wie ein Engel des Himmels! Ihre großen Augen sahen verwundert in die bunte Pracht. So muß einem Schmetterlinge zumute sein, wenn er zum ersten Male die dunkle Hülle durchbricht, seine Schwingen entfaltet und dem Lichte zufliegt. Welcher Glanz und welcher Schmelz liegt auf seinen Flügeln!

Und welcher Zauber war um sie verbreitet! Der Zauber der Unschuld, der holden, schüchternen Anmut. Anmutsvoll stand sie da in ihrem weißen, schlichten Kleide, wie ein schönes Bild – so sah ich sie zuerst.

Wir tanzten zusammen.

Ich wußte bald, daß sie bis vor kurzem in einem Kloster erzogen sei. Von dort habe sie ihr Vater abgeholt und sei mit ihr nach Wien gekommen, um

Não tenho certeza, mas acho que foi minha alegria contagiante que chamou a atenção de meus superiores, pois em pouco tempo fui apresentado na corte e pouco depois nomeado ajudante do Arquiduque Maximilian*. Que tempos de glória!

O Arquiduque era um homem extremamente amável, e sempre que o encontrava admirava seus vastos conhecimentos e sua humildade. Muitas vezes tive a honra de ver seus trabalhos, tomar conhecimento de seus planos e de suas idéias. E, através de sua benevolência para comigo, fui me transformando numa pessoa responsável e adquirindo uma visão diferente do mundo.

Assim se passaram o verão e a primavera. Então chegou o inverno e com ele as festas e os bailes, que tiveram início em Hofburg.

E foi aí, neste baile antes do Natal, que eu a vi pela primeira vez.

Leontine !

Ela mais parecia uma visão... como um anjo estava diante de mim. Seus enormes olhos admiravam-se diante de tanto esplendor. A mesma sensação deve ter uma borboleta quando sai do casulo desdobrando suas asas e voando em direção à luz.

Ela era um encanto. Era o encanto da inocência, da graça e da timidez. Mais parecia uma bela pintura assim parada em seu vestido branco com seu jeito gracioso. Foi assim que a vi pela primeira vez.

Então dançamos.

Logo fiquei sabendo que foi educada num convento e que seu pai a trouxe para ser apresentada à corte. Durante os últimos dias e, ainda naquele momento, ela estava muito receosa, pois sentia saudades das freiras do convento.

Segurando sua mão lhe perguntei se ainda tinha receio, e me olhando com seu belo olhar respondeu: “Neste momento estou muito feliz”.

“Então soubemos, pelo menos eu, que jamais a deixaria.

A partir daí nos víamos freqüentemente.

Eu não quero cansá-la contando daquele tempo que está gravado

* Arquiduque Maximilian 06/07/1832 – 19/06/1867, irmão do Imperador Francisco José da Áustria, se tornou Imperador do México em 1864 - 1867. Foi executado em Querétano.

sie bei Hofe vorzustellen. Ihr sei sehr bange gewesen alle die Tage, auch heute noch. Sie habe Heimweh nach dem Kloster und den lieben Schwestern.

“Auch eben noch?” fragte ich sie, als ich sie an der Hand hielt.

“Eben?” sagte sie und schlug ihre großen Augen zu mir auf, “eben – bin ich sehr froh”.

Da wußtem wir beide, ich wenigstens wußte es, daß ich nie wieder von ihr lassen konnte.

Von da an sahen wir uns öfter.

Ich will Sie nicht ermüden, Ihnen von den Tagen zu berichten, die mit goldenem Griffel in meine Erinnerung eingezeichnet sind. Wir haben uns sehr geliebt, und – sagte er leise – wir lieben uns noch ebenso. Es heißt auch für mich: Über ein kleines, und ich bin wieder bei ihr!

Er seufzte, stand auf und ging langsam einigemal auf und ab.

Dann setzte er sich wieder neben mich.

“Ja, sehen Sie”, sagte er, “auch sie war arm, ein armes mutterloses Grafenkind. Der Vater wünschte für sie eine Stelle als Hofdame, und das Schicksal wollte, daß sie dieselbe bei der Gemahlin meines Erzherzogs fand, bei der Erzherzogin Charlotte.

Damals war diese beklagenswerte Frau in der besten Zeit ihres Lebens, außerordentlich begabt, vielwissend, leicht erregt. Auch sie fand Gefallen an meiner Leontine und hat sie auf ihre Art sehr geliebt. Sie wußte von unserm Verhältnis und billigte es, wenn es ihr auch unmöglich erschien, daß unsere Wünsche sich bald verwirklichen könnten.

Aber wir hofften, und wir vertrauten unserm gütigen Geschick.

So kam das Jahr 1864.

Ich bemerkte, daß Kaiserliche Hoheit sich mit schweren Gedanken trugen. Ich beobachtete ihn öfter, wie er stehenblieb und die Hände an die Stirn preßte. Auch brach er zuweilen mitten in seiner Rede ab, als hielten ihn andere Gedanken gefangen.

Ich sollte bald mehr davon erfahren. Zuerst tauchte es auf, wie ein abenteuerliches Gespenst. Aber das Gespenst überkleidete sich mit Fleisch und Blut und kam ans Sonnenlicht.

Kaiser Napoleon schickte Abgesandte, um meinen Erzherzog für einen neu zu erbauenden Kaiserthron, dem von Mexiko, zu gewinnen.

Der Erzherzog wies den Gedanken anfänglich von sich. Erzherzogin Charlotte aber ergriff ihn mit voller Begeisterung. Das war die Verwirklichung all ihrer Träume. Ein neues Kaiserreich in der schönen wunderbaren Welt der Tropen, und sie als Herrscherin!

com letras de ouro em meu coração - pronunciou baixinho. “Nós nos amávamos muito ainda nos amamos e sei que um dia novamente estarei junto a ela.”

Suspirando, levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

Continuando sua narrativa falou: “Ela era de uma família de condes empobrecidos e órfã de mãe. Seu pai desejava que fosse dama de companhia e quis o destino que ela conseguisse este cargo junto à mulher do Arquiduque, a Arquiduquesa Charlotte.

Esta pobre mulher (referindo-se ao que veio a lhe acontecer) estava na melhor fase de sua vida, era inteligente, instruída e facilmente se comovia. Ela aprovava nosso relacionamento, mas achava que nossos desejos não se realizariam tão logo.

Mas nós tínhamos esperança e confiávamos na sorte. Agora estávamos no ano de 1864.

Eu percebi que o imperador estava preocupado, isto transparecia em todas as suas atitudes e muitas vezes interrompia a conversa e parecia como se estivesse ausente.

E então ficamos sabendo o motivo. No início mais parecia uma aventura fantástica, para logo vir à tona e tornar-se realidade. É que o imperador Napoleão III havia enviado o embaixador, a fim de persuadir o arquiduque em aceitar o título de imperador no império do México, a ser fundado.

A princípio ele rejeitou a idéia, mas sua esposa Charlotte a recebeu com entusiasmo, pois era a realização de seus sonhos. Ela como imperatriz de um reino no novo mundo.

E ela soube como persuadir seu marido a aceitar o honroso convite do embaixador, por ter sido eleito como futuro imperador do México.

Nós também nos rejubilamos com este acontecimento, pois víamos a realização de nossos sonhos. No dia em que Maximilian foi proclamado imperador do México, nos casamos numa cerimônia íntima, na capela do palácio de Hofburg.

Eu me desliguei do regimento austríaco e fui nomeado camarista de sua majestade. Minha mulher continuou a exercer suas funções de dama de companhia da imperatriz.

Und sie wußte ihren Mann zu bestimmen, daß er dem Rufe der feierlichen französischen Deputation Folge leistete und sich zum Kaiser von Mexiko wählen ließ.

Auch wir begrüßten dies Ereignis mit Freuden. Auch uns brachte es an das Ziel unserer Hoffnungen. An demselben Tage, als die feierliche Ernennung Maximilians zum Kaiser von Mexiko proklamiert wurde, fand in der Kapelle der kaiserlichen Hofburg in aller Stille unsere Trauung statt.

Ich hatte meinen Abschied als österreichischer Offizier genommen und war von Seiner Majestät zum Kammerherrn ernannt. Meine Frau verblieb in ihrer alten Stellung zur Kaiserin.

Ich glaube, niemand aus dem ganzen Gefolge der Herrschaften ist es so leicht geworden, der alten Welt Valet zu sagen, als uns beiden. Wir standen am Heck des Schiffes, als das letzte Stück Europa für uns im Meere versank, und hielten uns lächelnd an den Händen. Wir hatten uns und damit alles”.

Er hielt inne, lehnte den Kopf an das Kreuz zurück und verharrte in Stillschweigen.

Nach einem Weilchen wagte ich es, meine Hand auf seinen Arm zu legen.

“Und dann, Herr von Wendelingen?”

“Ja dann! – Zuerst ging alles wunderschön, und meine Leontine blühte wie eine Rose im Garten, keine weiße mehr, ganz rosa – lauter Glück. – Aber das Glück lebt auf leichten Flügeln.

Sie wissen’s ja, wie es weiterging. Sie lasen es in den Büchern mit ein paar kurzen Worten. Den Jammer, die Tränen, das vergossene Blut, die teuflische Tat des Verräters, den Heldenmut meines kaiserlichen Herrn lesen Sie nicht mit heraus.

O, der Heldenmut!”

Er stand auf und reckte die Arme gen Himmel.

“Barmherziger Gott, und alles umsonst! O mein geliebter Herr! Du warst ein Held, aber es hat dir nur eins gefehlt: der Erfolg.

Ich war mit in der Festung Querétano, ich und meine Frau. Und daß ich noch lebe, ist ihr Werk. Wie sind die Schwachen oft die Stärksten! Sie war mit ihrem Kinde auf dem Arme vor den Präsidenten Juarez getreten, hatte einen Verzweiflungskampf um mein Leben gekämpft und gesiegt. Er strich meinen Namen aus der Liste der zum Tode bestimmten. Ich wäre gern mit meinem Herrn denselben Weg gegangen, aber mußte ich nicht leben für sie? für sie!”

Und wieder schwieg er.

“Und da?”

De toda comitiva certamente fomos nós que conseguimos nos despedir da pátria com maior alegria. Estávamos na popa do navio de mãos dadas, olhando o último pedaço de terra desaparecer no mar. Nós tínhamos um ao outro e isto nos bastava”.

Recostou sua cabeça na cruz e ficou em silêncio.

Após algum tempo coloquei minha mão sobre seu braço e perguntei: “É o que aconteceu, sr. Wendelingen?”

“É então...a princípio tudo corria muito bem, Leontine estava linda e feliz, mas a felicidade é efêmera.

A senhora sabe o que aconteceu. Os livros contam este acontecimento em poucas palavras. Mas a desgraça, a dor, as lágrimas, o sangue derramado, o ato diabólico do traidor, o heroísmo de meu senhor, nada disso se encontra escrito.

Ah! o heroísmo!”

Ele levantou-se erguendo os braços ao céu:

“Deus misericordioso, e tudo em vão! Meu respeitável e amado senhor! Foste um herói, apenas não tiveste sucesso.

Minha mulher e eu estivemos na fortaleza de Quirétaro, e o fato de ainda estar vivo, devo somente a ela. Como os mais fracos podem vir a ser os mais fortes! Ela se dirigiu à presença do presidente Juarez, implorou por minha vida e conseguiu que meu nome fosse riscado da lista dos condenados à morte. Eu queria ter acompanhado meu senhor em sua última jornada, mas tinha que viver para ela”.

E novamente silenciou.

E então? – perguntei.

“Sim e então! Tudo havia se desfeito em nossa volta, apenas restou nosso amor e sua coragem. O que podíamos fazer? Voltar para a Áustria nessas condições, sem nenhum recurso? Então fui informado que com certeza conseguiria entrar para as forças armadas do Brasil.

E foi isto que determinou nossa vinda.

Mas eu não quero mais falar sobre este tempo doloroso. Tudo foi muito difícil. Durante meses vivi de promessas que não se concretizaram e então fui informado que não mais estavam admitindo estrangeiros nas forças armadas do Brasil.

“Ja da! Da war alles leer um uns, leer und öde. Nur ihr Mut war geblieben und unsere Liebe. Was sollten wir tun? – Sollten wir arm nach Österreich zurückkehren? – Man sagte uns, daß es mir leicht werden würde, in die brasilianische Armee als Offizier einzutreten.

Wir entschlossen uns, nach Rio zu gehen.

Ach, lassen Sie mich von dem Elende schweigen, das wir da durchlebt haben! Monatelang wurde ich mit leeren Versprechungen vertröstet und von einem zum anderen geschickt. Das Ende war die Erklärung, daß man keine Ausländer mehr in das brasilianische Offizierkorps aufnehme!

Im Juni erlitt mein Herr den Tod. Jetzt war es Januar, die Hitze in Rio schien unerträglich. Unsere Mittel waren völlig erschöpft, so daß wir in einem erbärmlichen Häuschen hatten Wohnung nehmen müssen und ohne jede Hilfeleistung waren. Und immer noch hatte sie ein Lächeln für mich auf den Lippen. “Verzage nicht, Viktor”, sagte sie, “ich flehe ohne Unterlaß zu Gott. Verzage nicht, Geliebter! Um unseres Kindes willen kann Gott uns nicht verlassen!”

Doch eines Abends, als ich, von vergeblichen Wegen müde, heimkam, begrüßte sie mich wohl, aber im Fieber.

Nur fort aus dieser Stadt, dachte ich, aus dieser Luft, aus dieser Hitze! Wie hatten schon lange all ihr Geschmeide verkauft. Jetzt nahmen wir auch das letzte, eine Perlenschnur, ein Geschenk der Kaiserin Charlotte, und lösten eine ziemliche Summe dafür. So wurde es uns möglich, Fahrscheine für ein Schiff zu kaufen, das uns hierher, in dies gesunde Klima, bringen sollte, wo, wie man sagte, es mir, einem Deutschen unter Deutschen, nicht schwer werden würde, eine Anstellung als Feldmesser zu finden.

Als wir hier anlegten, war sie besinnungslos. – Da stand ich mit meinem Kinde auf dem Arme und wußte nicht aus noch ein!

Bald kamen aber freundliche Leute und leisteten mir in der lebenswürdigsten Weise Beistand, trugen mein Weib in ein Haus und legten es auf ein kühles Lager. Ich setzte mich an dasselbe und hielt mein Söhnchen auf den Knien; der barg seinen Kopf an meiner Brust und schlief ein. Gerade das Besußtsein, endlich wieder unter deutschen Brüdern zu sein, die für unsere leibliche Not Sorge tragen würden, vereinigte alle meine Gedanken auf das Leiden meiner Frau und ließ mich allem andern gegenüber in eine Art von Erstarrung verfallen.

Wieviel Barmherzigkeit und Liebe mir in jener Zeit hier entgegengebracht ist, in welcher zarten Weise zugleich man uns geholfen hat, um mich durch so viele Güte nicht zu beschämen, kann ich gar nicht aussagen.

O imperador Maximilian foi executado em junho. Era janeiro e o calor estava infernal. Nossas economias estavam esgotadas, e fomos morar num lugar extremamente pobre, não podendo contar com a ajuda de ninguém. Ainda assim ela mantinha seu sorriso e dizia: “Não desespere Viktor, eu suplico a ajuda de Deus, não desistas meu amado, pois por nosso filho Ele não há de nos abandonar”.

Mas um dia após ter vagado em vão a procura de trabalho, encontrei-a com febre.

A única coisa que consegui pensar foi em ir para um outro lugar onde o ar fosse melhor e não fizesse tanto calor. Já havíamos vendido praticamente todas as suas jóias, só restava o colar de pérolas que havia sido um presente da imperatriz Charlotte. Conseguimos uma boa soma em dinheiro, que nos possibilitou adquirir as passagens de navio e assim viemos para cá. Haviam nos dito que num lugar onde houvesse alemães, com certeza seria mais fácil conseguir um emprego como agrimensor.

Quando chegamos, ela se encontrava sem sentidos, e com nosso filho nos braços, eu não sabia o que fazer.

Mas logo fui ajudado por pessoas amáveis, que levaram minha mulher para dentro de uma casa e a deitaram, de maneira carinhosa, numa cama. Sentei a seu lado com nosso filho adormecido no colo. Consciente de estar entre irmãos alemães, que se preocupavam pelo nosso bem estar, concentrei todos os meus pensamentos em minha mulher e me mantive num estado de apatia para todo o mais.

Quanta solidariedade, quanto carinho recebemos, e de que modo gentil fomos ajudados, e as pessoas preocupadas em não me deixar constrangido diante de tanta bondade. A esposa* do cônsul mais parecia um anjo enviado de Deus.

Minha mulher não mais recuperou os sentidos, ela delirava e em suas fantasias vagava pelo tempo em que éramos felizes. Outras vezes ela se encontrava no convento e cantava um Réquiem. Então se ergueu e com o rosto iluminado apontou com seu dedo para o alto... e se foi para sempre... Eu me encontrava sozinho neste mundo com meu filho.

Resolvi ficar aqui onde fui tratado com tanta bondade, e me tornei professor. Aos poucos comecei a gostar da minha profissão. Começa-

* Röse Gaertner, esposa do Cônsul Victor Gaertner.

Besonders die Frau des deutschen Konsuls hat wie ein Engel Gottes an uns gehandelt.

Meine Frau kam nicht wieder zum Bewußtsein; ihre Phantasien bewegten sich in der Zeit unseres Glückes. Dann war sie in ihrem Geist wieder im Kloster und sang das Requiem. Sie richtete sich auf, wies verklärten Angesichtes mit dem Finger in die Höhe und fiel zurück.

Ich war mit meinem Kinde allein auf dieser Welt.

Ich bin hiergeblieben, wo man mir mit so vieler Güte begegnet ist, und bin Lehrer geworden, um für mich und meinen Sohn Brot zu verdienen. Nachgerade ist mir der Beruf lieb geworden. Man sieht das Leben anders an, wenn man auf eine Ewigkeit wartet.



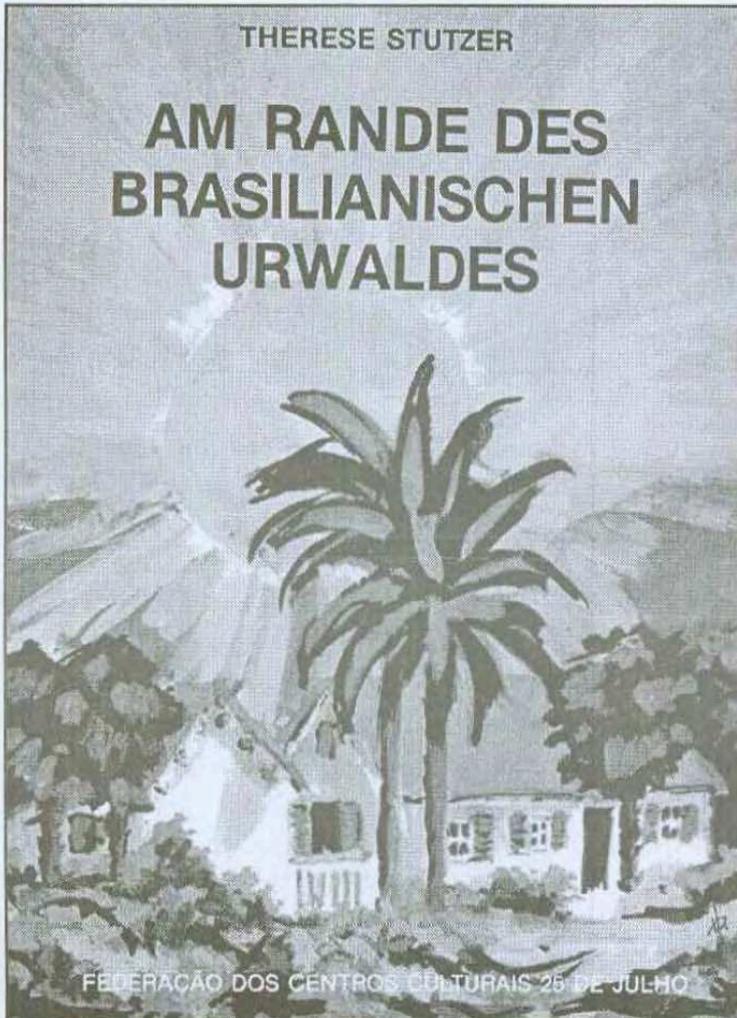
Leontine

Unser Kind wird in Österreich erzogen. Ein Enkel des Grafen Palascy und des Barons von Wendelingen soll von seinem Vater nicht gehindert werden, die Vorteile seines Namens in der alten Heimat zu genießen. Es ist mir blutsauer geworden, ihn fortzugeben.

Ich bleibe hier und warte, bis sich die Himmelstür auftut und ich wieder bei ihr sein kann.

Er hob den Kopf, und seine Augen blickten lange gen Himmel, als suchten sie dort oben die Pforte zur Ewigkeit.

Ich sah ihm nach in die schimmernden Magelhan-swölkchen, in das strahlende Kreuz.



Capa do Livro de Terese Stutzer

se a ver a vida de outro modo quando se espera pela eternidade.

Nosso filho está sendo educado na Áustria. Como neto do conde de Palascy e do barão von Wendelingen, não poderia ser privado pelo pai dos privilégios a que seu nome lhe dá direito. Foi muito difícil tomar esta decisão.

Eu vou ficar aqui e esperar até que se abram as portas do céu, para finalmente poder estar junto a ela”.

Ergueu sua cabeça e seus olhos ficaram vagando pelo céu como se procurassem a porta da eternidade...

**Blumenau
rumo ao
sesquicente-
nário de
Fundação**

**Cartas
aos Pais e
Parentes
(02/6/1849 a
08/9/1849)**

Texto:

*DR. HERMANN
BRUNO OTTO
BLUMENAU**



Carta Nº 17

Hamburgo, 2 de junho de 1849.

Minha querida mãezinha!

Em vez de vir pessoalmente para quarta ou quinta-feira viajar com você à Hasselfelde, infelizmente preciso escrever-lhe que me informei mais a respeito do magnetizador e falando com ele resolvi tentar o tratamento, que me custará pouco, ou nada, caso ele não me curar.

Começo o tratamento amanhã, porque ainda tenho muito que fazer e andar nestes dias. O médico disse que se ele puder transportar-me ao sono magnético, o caso estaria resolvido em três ou quatro dias, do contrário levaria 14 dias para melhorar minha audição. Ele me deu grandes esperanças. Talvez meus olhos também melhorem, mas ele não pode prometer nada, a não ser que o problema não progrida. O homem parece confiável e quero tentar a cura com ele.

É possível que precise ficar aqui ainda 14 dias, por isso vou procurar um alojamento barato um pouco afastado da cidade, porque não posso ficar tanto tempo com os Schröder.

Seria detestável se gastasse dinheiro novamente com a longa permanência e não recebesse retorno. Esta será a última tentativa. A história da água fria está sendo sempre adiada e o tempo passa e tudo custa dinheiro. Deus me livre!

Terminei meus negócios. Como aqui todos estão com medo do que está para vir, eu também não iniciei nada e já teria partido amanhã se não quisesse experimentar o magnetizador.

* Natural da Alemanha – Hasselfelde, fundador da Colônia Blumenau em 02/9/1850.

Tradução: **Valéria Mailer.**

Passe bem, minha boa mãezinha e vá tranqüila para casa, caso você não possa ou não queira me esperar. Deus permita que eu os reencontre curados.

Lembranças a você, Agnes e Götter.

Seu filho fiel,

H. Blumenau

(A carta anexa entregue, por favor, em Blankenburg).

Carta Nº 18

Lauterberg, 5 de julho (provavelmente agosto) de 1849.

Minha mãezinha do coração!

Em resposta a sua carta e anexos, pelos quais muito agradeço, apresso-me a dizer, que estou pronto, a satisfazer o seu pedido e interromper meu tratamento por alguns dias para participar do encontro da família em Hassefelde.

(Ele descreve como e quando poderia ir, pede para ser apanhado por Braunlage de carruagem.)¹

Minha permanência aqui custa-me diariamente cerca de uma moeda de prata – o mesmo que antigamente em Ilmenau. Dr. Ritscher é um excelente médico e estou muito satisfeito por tê-lo encontrado, pois, caso contrário, o tratamento da água poderia ter prejudicado muito meus olhos. Agora deve haver aqui quase 50 banhistas.

O tempo estava e continua ruim, chuvoso e frio, o que também não favorece meu tratamento. Mas vai indo e acho que deve me fazer bem.

Fique bem, querida mãezinha, etc. etc.

Seu filho fiel

H. Blumenau

Carta Nº 19

Lauterberg, 19 de agosto de 1849.

Minha mãezinha do coração!

¹ Esta carta está incompleta. O compilador da mesma, Sr. Theo Klein, omitiu trechos particulares quando as transcreveu para seu uso próprio.

É muito bom para mim que nos encontremos todos em casa no outono, pois desta forma não preciso interromper meu tratamento e posso fazer tudo sucessivamente. Deus queira que tenhamos tempo bom no outono. Aqui até agora esteve bastante ruim, com exceção de alguns dias, e hoje também está bem frio.

Não devo permanecer aqui por mais de quatro semanas. Neste ínterim quero continuar o tratamento, para ser curado, se não de todo, o máximo possível. Meu estômago melhorou um pouco, e disto devo estar curado, e penso que deve ser bom para minha pele.

(Ele pede para a mãe enviar-lhe seu casaco branco, pois já não pode mais aparecer com seu atual paletó. Descreve como deve enviá-lo)

Fique bem, querida mãezinha, etc. etc.

Seu filho fiel,

H. Blumenau

Carta N° 20

Lauterberg, 8 de setembro de 1849.

Minha querida mãezinha!

Para não ofender Emilie e também Kunickens devo visitá-los por dois ou três dias, mas não quero interromper nem encurtar meu tratamento por causa disto e penso partir para Duderstadt dia 16 ou 17 deste mês e ir com o correio para Heiligenstadt e de lá para Ershausen. Mais do que três dias não ficarei de jeito nenhum, estarei de volta dia 22 no mais tardar, e penso então em seguir no mesmo dia ou 23, domingo, para Hasselfelde. Como? Isto ainda escreverei,etc. etc.

.....
Recebi a carta de Hackradt.

Fique bem, etc. etc.

Seu filho fiel,

H. Blumenau

Crônicas do Cotidiano

O Dia de Fazer Doces de Natal

Texto:

URDA ALICE
KLUGER*

BLUMENAU
em Cadernos

Hoje em dia, qualquer supermercado vende doces de Natal, em saquinhos de plástico ou bandeijinhas, de modo que as donas-de-casa já não precisam mais gastar um precioso domingo de dezembro para fazê-los.

Na minha infância, porém, fazer doces de Natal era um dos rituais do Advento. Eles era feitos num domingo, quando toda a família estava em casa e podia ajudar, e gastava-se um dia inteiro na sua confecção.

Eu nunca gostei de acordar cedo, e, assim, quando saía da cama, minha mãe já estava preparando a primeira massa do doce de Natal, misturando os ingredientes de uma receita que ainda possuo, antiga receita que, calculo, tenha séculos de existência. Eram uma massa amarela, em que ia trigo, ovos, açúcar e outras coisas, e que levedava com sal amoníaco, estranha coisa que se comprava por grama, na venda mais próxima, à qual chamávamos “salamonico”.

A casa da gente virava de pernas para o ar, no dia de fazer doces de Natal, com a mãe da gente a fazer massas e mais massas, o pai da gente a esticar as massas com rolo de macarrão, e a gente a fazer confusão, cortando as massas esticadas com forminhas de ferro, transformando-a em pinheirinhos, papai-noéis, anjos e estrelas. Cada figura cortada era colocada em formas de fazer cuca, velhas formas enegrecidas pelo tempo e pelo forno, nas quais se passava gordura e se polvilhava com farinha de trigo, antes de deitar nela os docinhos.

Chegava, então, a vez do forno, grande forno de tijolos onde se fazia pão nos tempos normais, mas que naquele dia de confusão ficava lotado de formas e mais formas de doces de natal.

* Escritora e membro da Academia Catarinense de Letras.

Era necessário que os docinhos não assassem demais, ao mesmo tempo que se continuava fazendo massa, esticando massa, cortando massa, a mãe da gente brigando porque se estava cortando errado a massa, todo mundo ficando nervoso dentro de casa quando a coisa se acelerava com as primeiras formas saindo do forno.

De tarde, vinha a parte melhor: docinhos assados, era tempo de enfeitá-los. Havia uma receita de glacê, e nós, crianças, lambíamos mais glacê do que batíamos, e de novo a mãe da gente ficava braba e a gente saía apanhando. Glacê pronto, gente grande, responsável, como minha mãe e meu pai, passavam o glacê cuidadosamente em cada docinho, enquanto que nós, crianças, ficávamos encarregadas de enfeitar os doces com açúcar colorido. Cada cor de açúcar era colocado numa tigelinha de pirex, e nós íamos escolhendo as cores e enfeitando os doces. É claro que botávamos tanto açúcar colorido na boca quanto no glacê fresco, ficando com a língua azul, roxa e verde, e antes de acabar a atividade, todos já tínhamos apanhado de novo.

Formas e mais formas de doces enfeitados voltavam ao forno, para secar o glacê, e lá no final da tarde estávamos com uma gloriosa coleção de doces de Natal prontos. Com um suspiro, minha mãe os guardava em grandes latas que existiam exclusivamente para isso, onde eles se manteriam como novos por muito tempo, e a cada dia comeríamos alguns, e eles durariam até lá por janeiro ou fevereiro.

Cansada de se incomodar conosco o dia inteiro, minha mãe nos mandava para o banho e ia fazer o jantar. Continuávamos com as línguas roxas, azuis e verdes, e tínhamos, cada um, apanhado diversas vezes naquele dia, mas que dia feliz que tinha sido! Aquele dia de fazer doces de Natal era a certeza de que o Natal estava chegando mesmo, de que Papai Noel logo viria, de que a magia chegara definitivamente e estava no ar, acima de nós, esperando pela noite de Natal.

Depois do banho, já com roupas limpas, bem passadas a ferro, dávamos um jeito de nos comunicarmos com os primos da vizinhança - doces de Natal era coisa que se fazia em quase todas as casas no mesmo dia - e todos eles estavam com as línguas coloridas, todos tinham apanhado, e todos estávamos felizes. Então ouvíamos as cigarras cantando nas árvores próximas, e sabíamos o quanto aquele dia fora bom!

Fico com muita pena quando vejo, hoje, os doces de Natal prontos, nos supermercados. Perdemos um dia lindo das nossas tradições - as novas gerações já não lambem mais tigelas de glacê, nem apanham mais das mães num dia de dezembro cheio de cigarras cantando!

História & Historiografia

A Visita de Getúlio Vargas a Blumenau em 1940 e seus Significados

Texto:

**MÉRI
FROTSCHER***

BLUMENAU
em Cadernos

Em Joinville, como em Blumenau, o Presidente sentiu o resultado fecundo do trabalho em todas as suas variadas manifestações e pode aquilatar quanto se pode esperar da operosidade da gente que povôa aqueles rincões¹.

O presente artigo é uma adaptação do quarto capítulo de minha dissertação de Mestrado intitulada *Etnicidade e Trabalho Alemão: outros usos e outros produtos do labor humano*², defendida junto à Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Este artigo analisa a visita do presidente Getúlio Vargas a Blumenau, em março de 1940, em plena época de Nacionalização das colônias teuto-brasileiras. Naquele momento houve a visualização de conflitos de caráter étnico-cultural³ e inclusive a resignificação do que se considerava ser "teuto-brasileiro". Analisa-se o discurso proferido por Vargas naquele momento, no intuito de situar a população teuto-brasileira no projeto estado-novista, pelo que é imprescindível uma breve introdução acerca da conjuntura nacional da época e o significado do seu projeto.

O Estado Novo (1937-1945) foi um momento de significativa importância na história do

* Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

¹ Impressões de Getúlio. A Notícia, Joinville, 12.03.1940, p. 2.

² FROTSCHER Méri. *Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano*. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.

³ COELHO, Ilanil. *Joinville e a Campanha de Nacionalização*. São Carlos - SP, 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de São Carlos. P. 09.

Brasil. Naquele momento, o poder público investiu maciçamente na implantação de um projeto de construção do cidadão-trabalhador brasileiro, projeto este idealizado desde o advento da República. O trabalho foi eleito o meio fundamental pelo qual se promoveria a regeneração social do país. O poder público passou a vigiar o mundo do trabalho e o espaço fabril, visando ajustá-lo ao novo universo fordista. A própria vida cotidiana das pessoas fazia parte deste projeto político. O Estado atuou nos universos íntimos da moradia, família e lazer⁴. Através da positivação do trabalho pretendia-se formar uma matriz racial do brasileiro.

O culto ao trabalho pelo Estado chegou a provocar a censura de músicas nos desfiles carnavalescos, gravadoras e estações de rádio que de algum modo referiam-se à malandragem. Sugeriu-se aos letristas de músicas a promoverem uma "abordagem mais positiva do trabalho e a exaltação dos trabalhadores, ao invés de promover o culto da malandragem"⁵. No próprio artigo 132 da Constituição do regime, mencionava-se como obrigação do Estado, "promover a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-lo ao cumprimento dos seus deveres para com a economia e a defesa da Nação"⁶. A Constituição também criminalizou o não-trabalho, definindo a noção de cidadania pelo trabalho, pela ocupação do indivíduo. Portanto, o Estado Novo impôs de uma vez por todas o projeto civilizador republicano.

A despolitização da sociedade, em especial a do operariado, era um dos propósitos do Estado Novo. Para tanto, promoveu a cooperação entre o capital e o trabalho, através da construção de um sistema sindical totalmente atrelado aos seus interesses. O corporativismo impedia uma interlocução direta entre patrões e empregados. Em Blumenau, durante a mencionada visita de Getúlio Vargas, operários das indústrias locais chegaram a participar do desfile organizado por representantes da indústria e do comércio blumenauenses. A ligação entre o Estado e o operariado foi então simbolizada pelo ritual no qual um operário da cidade entregou um valioso bronze ao presidente. Contudo, o Estado criou um distanciamento entre aqueles dois segmentos classistas, quan-

⁴ Sobre isto ver DUARTE, Adriano Luiz. Cidadania e exclusão: Brasil 1937-1945. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo.

⁵ LENHARO, Alcir. A sacralização da política. Campinas: Papirus, 1986. p. 40.

⁶ PRIMEIRO CONGRESSO DE BRASILEIRIADE (1: 1941). Unidade Étnica. 1941 (contribuição do professor Deodato de Moraes. p. 15. Biblioteca da UFSC - Setor de Santa Catarina.

do afirmava ser o sindicato um órgão de "adestramento do operariado"⁷.

A nível de Santa Catarina, a imigração estrangeira, defendida pelas elites e pelo governo catarinense desde o século XIX, passou a ser vista, a partir dos anos 30, como problema nacional, uma vez que o Estado Novo elegeu como seu ideal a construção da brasilidade. À medida que as relações de poder dominantes viram-se crescentemente ameaçadas pela afirmação de práticas autônomas dos teuto-brasileiros, a imigração tornou-se incômoda. Quando o que estava em causa era a brasilidade, os imigrantes e seus descendentes nascidos no Brasil tornaram-se um problema.

O Estado Novo então, sistematizou a doutrina do branqueamento de Sylvio Romero, um intelectual atuante no final do século passado e início deste, crítico do "enquistamento étnico" dos alemães⁸. Este intelectual era profundamente comprometido com discussões acerca da construção da brasilidade.

A doutrina do branqueamento já havia provocado debates entre nativistas e teuto-brasileiros no início do século. A questão da assimilação dos grupos étnicos estrangeiros aparecia como uma das motivações da reforma do ensino público de Santa Catarina, iniciada em 1910 no governo de Vidal Ramos. A presença de "escolas estrangeiras" no estado, isto é, escolas que transmitiam valores culturais do país de origem do imigrante alemão e italiano, motivava naquela época uma nacionalização do ensino. A partir de 1911 até 1938, a influência do professor Orestes Guimarães, responsável pela reforma em Santa Catarina, foi marcante na política nacionalizadora do ensino. Contudo, este processo teve um cunho liberal, começou com uma ação indireta visando uma assimilação cultural progressiva⁹.

Contudo, a partir de 1935, empreendeu-se uma agressiva política nacionalizadora nas colônias alemãs do sul do Brasil, visando uma assimilação cultural coerciva. Durante este período, o Estado empenhou-se em inventar uma

⁷ É importante frisar que as práticas e experiências do operariado não se reduziam aos limites do sindicato. Em Blumenau, por exemplo, as práticas da Associação Profissional dos Trabalhadores das Indústrias de Fiação e Tecelagem, fundada em 1941, enquanto instituição à serviço do Estado, diferiam da experiência do movimento operário. Este inclusive chegou a deflagrar greves na cidade, em 1945, 1949 e 1950.

⁸ WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos: os teutos e o Estado Novo em Ijuí. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (org.). Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história Canoas; ed. ULBRA, 1994. P. 106. Ver também, sobre a obra de Sílvia Romero: MAGALHAES, Marionilde Dias Brepohl. Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil. Campinas, 1993. Tese (Doutorado em História) - Unicamp. P. 65/71.

⁹ FIORI, Neide Almeida. Aspectos da evolução do ensino público. Florianópolis, 1975. Sobre o assunto ver também MONTEIRO, Jaecyr. Nacionalização do ensino: uma contribuição à história da educação. Florianópolis: Ed. daUFSC, 1983.

nação unificada, homogeneizada e portadora de um único tipo de trabalhador: o nacional¹⁰. Também investiu maciçamente na erradicação das instituições sócio-culturais teuto-brasileiras, como clubes, associações desportivas e culturais, "escolas alemãs", etc., na proibição de publicações de livros, jornais e periódicos em língua alemã, e na proibição do uso da mesma língua. O tenente cearense Rui Alencar Nogueira, agente da Campanha de Nacionalização em Blumenau, estranhava os "nomes estrangeiros" nas placas identificadoras das casas comerciais e o fato de pessoas preferirem falar o alemão ao português, considerando por isto a cidade "esquisita" e com costumes estranhos ao povo brasileiro. Com a Campanha de Nacionalização, qualquer veiculação da germanidade passara a ser proibida. Esta campanha colocou em prática, portanto, o projeto assimilacionista proposto pelos intelectuais defensores da teoria do branqueamento do início do século.

Fatos como a emergência da Alemanha unificada como potência imperialista e principalmente a criação da Liga Pangermânica em 1891, foram motivos para que o Estado Novo introduzisse no Brasil a idéia de "perigo alemão". A Liga Pangermânica tinha uma proposta expansionista baseada na idéia da superioridade da raça alemã e na tese do espaço vital. Propunha a categoria do *Auslanddeutsche* (alemão no estrangeiro), que contrariava a noção de *Deutschbrasilianer* (teuto-brasileiro), pois descartava a vinculação dos descendentes de alemães ao Brasil, através da cidadania¹¹. O pangermanismo contribuiu para que os nativistas acirrassem ainda mais os debates sobre a assimilação dos teuto-brasileiros à "Nação brasileira".

Na verdade, como a noção de progresso estava indissociada da idéia de unidade nacional, reforçou-se o anti-germanismo como estratégia de reunir os indivíduos em torno do sentimento de brasilidade, até porque pelos poucos adeptos que teve entre os teuto-brasileiros, o pangermanismo não chegou a se constituir em ameaça à soberania nacional.

O encarregado da Campanha Nacionalizadora em Santa Catarina foi o interventor federal Nereu Ramos, governador entre 1935 e 1945. O projeto de Nereu Ramos, completamente atrelado aos interesses do Estado Novo, orienta-

¹⁰ CAMPOS, Cynthia Machado. Controle e normatização de condutas em Santa Catarina (1930-1945). São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Católica de São Paulo. p. 19.

¹¹ Como visto no primeiro capítulo, o conceito *Deutschtam* (germanidade) ressaltava o pioneirismo do colono e o papel civilizador do imigrante alemão (residindo af a prova da cidadania em relação ao Brasil), afirmando também uma nacionalidade herdada pelo sangue e perpetuada pela manutenção de valores étnicos e culturais (eram contrários, portanto, a uma integração à Nação brasileira).

va-se no sentido de forjar uma identidade homogênea entre a população catarinense. Conforme Cinthia Machado Campos, "o crescimento das preocupações com as possibilidades de dispersão territorial e cultural, no sentido de que poderiam levar a uma total perda de controle, por parte do Estado"¹², teria justificado a adoção de uma prática intervencionista sobre as colônias alemãs e italianas.

Estes ideais integradores já estavam ligados ao governo de Adolpho Konder (1926-1930) e de Aristiliano Ramos, entre os anos de 1933 e 1934. Este último aumentou os impostos sobre o capital investido em atividades econômicas, atingindo fundamentalmente os descendentes de alemães. Também controlou o uso da língua nacional nas escolas e dividiu Blumenau em quatro novos municípios. Assim sendo, Blumenau, cidade mais populosa do estado em 1920, teve sua população diminuída em 36%, conforme o censo de 1940.

As intervenções sobre as êx-colônias alemãs foram acentuadas durante a gestão de Nereu Ramos. A diversidade cultural catarinense, forte e resistente à homogeneização pretendida, tornou o estado uma região estratégica, motivo pelo qual muitas solenidades oficiais aqui tiveram palco, como o IX Congresso Brasileiro de Geografia, e a própria visita de Vargas às cidades de colonização alemã, em março de 1940¹³.

Aproveitando sua ida a Porto Alegre, Getúlio Vargas atravessou o estado de Santa Catarina no evidente propósito de se popularizar perante as colônias alemãs de Joinville e do Vale do Itajaí. O sentido de sua visita é semelhante ao que Jacques Revel dá às longas viagens empreendidas pelos soberanos franceses desde o século XIV, ou seja, visavam restabelecer um poder e um reino que pareciam ameaçados. A viagem é "uma forma privilegiada que permite à soberania pública fazer-se reconhecer, construir a sua legitimidade e reforçar a sua autoridade em contato com o território nacional"¹⁴. A crença no "perigo alemão" enquanto ameaça à unidade nacional, tornava urgente a necessidade de visitar as colônias do sul do país. Bastou o Estado se sentir desprotegido, menos legítimo, para reinventar a velha forma do regresso ao território¹⁵.

Visando criar expectativas entre os moradores do Vale do Itajaí e Joinville, o presidente resolveu partir do Rio de Janeiro, em direção a São Francisco do Sul - SC, por via marítima. Geralmente preferia viajar de avião. Chegando em Blumenau em 10 de março, acompanhado do interventor estadual

¹² CAMPOS, Op. Cit., p. 64.

¹³ Ibid.p. 54.

¹⁴ REVEL, Jacques. A invenção da sociedade. Lisboa: Difel, 19X9. p. 114.

¹⁵ Ibid., p. 111.

Nereu Ramos e do prefeito municipal José Ferreira da Silva, foi recebido com muita pompa no Teatro Carlos Gomes. Promoveu-se um verdadeiro espetáculo físico da soberania do presidente. Diante do teatro, Vargas assistiu a um desfile de escolares, do corpo de ciclistas e motociclistas, do 32º Batalhão de Caçadores e de operários de grandes indústrias blumenauenses. Através do desfile, a presença do presidente assume simbolicamente o aspecto de uma "passagem em revista" para pôr o "reino" em ordem¹⁶.



Desfile de operários da Empresa Eletro Aço Altona, defronte ao palanque oficial, durante visita de Getúlio Vargas a Blumenau, em 10.03.1940¹⁷.

Além de fazer um reconhecimento do território do Vale do Itajaí, a viagem de Vargas era um meio de fazer a própria cidade se reconhecer. Em seu longo discurso, proferido no teatro de Blumenau, elogiou a "capacidade de pro-

¹⁶ Ibid, p. 107

¹⁷ Não consta nome do autor. Sem título. Blumenau, 1940. 1: preto e branco, 13,5 x 9 cm. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, pasta 5.15.4 - Visitas Ilustres - Presidentes Brasil.

dução" e o "desenvolvimento progressista" dos teuto-brasileiros¹⁸. Assim, visando impulsionar a modernidade, Vargas apresenta às colônias alemãs a sua própria riqueza. Vargas refere-se à colonização alemã elogiando insistentemente o esforço solitário dos imigrantes frente a um isolamento cultural que ele explica como resultado de um descaso dos próprios governos. Para ele, os governos anteriores não construíram estradas e escolas.

Em *A Invenção da Sociedade*, Jacques Revel também mostra como o presidente francês durante sua viagem pela França após a segunda guerra mundial, insistentemente evocava a história daquele país, para reunir os homens em torno da reconstrução nacional¹⁹. Vargas faz uso deste mesmo recurso, diante do "perigo alemão" e do seu projeto de construção da "Nação", ao apresentar o "sul do Brasil ao sul do Brasil":

Dir-se-á que custaram muito a assimilar-se à sociedade nacional, a falar a nossa língua. Mas a culpa não foi delles: a culpa foi dos governos que os deixaram isolados na mata, em grandes nucleos, sem communicações. Aquilo que os colonos de então pediam era o binômio cuja resultante deveria sair a sua prosperidade. Só pediam duas coisas: escolas e estradas, estradas e escolas (palmas, muito bem). Estradas para que o producto do seu trabalho pudesse ser transportado (...) Pediam estradas afim de que, atravez dellas, se carresse a sua riqueza, producto do seu labor (...)²⁰

No momento em que os teuto-brasileiros eram vítimas da Campanha de Nacionalização, Vargas tenta conquistar entre eles a confiança ao regime. Com este propósito, usa elementos da própria ideologia étnica teuto-brasileira, como a questão da omissão estatal para com as colônias alemãs: "No valle deserto, no meio de imensas florestas, foram deixados ao abandono"²¹. A ideologia étnica teuto-brasileira havia enfatizado bastante esta questão no período anterior ao Estado Novo, considerando o isolamento das colônias responsabi-

¹⁸ O discurso de Blumenau. Cidade de Blumenau, Blumenau, 16.03.1940. n. 44, p. 01.

¹⁹ Ibid, p. 115.

²⁰ O discurso de Blumenau. Cidade de Blumenau, Blumenau 16.03.1940. n. 44, p. 01. O trecho citado evidencia uma das metas do Estado em superar o mundo rural. A colonização do interior do país era tida como a urgência nacional da época. Para tanto, foi feita uma verdadeira "cirurgia urbana" na sociedade. Na década de 40 o Estado Novo promoveu a intervenção do espaço urbano para viabilizar os suportes necessários à ampliação dos lucros, principalmente industriais. Sobre isto ver DUARTE, op. cit., p. 10.

²¹ O discurso de Blumenau. Cidade de Blumenau, Blumenau, 16.03.1940. n. 44, p. 01.

dade do governo²². Na própria história de Blumenau, mais precisamente no final do século passado e início deste, existia um ranço político teuto-brasileiro frente aos governos estadual e federal, acusados de descaso para com os problemas das colônias alemãs. Este foi o motivo principal, inclusive, para a fundação da *Volksverein*²³ em 1899, na cidade de Blumenau, entidade com fins políticos formada exclusivamente por teuto-brasileiros.

Por outro lado, quando Vargas toma a omissão estatal como justificativa para o isolamento dos teuto-brasileiros não reconhece a possibilidade de resistência dos mesmos em se nacionalizar, o que de fato houve. O Interventor Federal em Santa Catarina, Nereu Ramos, teve que promover uma "política de conciliação" em Blumenau, face a existência de focos de resistência à normatização promovida pelo governo²⁴.

Quando o presidente glorifica a riqueza das colônias alemãs em Santa Catarina e sua inclinação para a atividade industrial, as transforma em exemplo a ser seguido pelo país. O trabalho dos colonos é elogiado, pois no Estado Novo, o trabalho é representado como o único meio possível para a superação da pobreza: "(...) A pobreza que, por muitos séculos, fora vista como inevitável e até útil por funcionar como um estímulo ao trabalho, passou a ser considerada uma ameaça e um perigo ao desenvolvimento das relações capitalistas"²⁵.

O Estado Novo havia rompido com a política agrícola da República Velha, instituindo o fordismo nas relações de produção, baseado fundamentalmente na intensificação da produção, melhoria técnica, redução de custos e produção em massa. O tempo agrário é sobrepujado pelo ritmo frenético dos

²² SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, op. cit., p. 14.

²³ A *Volksverein* - Sociedade Popular, foi fundada em 1899 por indivíduos teuto-brasileiros de Blumenau. Em pouco tempo apareceram sociedades similares em São Bento do Sul, Joinville, Brusque, São Pedro de Alcântara, Araranguá, Laguna, Tubarão, Imaruê e Palhoça, chegando-se a fundar o *Volkspartei* - Partido popular, em 1901, em Congresso convocado pela *Volksverein* de Blumenau. Apesar de se auto-identificar como uma "sociedade puramente política", a *Volksverein* fazia amplo uso da etnicidade como estratégia de mobilização política. Pretendia levar ao comando político indivíduos de origem alemã e formar o maior número de eleitores entre a comunidade teuto-brasileira, para assim acabar com o sistema de "tutelação política", em Blumenau e no estado. Sobre este tema ver FROTSCHER, Méri. A "*Volksverein*" e seu projeto político. Florianópolis, 1995. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Santa Catarina; SEYFERTH; Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 26, out./94.

²⁴ CAMPOS, op. cit., p. 15/6.

²⁵ GOMES, Angela Castro. Apud DUARTE, op. cit., p. 74.

novos tempos, pela vertigem da velocidade²⁶. As oportunidades de mercado abertas pela Segunda Guerra Mundial fizeram com que o regime, em agosto de 1942, chegasse a restaurar as 10 horas de trabalho diárias, a pedido dos industriais²⁷. Neste mesmo ano, o Brasil declarou guerra à Alemanha.

No discurso de Vargas em Blumenau, observa-se como o Estado Novo fez, nas palavras de Alcir Lenharo, um contrabando da liturgia católica para a "liturgia política". O ato de trabalhar aparece como sacrifício, vinculado a uma leitura religiosa: "ganharás o pão com o suor do teu rosto". O trabalho é visto como uma ação pedagógica que garante a perfeição moral do ser humano²⁸.

(...) Ser brasileiro é amar o Brasil. É ter o sentimento que Ihes permite dizer: "O Brasil nos deu pão, mas nós Ihe daremos sangue" (aplausos). É ter o sentimento de brasilidade, pela dedicação, pelo affecto, pelo desejo de concorrer para a realização dessa grande obra, na qual todos somos chamados a colaborar, porque só assim poderemos contribuir para a marcha ascensional da prosperidade e da grandeza da Pátria²⁹.

No discurso de Blumenau, Vargas afirma que a dedicação ao trabalho do descendente de imigrantes era um sinal de afirmação de sua cidadania. A ideologia étnica teuto-brasileira sempre reivindicou o direito de cidadania brasileira aos descendentes de alemães pela afirmação de sua dedicação ao trabalho. Esta idéia foi então manipulada por Vargas no intuito de fortalecer a popularidade da ideologia Estado-Novista perante as colônias alemãs, diante do processo nacionalizador que ali se promovia.

Os anos 30 são caracterizados por uma série de fatos que acirraram o germanismo em Blumenau. O fato da Alemanha ter suplantado a crise pós-1ª Guerra, tornando-se novamente uma potência mundial, foi um argumento forte para a dignificação da "capacidade de trabalho alemã", inclusive entre os teuto-brasileiros de Blumenau. A própria ascensão do Nazismo foi fator importante no acirramento do germanismo, apesar da pouca expressividade local a nível de filiados. A Primeira Guerra abriu o mercado nacional à indústria de Blumenau, em virtude da substituição das importações. Além deste fato, entre os anos de

²⁶ Esta mudança é inclusive tema de poemas e sambas enredo na década de 30, como o poema "Café Expresso" de Cassiano Ricardo: "Estou com pressa, muita pressa".

²⁷ DUARTE, op. cit., p. 108.

²⁸ LENHARO, op. cit., p. 87.

²⁹ Discurso de Blumenau. Cidade de Blumenau, Blumenau, 16.03.1940. n. 44, p. 01.

1918 e 1955, houve um alargamento da fronteira agrícola e expansão populacional e econômica de Blumenau. Esta conjuntura serviu de argumento para dignificação do Vale do Itajaí baseada no sucesso econômico da região.

O elemento "trabalho alemão" sempre serviu de argumento para se afirmar a cidadania do teuto-brasileiro. Este argumento vinculava-se à idéia do pioneirismo do imigrante alemão que, com sua obstinação, superou todas as dificuldades que o meio lhe colocou, transformando selva em uma área dinâmica, graças à "eficiência alemã"³⁰. O trabalho, além de afirmar a cidadania brasileira dos descendentes de alemães, também justificaria o direito à preservação dos costumes e tradições alemãs.

Aí residia a controvérsia: o Estado Novo pretendia a construção da brasilidade, era contrário, portanto, ao cultivo daquelas tradições, motivo pelo qual instituiu a Campanha de Nacionalização. A afirmação trabalho "alemão" não poderia, de forma alguma, aparecer como justificativa para a afirmação da cidadania brasileira. A ideologia étnica teuto-brasileira e o Estado Novo diferiram quanto à questão da nacionalidade, mas ambos afirmavam a cidadania brasileira dos descendentes de imigrantes alemães no Brasil.

Necessário aqui se faz diferenciar a ideologia étnica teuto-brasileira da ideologia nazista, uma vez que muitos agentes da nacionalização no sul do Brasil confundiam qualquer expressão de germanidade com nazismo. Este último, na verdade, radicalizara o Deutschtum. Para o nazismo, a comunidade nacional alemã, fundamentada em torno da concepção de mundo nacional-socialista, era representada não só pelos nascidos em solo alemão como pelos descendentes de alemães no estrangeiro. Assim, o teuto-brasileiro deveria ser regermanizado ao invés de se assimilar ao país que o acolheu. Portanto, nenhum alemão ou descendente poderia ter dupla cidadania. Isto entrava em choque não só com o Estado Novo como com a própria ideologia étnica teuto-brasileira que, apesar de afirmar a nacionalidade alemã do teuto-brasileiro, afirmava a sua cidadania brasileira. Por isso, a xenofobia, uma das principais características dos agentes nacionalizadores, provocou uma verdadeira campanha anti-nazista.

Conforme Jacques Revel, a eficácia da viagem do soberano é, em primeiro lugar, simbólica³¹. A brasilidade pretendida pelo Estado Novo fez-se simbolizar, durante a visita de Vargas em Blumenau, através de magnífica execução do hino nacional a oito vozes, sob a regência do maestro Hans Geyer. Simbolizou-se a brasilidade também através das longas e largas faixas verde-amarelas que foram estendidas na fachada externa do Teatro Carlos Gomes, e

³⁰ COELHO, Ilanil. op. Cit., p. 55.

³¹ REVEL, op. cit., p. 117.

de inúmeras bandeirinhas nacionais distribuídas entre os populares que assistiam ao desfile. Em nome de seu projeto nacional, Vargas apelou para que os blumenauenses tomassem parte na grande "marcha ascensional da prosperidade e da grandeza da Pátria". Este projeto ficou inclusive simbolizado na "marcha" do presidente pela rua XV de Novembro, rumo ao palanque oficial.



"Marcha" dos blumenauenses durante visita de Getúlio Vargas, em 10.03.1940, na rua 15 de Novembro-Blumenau: a simbolização da construção da brasilidade³².

Sendo assim, como ficavam os teuto-brasileiros no projeto de construção do trabalhador nacional dos anos 30 e 40? Apesar da simpatia do Estado Novo pelo projeto nazista de construção de um "tipo físico ideal", como seus objetivos eram a brasilidade e, conseqüentemente, a homogeneidade, era contrário ao cultivo das diferenças. As colônias alemãs foram seu principal alvo no sul do Brasil, nas quais instituiu-se a Campanha de Nacionalização.

³² Não consta nome do autor. Sem título. Blumenau, 1940. 1: preto e branco, 15 x 9 cm. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, pasta 5.15.4 - Visitas Ilustres - Presidentes Brasil.

Contudo, durante a primeira República, os discursos tenderam sempre a desqualificar os catarinenses descendentes da imigração açoriana, tomando-os como indolentes, atrasados, incapazes e doentes. As elites catarinenses produziam essa imagem negativa do habitante do litoral visando promover uma remodelação modernizadora do espaço urbano, que passaria, necessariamente, por mudanças nos hábitos tradicionalmente conservados pelas populações. Em contraposição, atribuía-se a noção de disciplina à nacionalidade germânica ou italiana.

O próprio significado da palavra "colono" erigiu-se em contraposição ao trabalho do brasileiro. A idéia de que o progresso agrícola e industrial do estado estava indissociado da participação do imigrante tinha servido durante muito tempo às elites e ao próprio governo, no sentido de consolidar uma sociedade moderna em Santa Catarina. Contudo, diante do projeto nacionalista de Vargas e da necessidade de valorização do trabalhador nacional, tentou-se priorizar o trabalhador brasileiro em oposição ao estrangeiro.

Para a racionalidade dos anos 30 e 40, a disciplina do trabalho alemão, afirmada em conjunto com a nacionalidade germânica, não mais interessava. A partir daí caberia isolar a nacionalidade germânica, resgatando, porém, a disciplina, para atribuí-la a todo e qualquer trabalhador³³: "toda e qualquer possibilidade de construção, pelo trabalho, da modernidade do país, passou a ser atribuída a um tipo de disciplina semelhante àquela conferida, até então, aos alemães"³⁴. Por isto que, além de subtrair o adjetivo do termo "trabalho alemão", intelectuais catarinenses comprometidos com os ideais do Estado Novo, também investiram na supressão da imagem de indolência do açoriano, recuperando a importância da origem portuguesa.

No caso do discurso de Vargas em Blumenau, quando elogia o "espírito progressista" do imigrante alemão, estava apenas usando um elemento da própria ideologia étnica teuto-brasileira, a capacidade de trabalho, para justificar a Campanha Nacionalizadora e apaziguar os conflitos daí resultantes. É necessário considerar que aquele discurso foi feito especialmente para a comunidade blumenauense, visando ganhar votos de confiança ao regime Estadonovista e não com objetivos de repercutir nacionalmente.

³³ Sobre isto ver CAMPOS, op. cit., p. 62 e 77/78. Historiadores catarinenses dos anos 30/40, como - Oswaldo Rodrigues Cabral, ajudaram a recuperar o açoriano para o trabalho e fundamentaram as invenções nacionalizadoras.

³⁴ Ibid, p. 62.

Os Cafuzos de José Boiteux: reflexões sobre uma comunidade nos 150 anos de colonização do Vale do Itajaí

Texto:

NILSON CÉSAR FRAGA*

Quando comemoramos o sesquicentenário da colonização e ocupação do Vale do Itajaí (SC), defrontamos com uma história marcada pelos diversos grupos étnicos que ajudaram a formar o mosaico cultural que compõe este espaço geográfico. Neste fértil vale barriga-verde chegaram, a partir da segunda metade do século passado, alemães, italianos, belgas, suíços, portugueses, africanos, menonitas, irlandeses e tantos outros, que ajudaram a construir uma das mais importantes regiões geo-econômicas do Brasil.

Na história mais recente, estabeleceram-se no Alto Vale do Itajaí, os Cafuzos, remanescentes da Guerra do Contestado. O presente artigo busca revelar fatos que marcaram o estabelecimento dos Cafuzos no Vale do Itajaí - uma história marcada pelo sofrimento de um povo sem-terra, sem cidadania e com uma identidade que começa a ser construída neste fecundo Vale Catarinense.

No Brasil, sempre que existe um conflito social, dependendo do ângulo que se está analisando, ele pode ser interpretado de várias maneiras. Este é o caso da Guerra do Contestado, que ainda hoje, passados mais de 80 anos do seu término, proporciona várias formas de análise. No Contestado, a fome, a tomada das terras dos pequenos proprietários por grandes multinacionais (apoiadas pela recém-criada república e pelos coronéis) e as pou-

* Docente do Departamento de Geografia da UEM, Geógrafo licenciado pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC; Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá-UEM. Artigo remetido ao XIV Encontro Nacional de Geografia Agrária, Presidente Prudente/SP. E-mail: catarina@npd-lab.uem.br (Nilson Cesar Fraga).

cas perspectivas de progresso deveriam receber muito mais atenção. Os "fanáticos" (termo utilizado de maneira vulgar) eram, nada mais nada menos, que 20 mil pessoas (número bastante representativo se for levada em consideração a população do Estado de Santa Catarina no início do século). E por isso representavam boa parte da gente catarinense que, com um espírito nacionalista, se uniu para defender sua pátria da invasão de empresas multinacionais (que tinham a conivência do governo federal, do governo dos Estados de Santa Catarina e do Paraná).

Ao longo da história, percebemos vários "motivos" que justificaram a concentração fundiária brasileira, muitas vezes o mercado mundial exigia (e vem exigindo) culturas nobres de exportação, nesta perspectiva percebemos que a questão agrária e agrícola são controladas pelos estrangeiros. Quando o mercado não controlava externamente, seu "capital era investido no país", com a instalação de ferrovias que lhes dava amplas glebas de terras pelo território nacional, para especulação, extração vegetal, colonização etc.

"Na época do auge ferroviário as empresas britânicas tinham obtido, amiúde, consideráveis concessões de terras em cada lado das vias, além das próprias linhas férreas e do direito de construir novos ramais. As terras constituíam um estupendo negócio adicional: o fabuloso presente outorgado em 1911 à Brazil Railway determinou o incêndio de inúmeras cabanas e a expulsão ou a morte das famílias camponesas assentadas na área de concessão. Este foi o gatilho que disparou a rebelião do Contestado, uma das mais intensas páginas de fúria popular de toda a história do Brasil."¹

A Guerra do Contestado teve início em 1912. Nesta guerra, a luta foi desigual, os soldados, bem armados, enfrentaram os sertanejos que se defendiam com armas rústicas (inclusive espadas construídas em madeira). Mesmo assim, os sertanejos conseguiram desestruturar a força inimiga, afugentando-a em vários combates. Para os sertanejos, a república era protetora dos latifundiários e dos estrangeiros (no caso, a Brazil Railway Company).

¹ GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. (trad. Galeano de Freitas). Rio de Janeiro, 1978, 4 ed., p. 216.

Com suas tropas, ela havia atacado os "fanáticos" em Irani (SC). Portanto, a república era inimiga dos sertanejos. Era coisa do diabo. A guerra entre eles e o governo começava. A Brazil Railway, sediada em Portland (EUA), rapidamente expandiu seus interesses, controlando vários setores ferroviários, além de investir em frigoríficos, indústria de papel, extração de madeira, negócios de colonização etc., formando um grande conglomerado, administrado no Brasil por Percival Farquhar.

A potência deste truste era de tal ordem que podia ter a seu serviço enorme quantidade de assalariados, com a única função de defender seus interesses expansionistas, sob o manto da lei. Esta companhia, preocupada em explorar com a maior agressividade possível as terras que havia obtido em concessão, organizou uma empresa subsidiária chamada Southern Brazil Lumber and Colonization Company. Esta empresa aumenta sua área de ação adquirindo quase duzentos mil hectares de terras, nas proximidades de Canoinhas (SC). E, passou a explorar as enormes reservas de araucária que ali havia.

Montou duas serrarias, uma em Três Barras (SC) e a outra em Calmon (SC), com capacidade para serrar 300 metros cúbicos de madeira, diariamente. Todas as atividades eram mecanizadas, tornando-se a Lumber, a maior empresa madeireira da América Latina. A madeira era exportada pelos portos de São Francisco do Sul (SC) e Paranaguá (PR). Objetivando rapidamente colonizar as terras que havia obtido em pagamento da construção da estrada de ferro (São Paulo - Rio Grande do Sul), a Brazil Railway, em 1911, tratou de colocar para fora de seus domínios todas as pessoas que ocupavam terras e que não possuíam títulos de propriedade. Tal iniciativa, bem como a própria concessão feita à companhia, contrariava a Lei de Terras de 1850.

Mas o governo do Paraná reconheceu os direitos da empresa. Isto não foi de estranhar, pois, parece que o vice-presidente do Estado, Affonso Camargo, era advogado da Brazil Railway. Os posseiros que ousaram se opor às medidas de despejo, a Brazil Railway enviava elementos de seu corpo de segurança, que contava com mais de 200 homens armados.

É importante salientar que na esteira da questão agrária do Contestado, havia a disputa territorial entre Santa Catarina e o Paraná. Em 1901, Santa Catarina enviou uma ação ao Supremo Tribunal Federal (STF), reivindicando o direito de posse sobre a área em litígio. Obteve ganho de causa em julho de 1904: seus limites com o Paraná ficaram estabelecidos pelos

rios "Sahy-Guassú, Negro e Iguassú". Por três vezes o Estado de Santa Catarina entrou com recurso na STF, ganhando nas três vezes a "Questão de Limites", onde historicamente, eram reconhecidos os 48.000 km² como território catarinense; mas o Paraná insistia em tomar posse da região.

A derrota militar dos sertanejos em 1916, não teria maior sentido, se logo não ocorresse a solução final da contenda entre os dois Estados litigantes. Os 48.000 km² que estavam em disputa, foram então divididos, de maneira que ao Paraná tocou aproximadamente 20.000 km² e a Santa Catarina 28.000 km². Isso por interferência direta do Presidente da República, Wenceslau Bráz, num ato solene, realizado no Palácio do Catete, Rio de Janeiro, no dia 20 de outubro de 1916. O acordo, injustamente, beneficiou o lado paranaense que não tinha direito legal sobre o território em litígio.

A Guerra do Contestado conseguiu, quase que, eliminar os camponeses do interior catarinense. Os poucos que sobraram ao holocausto, passaram a viver, praticamente, isolados no interior do território. Dentre estes, um pequeno grupo passou a ocupar o Alto Vale do Itajaí (SC) a partir da década de 40, isso depois de perambularem pelo Planalto e pelos Faxinais.

Em 1947, a área da Reserva Indígena Duque de Caxias (então no município de Ibirama, hoje em José Boiteux) passou a ser ocupada pelo Grupo Cafuzo, que mesmo isolado na Reserva, mantinha uma convivência estreita com os Xokleng (a reserva indígena é habitada pelo Xokleng, Guarani e Cafuzos; foi criada depois da pacificação de 1914, realizada pelo sertanista a serviço do Serviço Nacional de Proteção ao Índio - SPI, Eduardo de Lima e Silva Hoerhan). O isolamento foi sentido, também, na miscigenação. Como dissemos, o Grupo Cafuzo é formado por remanescente da Guerra do Contestado.

Segundo MARTINS,

"as categorias nativas (quando a língua portuguesa é falada), que em linhas gerais diferenciam, na área, índios de não-índios e brancos de negros, são as seguintes: cafuzo, significando indivíduo de cútis negra que até 1968 era reconhecido, na área, como caboclo e significando, também, indivíduo não necessariamente de cútis negra (...)".²

² MARTINS, Pedro. **Anjos de Cara Suja: Etnografia da Comunidade Cafuzo**. Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC (Dissertação de Mestrado), Ciências Sociais, 1991, p. 40.

Fato este que, na reserva indígena, de todos os grupos, apenas os Cafuzos e os Guaranis possuíam 'status' de 'gente de fora'. Em condições de subsistência, estes dois grupos viviam em situações semelhantes; ao passo que, os Guaranis se destacavam por serem índios e terem determinados direitos ou privilégios que sempre foram negados aos Cafuzos.

O Grupo Cafuzo foi, durante muitos anos, explorado e até escravizado pelos índios da Reserva. A partir da década de 70, a situação começa a mudar, pois a construção da Barragem Norte deu início à destruição completa, sob o ponto de vista ambiental, da área da Reserva.

Desde a sua colonização, o Vale do Itajaí (SC) vem enfrentando calamidades pelo transbordamento dos rios da sua bacia hidrográfica. Com base na enchente de 1957, o extinto Departamento Nacional de Obras e Saneamento - DNOS, projetou um sistema de barragens de contenção na bacia do Itajaí-Açu: a Oeste/Taió (110 milhões m³), a Sul/Ituporanga (97,5 milhões m³) e a Norte/José Boiteux (357 milhões de metros cúbicos de armazenagem de água). As três juntas têm a capacidade de reduzir a lâmina d'água, em Blumenau, no caso de uma grande enchente, em aproximadamente dois metros, além de outras obras estruturais com a finalidade de diminuir o nível das enchentes.

Para dar lugar ao lago da barragem, foram desapropriados 870 hectares das únicas terras aráveis do aldeamento indígena. A desapropriação atingiu a área do Rio Plate até então ocupada pelos Cafuzos - cerca de mil hectares ficou reduzida a menos de dois terços. O território dos Cafuzos foi encolhido para menos de trinta hectares. A diminuição do território fez com que os Xokleng e os Cafuzos passassem a disputar o mesmo espaço. Como proprietários, os Xokleng tinham direito à escolha das terras no aldeamento. A porção de terra ocupada pelos Cafuzos, passou de uma hora para outra, a caracterizar-se como "área nobre".

A convivência entre os grupos deixa de ser pacífica, passando a conflitante. Neste contexto, quase a metade das famílias Cafuzas tiveram que migrar para regiões afastadas da Reserva ou para fora da sua comunidade. Com a mudança de relação entre os grupos, os Xokleng passaram a exigir o trabalho dos Cafuzos na exploração da madeira, transformando estes em assalariados de maneira forçosa e em condições precárias. Muitos Cafuzos morreram ou ficaram inutilizados, quase a troco de nada.

A disputa pelas terras aráveis e o trabalho forçado, levou os Cafuzos a uma migração forçada. A única maneira de garantir-lhes a sobrevivên-

cia e a unidade do grupo seria a criação de uma reserva (assentamento) para os Cafuzos.

O assentamento da Comunidade Cafuza, somente ocorreu em 1990, quando estes receberam a posse da terra totalmente desmatada na qual, conforme os moradores, não existia nenhuma madeira de lei como, canela-sassafrás, peróba, imbuia, cedro; muito menos animais. Uma das saídas encontradas para a subsistência da comunidade, foi o plantio de 75.000 pés de erva-mate e o reflorestamento de eucaliptos em toda a área danificada, ambos fornecidos por órgãos do Estado.

Os Cafuzos, remanescentes da Guerra do Contestado, conseguiram a terra sonhada pelos seus antepassados e negada pelo Estado Brasileiro. Hoje, mais de 100 famílias cafuzas vivem no Alto Rio Leiss, no município de José Boiteux (SC). A terra não é fértil (como a "contestada"), encontra-se em área montanhosa nas cuestas da Serra Geral, de solo pobre e de difícil acesso. Mas o Estado Nacional Brasileiro, em nome da justiça, que lhe é peculiar, mesmo passados mais de 80 anos do genocídio - assentou-os.

Assim, "terminou" um dos conflitos sociais mais marcantes do Brasil. Depois de 82 anos, o que restou foi o orgulho de ter brigado por aquilo que era de todos - a terra! Nem que para isto tivessem que pagar com a própria vida. Hoje "não" ecoa mais nos Campos do Irani: "Nóis não tem direito de terra, tudo é para as gentes da oropa"³. Os Cafuzos, a exemplos dos demais colonos imigrantes, que com muitas dificuldades estabeleceram-se no Vale do Itajaí, vivem hoje e constróem sua cidadania nesta porção do território catarinense.

Referências Bibliográficas e de Apoio:

- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- CABRAL, Osvaldo R. **História de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Laudes, 1970.
- CARVALHO, Abdias Villar de. **Reforma Agrária: Significado e Viabilidade**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- FRAGA, Nilson Cesar. "OBRAS POR MAIS DE UMA DÉCADA"- Estudos do Processo de Construção da Barragem Norte no Município de Jo-

³ Trecho de uma carta encontrada no bolso de um sertanejo morto na Guerra do Contestado.

- sé Boiteux, Santa Catarina (1974-1992). Universidade do Estado de Santa Catarina/UFSC (PIBIC/CNPq). Florianópolis: Relatório CNPq, 1997, 294 P
- FRAGA, Nilson Cesar. *Uma barragem para "salvar" o Vale do Itajaí*. Diário do Alto Vale. Rio do Sul/SC, A. II, n. 217, 3 e 4/05/1997, p. 07.
- FRAGA, Nilson Cesar. *Evolução Histórica de José Boiteux/SC: uma contribuição para o centenário de colonização do Vale do Itajaí do Norte pela Sociedade Colonizadora Hanseática (1897-1997)*. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau (Revista Blumenau em Cadernos), Tomo XXVIII, n. 10 e n. 11, out., nov. e dez./1996, pp. 302-307 e 338-342.
- GALEANO, Eduardo. **As Velas Abertas da América Latina**. (trad. Galeano de Freitas). Rio de Janeiro, 1978, 4 ed., p. 216.
- GRAZZIANO, N. **A Tragédia da Terra: o fracasso da Reforma Agrária no Brasil**. São Paulo: UNESP, 1991.
- LAGO, Paulo Fernando. *As Enchentes: Impactos das Incertezas*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1988.
- MARTINS, Pedro. **Anjos de Cara Suja: Etnografia da Comunidade Cafuza**. Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC (Dissertação de Mestrado), Ciências Sociais, 1991.
- MULLER, Salvio Alexandre. **Efeitos desagradadores da construção da Barragem Norte sobre a comunidade indígena**. Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. (Dissertação de Mestrado), Ciências Sociais, 1985.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- RANGEL, Ignácio. **A História da Dualidade Brasileira**. São Paulo: Revista de Economia Política, v.1, n. 4, out./nov./1981, pp. 5-33.
- SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SCHULLER, Donaldo. **Império Caboclo**. Florianópolis: UFSC/FCC; Porto Alegre: Movimento, 1994.
- WACHOWICKZ, Ruy Cristovan. **História do Paraná**. Curitiba: Ed. Professores, 1967.

O Município De Blumenau

Texto:

ROBERT
GERNHARD*



Com a presente publicação estamos proporcionando aos pesquisadores e leitores uma oportunidade de conhecer uma nova fonte da historiografia do Vale do Itajaí. Trata-se da tradução de um capítulo da obra “Dona Francisca, Hansa e Blumenau”, editada em língua alemã e escrita por Robert Gernhard.

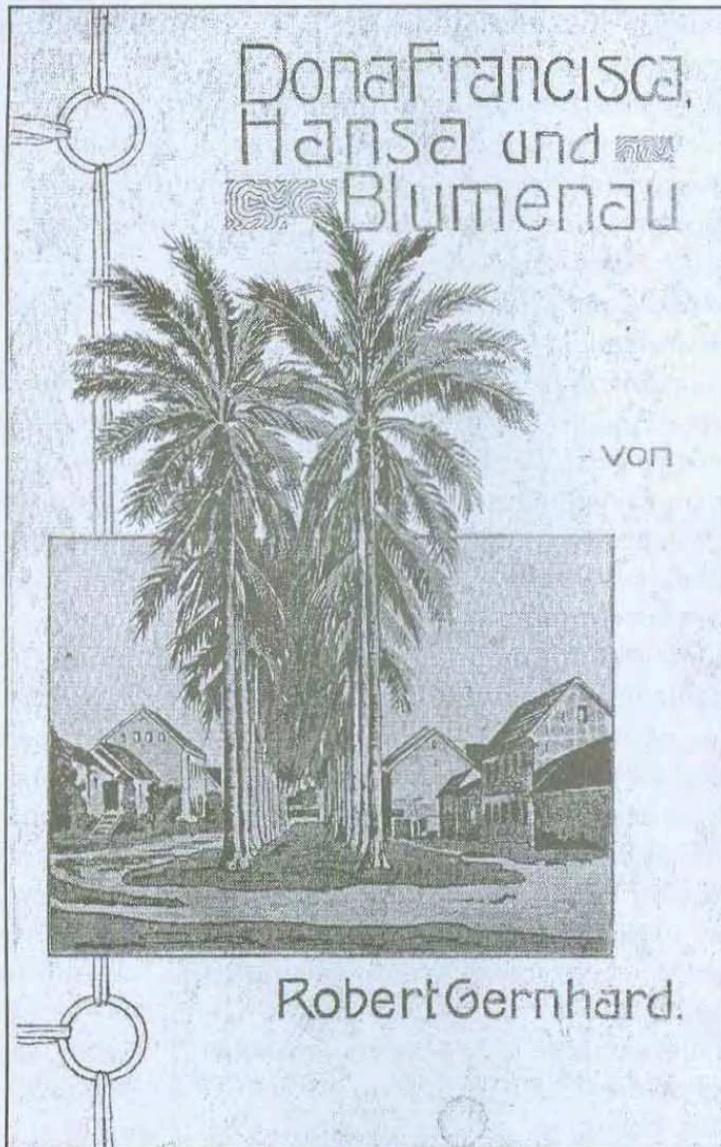
O autor, ex-redator do jornal “Reform” (Joinville), como tantos outros viajantes alemães que estiveram em Santa Catarina, percorreu as regiões de colonização germânica. As impressões destas viagens resultaram em um livro comemorativo do cinqüentenário de Blumenau e Joinville.

Impresso pela editora “Anstalt v. S. Schottlaender – Breslau”, no ano de 1901, publicada em capa dura e colorida, totalizando 424 páginas, incluindo anúncios, ilustrações e reproduções fotográficas.

A obra foi elaborada meticulosamente, e o autor teve a preocupação de registrar os acontecimentos, emitindo a sua interpretação e crítica. O discurso da época provoca no leitor questionamentos sobre o que é possível lembrar e o que se esquece, entre o que está presente e o que desapareceu. A busca da memória faz reviver o mito das viagens, a experiência em terra estranha e procura encontrar referências que indiquem os sinais de identidade.

O capítulo que ora publicamos mostra estes caminhos trilhados pelo autor.

** Tradução: Curt Willy Hennings.*



Aos leitores

A presente edição não tem a pretensão de ser uma obra completa. Ela narra o quanto merece mérito o amor à causa e ao trabalho honesto. O que observei durante longos anos de convivência na luta diária pela subsistência ficou gravado na memória e no coração.

As minhas observações incluem dados de informantes, publicações e informações coletadas em papéis amarelados de velhos amigos que viveram décadas no sul do Brasil e hoje já não se encontram em nosso meio.

Um fiel colaborador de algumas passagens foi o meu velho amigo de Joinville, o comerciante Sr. Arno Uhlermann. Natural de Frankenberg, na Saxônia, ele é um profundo conhecedor de Joinville. Viveu naquela região 18 anos e atualmente está domiciliado em Dresden.

A intenção deste livro é despertar na pátria alemã um caloroso interesse pelos nossos compatriotas, pioneiros da cultura alemã no sul do Brasil.

A sua publicação é uma questão de honra, em virtude da minha convicção do interesse do governo, povo e comércio alemão em relação ao Sul do Brasil. Somente pessoas alheias à realidade sonham em estabelecer colônias imperiais alemãs. Os milhares de imigrantes alemães que procuram uma nova pátria encontram no Brasil espaço onde podem preservar a sua cultura, e uma permanência segura e com suor, trabalho e assiduidade chegaram à prosperidade relativamente em curto espaço de tempo.

Na terra abençoada do sul do Brasil, à noite brilha o Cruzeiro do Sul, com o seu encantamento mágico, e de dia brilha o sol subtropical. Mas não faltam as sombras, não tenho intenções de encobri-las, elas aparecem onde devem aparecer, porém não turvam o aspecto global.

Quando destaco a necessidade do colono alemão do sul do Brasil, adquirir a cidadania brasileira, tenho certeza de que nem todos os leitores concordam comigo. Quero frisar de antemão que não me baseio em experiências próprias, mas num conjunto de experiências colhidas entre aqueles que estão mais de sete décadas radicados nas colônias alemãs do Brasil. E, somente estes estão habilitados a opinar. As condições de vida que o conterrâneo criou para si e os seus, são bem diferentes do que se supõe na Alemanha. Aquele que vivenciou a experiência concordará e compreenderá; e aquele que não a teve, discordará. E a respeito destes, tenho certeza de que o futuro me dará razão.

Algumas ilustrações do livro foram gentilmente cedidas pela Hanseatische Kolonisations Gesellschaft de Hamburgo e extraídas do livro de Giesebrecht "*Die Deutsche Kolonie Hansa Suedbrasilien*" – editado em Berlim por Hermann Paetel. As demais fotografias foram feitas especialmente para este livro.

O autor

Elze, Hannover, verão de 1900.

Introdução

Fatores que influenciaram no aumento e diminuição da imigração alemã para além-mar. - O Sul do Brasil é o destino mais indicado para os imigrantes - A qualificação exigida é o que encontra o imigrante. O colono alemão e a cidadania brasileira - o Sul do Brasil para turista e o campo de aplicação de capital - A concorrência norte-americana.

Desde a transição da era agrícola para a industrial a participação do comércio passou por um processo lento, porém contínuo. Não se pode como outrora, falar de superpopulação, mas sim de uma sub-população generalizada. A conseqüência é um decréscimo do fluxo imigratório para além-mar. A indústria alemã absorve a mão-de-obra e os que almejam, encontram um bom emprego no país.

Nossa agricultura sofre a falta de mão-de-obra e não se pode culpar o trabalhador. A indústria lhe oferece uma ocupação contínua enquanto que dispensa da mão-de-obra na indústria e na agricultura é conseqüência natural das leis de economia.

Na Alemanha, entre 1870-1880, dominava o trabalho agrícola e o excedente de mão de obra elevou o número de imigrantes.

Com o aumento da indústria e do comércio, ocorreu na última década uma metamorfose. Hoje a Alemanha é um país de sub-população. A prosperidade é ascendente e por isso não há motivação física ou espiritual para uma imigração em grande escala.

É compreensível que em nossa pátria pouco se saiba sobre os países que no futuro poderão absorver o excesso populacional de 800.000 habitantes por ano. Já é tempo de se impor e divulgar propagandas escritas, ou fotografadas das regiões que entram em considerações para futuras imigrações.

Nossa intenção não é fazer propaganda imigratória, porém fazer relatos simples, verídicos e precisos para familiarizar o povo alemão sobre regiões que no futuro possam lhe fornecer condições de viver, conservar seus usos e costumes, conseguir sua propriedade e com trabalho assíduo adquirir certa prosperidade.

Não existe no país, além do sul do Brasil, um lugar que possa oferecer melhores condições geográficas do que os Estados do Rio Grande do Sul, Santa

Catarina e Paraná. Entre estes devemos dar atenção especial ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Lá já existe uma população colonial de língua alemã, prova cabal da viabilidade e oferece espaço físico para milhões de imigrantes que no futuro imigrarão para esta querida pátria, na qual terá seu proveito econômico permanente.

Se fôssemos descrever todos os povoamentos alemães, mesmo que sumariamente, resultaria num trabalho caro, volumoso e de longa leitura. Por esta razão, escolhi três povoações do Estado de Santa Catarina: **Dona Francisca, Blumenau e Hansa**. Posso afiançar que são representativas, constituindo-se num monumento do espírito criador alemão no distante Brasil subtropical e um exemplo para o futuro.

Dentro de pouco tempo as duas primeiras colônias completarão o seu cinquentenário de fundação. A colônia Hansa foi fundada recentemente, e se apoia nas primeiras para se desenvolver.

Como nada é perfeito neste mundo, tanto aqui como lá, as condições deixam a desejar e não existe no mundo nenhuma sociedade onde não haja aspirações.

A vida do colono na floresta é pesada e cheia de privações. O fruto do seu trabalho exige muita energia, e quando dono da sua própria terra se sente recompensado por ter atingido o que jamais alcançaria na sua terra natal. Esta força motora se conservou por gerações. Com o auxílio dos membros da família leva uma vida pacata, obediente aos ditames da sua igreja e às leis do país. É um alemão no coração e a palavra cheia de sentimentos de justiça e fidelidade para com seus concidadãos.

Este ideal deve ser aspirado por todo imigrante. Para satisfação do leitor, este pensamento se encontra com frequência entre os concidadãos de Dona Francisca, Blumenau e Hansa.

A vocês, queridos compatriotas, minha fraternal congratulação e aperto de mão. A Dona Francisca e Blumenau, acrescento votos de prosperidade pelo seu cinquentenário de fundação. Que o céu conceda paz, alegria e harmonia à vossa comunidade. Que no futuro elas continuem prosperando e seus habitantes, sejam com orgulho, bons cidadãos da pátria adotiva. No Brasil maravilhoso conseguistes continuar alemães dos pés à cabeça e dentro do coração. Em homenagem aos nossos antecedentes cumpristes a vossa obrigação com a segunda pátria. Pode ser que encontreis incompreensão por desconhecimento, miopia ou chauvinismo, mas o tempo vos dará razão e sereis reconhecidos porque não podereis proceder de maneira diferente.

Quem conviveu durante um ano convosco, participando da vida social e política sabe, de experiência própria, que somente com a adoção dos direitos de cidadão brasileiro foi possível a prosperidade de vossa comunidade.

Enquanto viver, no meu coração terá lugar para lembrar os anos de convivências, sofrimentos, tempos bons e ruins.

Caso o destino me reservar, pisar mais uma vez no solo sul-brasileiro, terei cumprido um desejo que almejo muito.

A região subtropical com seu clima saudável, sem montanhas subalpinas, oferece condições para a colonização. Aos turistas abastados recomendo uma viagem de recreio para o Paraná, Santa Catarina ou Rio Grande do Sul. A viagem num vapor de linha é excitante, a alimentação a bordo é excelente, as tempestades são raras e os navios são confortáveis. Aqueles que têm recursos, gostam da natureza e do estudo de terras do além-mar, ficarão recompensados.

A viagem marítima e terrestre ou para as povoações alemãs não é cansativa. O mérito da viagem está na exclusividade. Infelizmente são poucos os que conhecem o sul do Brasil.

O sul do Brasil é um campo ideal para a aplicação de capital e as experiências comprovam que viagens de recreio para o além-mar, culminaram em investimentos de capital. Os capitalistas americanos estão se mobilizando com a habilidade e energia que lhes são características, no sentido de aplicar no sul do Brasil, adquirindo enormes áreas aptas para a colonização, e obtendo concessões de ferrovias e minérios, etc.

A Alemanha deveria seguir o exemplo, fazendo uso de uma expressão popular: "*O Norte-americano nunca afia sua ferramenta sem água*". Ainda está em tempo para a Alemanha antecipar-se aos norte-americanos. A grande população de língua alemã no sul do Brasil aceitará com facilidade o capital alemão e formará aqui uma base de expansão para todo o Brasil. A marcha vitoriosa poderia partir do sul para todo o país.

Mas voltemos à finalidade do meu livro!

Meu livro, inicia tua caminhada pelo mundo! Divulga em tuas páginas, ao povo alemão as numerosas narrações verídicas, o espírito empreendedor e o trabalho pesado, que ao longo de cinco décadas foi criado na distante Santa Catarina. Que se estreitem os laços de amor e afinidade entre os de língua alemã de Dona Francisca, Blumenau e Hansa, para a honra e o conceito alemão na sua glória eterna.

O Município de Blumenau

Situada às margens do Itajaí, a Colônia Blumenau, entre as numerosas colônias do sul do Brasil, é sem dúvida a mais conhecida na Alemanha. Isso se deve em parte ao nome germânico, mas principalmente à campanha desenvolvida pelo Dr. Blumenau, (falecido em 30 de outubro de 1899, em Braunschweig), para a sua atividade filantrópica.

Na Alemanha considerava-se que todo o Brasil era um país escravocrata e os pobres alemães eram obrigados ao trabalho escravo. Apesar da existência de material, ninguém se preocupava em estudar o problema a fundo e não se diferenciava o norte do sul do Brasil.

Até os nossos dias a literatura alemã sobre o Brasil é uma fonte fidedigna aos escritores luso-brasileiros. Apesar do fascínio dos alemães pelos países tropicais e da divulgação de A. v. Humboldt, outros exploradores e viajantes procuraram despertar a atenção para o Brasil. O resultado foi modesto apesar da tentativa de controlar o fluxo cada vez maior para a América do Norte.

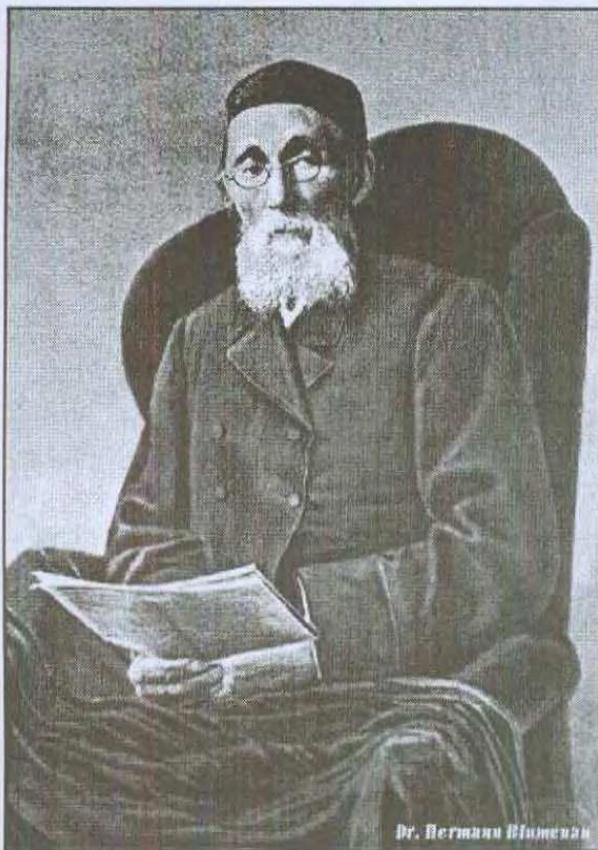
O fluxo imigratório em maior ou menor escala nada mais é do que um processo de purificação de um povo sadio. Na vida, como nos vegetais, o excesso de nitrogênio leva a um desenvolvimento anormal e ante o constante crescimento de um povo deve se livrar dos elementos em excesso, os quais reduzem a renda global. No tempo das grandes ondas imigratórias, se houvesse este reconhecimento poder-se-ia ter influído na direção da corrente e recomendado o sul do Brasil. Tudo porém não foi além das considerações teóricas e procurou-se até impedir a imigração para o Brasil. Numa só panela foram jogados os 21 Estados, sendo que alguns deles têm a extensão da Alemanha.

O alemão que não perde uma oportunidade para ridicularizar os conhecimentos geográficos de outros povos, não registrou, que um país com tamanha extensão como o Brasil tem nos seus vários Estados, condições climáticas e geológicas diferenciadas.

No norte do Brasil o clima tropical provoca um cansaço físico e mental e o trabalho do escravo é uma necessidade, porque a constituição física do branco não suporta o trabalho pesado da agricultura.

No sul, sob um clima subtropical desenvolveu-se um gênero humano forte e há espaço para receber milhões de habitantes.

O governo central reconheceu estas diferenças e as aplicou nas concessões de terras aos colonizadores alemães.



A Alemanha deveria ter reconhecido e abolido os entraves da imigração para o sul do Brasil, sendo que uma proibição para o norte tem sua justificativa.

Quando o Dr. Blumenau (nascido em Hasselfeld, 26 de dezembro de 1819) passou a promover uma colonização no sul do Brasil, foi hostilizado por todos os lados. Finalmente venceu os obstáculos e em 2 de setembro, com 16 companheiros, aportou no litoral catarinense. As imensas dificuldades confrontadas o impediram de trazer maior número de imigrantes.

O Dr. Blumenau explorou todo o sul do Brasil e, não se justificava a antipatia que enfrentava na Alemanha. Seu

projeto fora hostilizado e recebido com desconfiança. Na época se alastrava uma burocracia que suprimia toda tentativa de desenvolvimento material, espiritual e social. Suas esperanças teriam se realizado não fosse a proibição imigratória, fruto da miopia alemã.

Blumenau aportou na margem direita do Itajaí e lá fundou um povoamento onde hoje está situada a cidade. O Rio apresenta um belo panorama. Suas águas límpidas correm larga, profunda e majestosamente calmas no meio de uma densa floresta. As esbeltas palmeiras balançam ao vento sobre o leito do rio. Nas margens, os desbarrancamentos arrastam parte da floresta e árvores gigantescas, cujas copas ainda se levantam para o céu, envoltas em águas espumantes onde formam remansos.

Nestes troncos mortos ainda estão os vestígios dos cipós que os estrangulam (cipó matador). O assassino e o assassinado jazem tombados no leito do rio aguardando sua destruição total pelas águas. Subindo-se rio acima encontram-se corredeiras e pequenas cachoeiras. O caboclo é o único que tem a habilidade de manejar a canoa sem virá-la.

Em fevereiro, o Rio Itajaí é indescritivelmente belo e quando a floresta está florida, milhares de colibris e borboletas voam por entre os cálices das flores absorvendo o orvalho.

Para entrar no mato é preciso transpor todos os obstáculos que a natureza impõe ao intruso. Árvores tombadas formam obstáculos, cipós impedem o avanço, blocos de pedras devem ser contornados, e assim avança-se com auxílio dos pés e das mãos. Uma arma de caça dispara e um belo tucano tomba do alto de um araçá esbelto, fornecendo um almoço saboroso. O leito do rio se estreita, correndo por entre rochas negras, formando numerosas cachoeiras pequenas. O cenário grandioso não cansa o observador, que pode contemplá-lo da margem calma e sombreada. Também os vales dos afluentes do Itajaí, despertam no observador um sentimento de admiração e respeito pelo trabalho hercúleo realizado pelo braço alemão. Um campo de batalha se une a outro! O machado e o fogo abriram clareiras profundas na floresta, transformando os galhos em cinzas férteis. Com exceção dos gigantes da floresta, que tiveram seus galhos chamuscados mas não carbonizados, também os troncos não foram queimados, e resistirão por décadas ou serão aproveitados.

Nesta confusão, balança o canavial ou uma plantação de fumo prende nossa atenção. Em outros pontos, uma pastagem verdejante alimenta um rebanho bem cuidado, proporcionando farta alimentação.

Nas casas dos colonos encontramos gente satisfeita. Ex-jardineiros, criados, pessoas com mão fortes e calejadas se dão bem aqui. Pessoas que na Alemanha viviam entre o campo e a cidade, e emigraram levados por ilusões utópicas, encontram grandes dificuldades. Os homens sempre encontram compensação quando têm sucesso no seu árduo trabalho; mas as mulheres dificilmente se acostumam com a vida na colônia. São consumidas pela saudade da velha pátria, e freqüentemente levam uma vida deprimida até a morte. Principalmente quando têm certo grau de cultura e instrução, necessitam de contato social com a vizinhança, o que se torna difícil aqui! Sofrem na solidão da floresta! Isto é um fenômeno generalizado nas colônias do sul do Brasil, quando não conseguem para si e para a família uma ocupação na cidade, que na situação atual é difícil. Mas quando estas mulheres estão habilitadas para serem costureiras, ou outra atividade, estes conhecimentos práticos garantem a elas uma subsistência bem mais elevada aqui do que na Alemanha, ganhando o suficiente para o sustento da família.

Por vezes também as doenças castigam a vida dos colonos. A vida aqui é para pessoas sadias e não para doentes. Mas em todos os lugares há um médico, mas um caso de doença significa um retrocesso econômico, dado à

falta de mão de obra. Nos primeiros tempos, apareceram casos de febre intermitente e problemas de aclimatação, que para uns desapareceram logo, enquanto outros sofreram durante longos anos.

Existem numerosos insetos que atribulam a vida, entre estes, uma pequena espécie de mosquito, pouco perceptível a olho nu, que amargam a existência, até que a pele se torne imune contra picadas de insetos. Entre os hóspedes indesejáveis estão as pequenas formigas que atacam os alimentos, como as já mencionadas baratas que consideram as casas como sendo suas. A exterminação destes insetos é difícil. Contra baratas, aprovo uma armadilha automática fabricada por R. Weber em Haynau (Schlesien): é uma caixa retangular de folha de flandres com 14 balanças que se inclinam sob o peso do animal e captura inúmeras baratas durante uma noite. Seu preço é ínfimo e recomendo-a. O efeito desta armadilha é surpreendente!

Todo aquele que sonha com a vida romântica da floresta deve imaginar o quanto será difícil acostumar-se à saborosa carne do gambá ou do lagarto. O colono a consome freqüentemente! O primeiro pertence à espécie dos ratos repugnantes e sua aparência não é apetitosa. Isto se refere a todas as colônias do sul do Brasil, mas em todos os lugares existem os dois lados!

O progresso só é possível para aqueles que conheceram as privações na vida, que estão dispostos a trabalhar na solidão, confiantes em si e em Deus. Os primeiros colonizadores aderiram a este princípio e os seus descendentes o seguem até a presente data.

Graças à localização privilegiada da povoação, às margens de um rio navegável, houve o desenvolvimento.

Os blumenauenses afirmam que daqui parte uma atividade comercial intensa e uma exportação maior do que a Colônia Dona Francisca. O rio navegável contribui, mas o fator principal está no tipo de imigrante que veio para Blumenau.

Mais abaixo do local escolhido pelo Dr. Blumenau já existia uma colônia belga, e para sua proteção foi criado um destacamento militar pelo governo. Os colonizadores de Blumenau estavam mais próximos à região dos indígenas do que a colônia belga. Mas este problema foi superado!

O ano de 1852 trouxe 110 e o ano de 1854 uma leva de 147 imigrantes. A vinda de um número maior de imigrantes era desejável. Existia também um grande perigo, dado aos recursos limitados dos quais dispunha o Dr. Blumenau. O fundador podia, com o capital que investiu na Colônia, levar uma vida confortável e livre de preocupações, mesmo nas regiões mais caras da Alemanha. O capital foi insuficiente para a manutenção da colônia e ele teve

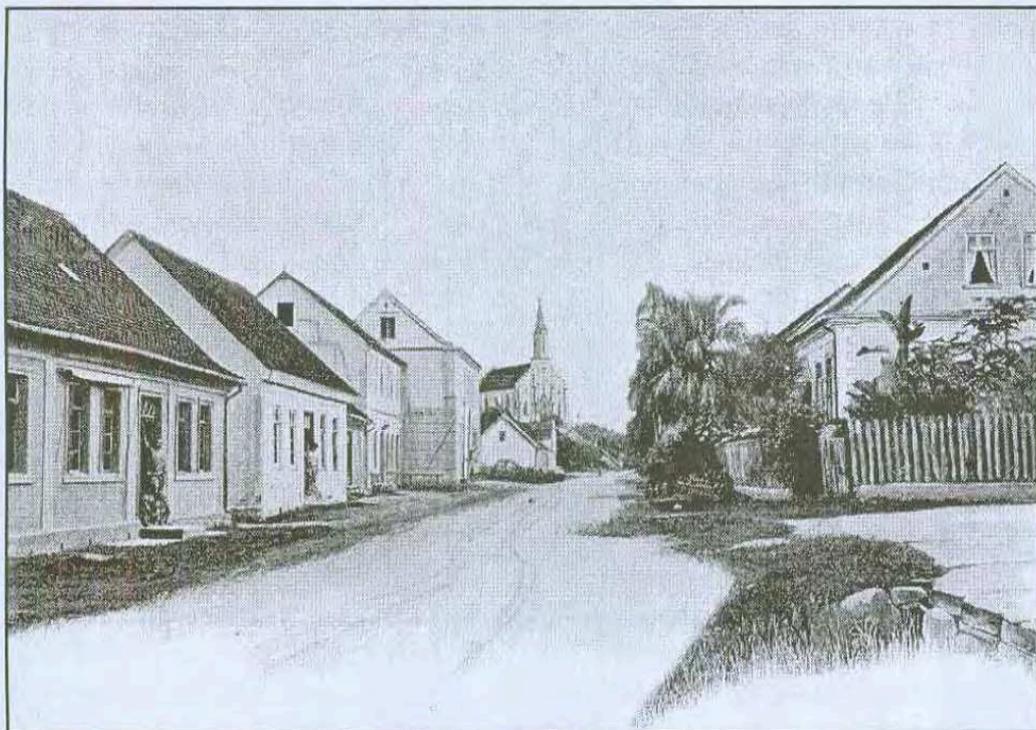
que recorrer ao auxílio do Governo Imperial. Ele havia adquirido deste, 10 milhas quadradas como pagamento à vista, e o restante do seu patrimônio cedo foi consumido para o sustento dos primeiros colonos, que foram trazidos por caminhos intransitáveis. As dificuldades foram se avolumando para o empreendedor. Mas ele conseguiu, nos primeiros 10 anos, obter gradativamente 80 contos de Reis de empréstimos do Governo Imperial e mais 8 Contos a fundo perdido. Aos poucos, ele se conscientizou que seria impossível manter a colônia como empreendimento particular, e como não foi possível uma sociedade nos moldes da Kolonisationsverein von 1849, vendeu seu empreendimento por contrato, em 17 de janeiro de 1860, para o Governo. Pelo seu investimento recebeu 33 Contos e para completar o débito de 80 Contos, o governo recebeu de volta parte das terras anteriormente adquiridas. O resto continuou como propriedade particular. Dr. Blumenau foi nomeado Diretor da Colônia e assim teve a oportunidade de realizar um trabalho abençoado. Sob sua administração competente, a Colônia teve um progresso rápido e não teve que passar por experiências maléficas, muitas vezes observadas em empreendimentos semelhantes.

Durante os primeiros 7 anos, a Colônia estava sem um guia espiritual, e o Dr. Blumenau teve que exercer as funções de oficial de Registro. No ano de 1867, foi formado um conselho colonial de 7 pessoas para assistir o diretor. Até esta data, ele agia como um ditador, fato que, como os leitores já sabem, os colonos da colônia Dona Francisca, nem teriam tolerado.

Somente em 1880 Blumenau se tornou município autônomo. Anteriormente, a Colônia sempre esteve sob a direção única e exclusiva do seu fundador e o Conselho se sujeitava à sua autoridade e sempre acatava as suas decisões.

O Itajaí é um rio de montanha com muitas cachoeiras e corredeiras. Abaixo da última, situa-se o Stadtplatz, ao qual não se pode dar uma apresentação, pois ele se estende ao longo do Rio e dos Vales. Na barra do Garcia, o rio forma uma curva acentuada e as elevações estreitam os leitos, reduzindo a sua correnteza. Após as chuvas prolongadas, sempre existe o perigo de uma enchente, porque o rio pelo seu salto, despeja mais água do que pode escoar.

Assim aconteceu em 1856, 1869 e principalmente em 1880, quando Blumenau foi assolada por terríveis enchentes com prejuízos incalculáveis. Não são raras as enchentes que elevam o nível do rio até 10 metros acima do normal. Apesar disto, Blumenau tomou um impulso não esperado, testemunho glorioso da inteligência e trabalho da população. Esta, conforme já insinuamos, tem uma característica diferente da de Joinville, para o proveito de Blumenau.



Rua 15 de Novembro no início do século XX

Em todos os tempos, por motivos compreensíveis, e para seu próprio benefício, foi vantajoso votar nas eleições, no Partido da situação. Foi uma decisão fácil, porque os dois partidos principais que se revezam no poder não tem ideologias partidárias. Os partidos se denominam *Conservador* e *Liberal*, e ambos têm por princípio, quando no poder, tirar o máximo de proveito para os seus partidários.

Assim, Blumenau sempre aderiu aos partidos da situação e conseguiu obter com muita benevolência, auxílios substanciais do Governo Federal e do Governo Imperial, fato que nunca se deu em Dona Francisca. Isto continuou também sob o regime republicano e, nas últimas eleições, os blumenauenses votaram em massa no candidato do governo; enquanto que em Joinville houve uma dispersão de votos, obtendo o candidato federalista, votação acentuada. Os federalistas do Rio Grande foram os revolucionários de 1893! Quero frisar mais uma vez que não só no Brasil, como em toda a América do Sul, a política é completamente desprendida de idealismo e visa somente encher os bolsos dos seus membros. Diante desta realidade, a paixão do alemão em se perder na discussão de princípios não é recomendável. A única atitude certa para o teuto-

brasileiro é votar com o governo e paralelamente orientar a política para um caminho útil ao Estado e município.

Este apelo não é de maneira alguma um convite para uma atitude sem caráter. Lá e aqui estive envolvido profissionalmente com política por 2 décadas. Como jornalista e orador, posso dar uma opinião sobre o Brasil e manifestar o que vem ao encontro do “Deutschtum” e ao governo republicano. O “Deutschtum” não alcança nada com oposição, só pode levar alguns fracassados ao poder.

Omitir-se da vida política também está errado, dado à inatividade resultante. É uma obrigação do germanismo sul-brasileiro apoiar o Governo, cumprir seus deveres e obrigações de cidadão e procurar uma influência benéfica sobre as atitudes do Governo. Não quero recriminar os políticos teutos que vêm como uma obrigação estar na oposição, pois sei que entre eles há muitos honestos e idealistas, com bom caráter, mas também sei que seu trabalho é em vão. Apoiando o governo dão um respaldo aos políticos lusos bem intencionados e permitem a estes realizar seus planos. Em vez de fechar o punho raivoso dentro do bolso, ou ficar alheio e olhar com resignação como parasitas políticos, absorvem a medula do Brasil. O teuto deve participar na vida pública mesmo sob condições que lhe são antipáticas.

O município de Blumenau está situado na maior bacia hidrográfica do maravilhoso estado de Santa Catarina e tem um porto cujo calado comporta navios maiores. Das terras de colonização quase nenhum está nas mãos de especuladores particulares, mas pertence em grande parte à Hanseatische Colonizationgesellschaft. Blumenau tem um interior imenso que pode alojar milhares de imigrantes e terras exploradas pelo Engenheiro Odebrecht. Possui um clima melhor do que o tão afamado clima de Nizza e aqui não se conhece epidemias. Como em Dona Francisca, também existe harmonia entre as confissões religiosas, das quais os protestantes estão representados por 2/3.

A necessidade de uma vida social e cultural alemã (cantar, educação superior), levou-os à fundação da **Sociedade de Tiro** no dia 02 de dezembro de 1859. Em 19 de julho de 1863 foi fundado o Culturverein. Existem 3 sociedades de canto: Germânia, Freundschaftsverein e Saengerbund, e outras mais, cuja enumeração se estenderia muito. O senso de justiça, de disciplina e ordem

foi mantido em alto nível e possibilitou a eleição de um Juiz de Paz, de Órfãos, e Chefe de Polícia sempre com descendentes de alemães.

O Stadtplatz de Blumenau nem de longe tem a respeitável extensão de Joinville, mas em compensação tem um bom número de localidades bem desenvolvidas. Como por exemplo: Badenfurt, Indaial, Warnow, Ascurra, Aquidaban, Pomerode, Timbó e Carijós. Entre 1850 e 1899 devem ter imigrado cerca de 10.000 pessoas de origem alemã e o Stadtplatz tem 300 casas, com mais de 1.200 habitantes.



Avenida Dr. Blumenau - Rua das Palmeiras (Stadtplatz)

Os principais produtos de exportação são: manteiga, banha, fumo, charutos, açúcar, carne, tábuas, madeira de lei, e a indústria do fumo está em expansão e assim é mera questão de tempo que a Colônia Hansa comece a mostrar o mesmo resultado neste ramo.

Entre os comerciantes ativos de Blumenau está em primeiro plano o Sr. Gustav Salinger, chefe da firma Gustav Salinger & Cia, que simultaneamente é o cônsul da Alemanha e presta bons serviços aos seus conterrâneos. O outro dirigente da firma Salinger é o Sr. P. C. Feddersen, que como deputado

Impressões de Viajantes

estadual por Blumenau goza do reconhecimento geral. Ainda podemos citar Hermann Sachtleben, Heinrich Probst, Frederico Blohm, Altenburg Filho & Cia, Alvin Schrader, Gustavo Baumgart, H. Rüdiger e Filhos, Esser e Scheffer, Irmãos Hering, com tricotagem; R. Finster e Filho, relojoeiro; Eugen Currin, livreiro; H. Rüdiger e Filhos, Dittrich e Probst, fundição de metal e ferro; Paul Husadel, relojoeiro; Luiz Altenburg Junior, oficina mecânica e fundição; Alvin Seelinger, artes fotográficas; Franz Scheidemantel, litografia e atelier fotográfico, etc.

Todo município deve ter hoje (1901), 32.000 habitantes, dos quais 27.000 são de língua alemã. Vieram até o ano de 1897, um total de 18.929 imigrantes para Blumenau, sendo destes 9.883 alemães; 1.649 austríacos-alemães; 3.911 russos, a maioria de língua alemã; 1.363 italianos; 641 tirolezes; 708 húngaros; 19 espanhóis; 144 belgas; 54 suíços; 39 norte-americanos; 14 brasileiros; 9 holandeses; 164 suecos; 5 dinamarqueses; 01 grego; 16 franceses; 16 irlandeses; 301 poloneses (russos e alemães); 3 luxemburgueses. Destes, 10.292 do sexo masculino; 8.637 do sexo feminino; 10.494 de confissão luterana e 8.435 católicos. Chegaram 3.159 artesãos, 15.342 agricultores e 428 de outras profissões; 7.180 eram casados e 11.265 solteiros.



Casa Comercial de Hermann Rüdiger – Rua 15 de Novembro

Esta mistura de imigrantes em Blumenau, apresentando um caráter puramente germânico, é prova da assimilação de outras etnias.

Blumenau exportou em 1897: 400.000 kg de manteiga; 27.000 kg de banha; 50.000 kg de fumo; 1.000.000 kg de açúcar; 8.000.000 kg de charutos; 13.000 galináceos; 2.700 kg de couro de boi; 15.000 dúzias de tábuas; 30.000 dúzias de ovos; 200.000 litros de cachaça; 8.000 sacas de feijão preto e 90.000 litros de farinha.

Existiam em 1897: 262 engenhos de açúcar; 48 atafonas; 46 serrarias; 29 olarias; 13 cervejarias; 6 tecelagens; 2 fábricas de sabão; 3 fábricas de limonada; 3 impressoras; 1 litografia; 2 marcenarias movidas a vapor; 1 fábrica de extração de óleo de mamona; 9 fábricas de charutos; 2 fábricas de licor; 3 fábricas de vinho laranja; 4 fábricas de tricotagem e 50 engenhos de farinha.

A produção de manteiga tem futuro promissor quando as fábricas de laticínios estiverem mais desenvolvidas e os colonos passarem ao uso de máquinas para a produção de manteiga, máquinas produzidas em alta qualidade pela Alemanha, e então a importação de manteiga da Dinamarca deve cessar. Os colonos já começaram com o uso de desnatadeiras de leite, usando máquinas da Westphalia, Sociedade Ramesohl, e Schmidt, de Oelde (Westphalia), cuja máquina aprovou muito aqui. Os comerciantes mantêm um estoque destas máquinas e a indústria alemã encontrou um mercado compensador.

É característico dos comerciantes de Blumenau, bem como dos artesãos, procurar melhorar sistematicamente o produto e procurar novos mercados, contribuindo para o progresso da região. A produção de manteiga sofreu um incremento, como também carne salgada e defumada em latas e barris, tornando-se dois produtos de exportação e contribuindo para a renda da colônia.

Aos produtos já citados juntar-se-ão mel, cera, vinho de laranja, bananas e frutas secas. Tenho a convicção de que cedo as laranjas de Blumenau de primeira qualidade aparecerão nos mercados europeus.

Franz Giesebrecht que se destaca pelo seu dom de observação como pela faculdade de descrição, cita:

“Ao relatar sobre minhas observações feitas em Blumenau, tenho a dizer que Blumenau, como Joinville me agradaram muito. O Stadtplatz como os caminhos das colônias são belos. Tem uma paisagem bela. O Stadtplatz tem a apresentação de um Badeort¹ médio, habitado por uma população abastada. A localidade se estende ao longo do rio como um imenso jardim. A vegetação bem cuidada chama logo a atenção do visitante. A maioria destes embelezamentos vêm do tempo do fundador da colônia, Sr. Dr. Blumenau, que muito fez

¹ N.T.: *Badeort*: estação balneária, lugar de recuperação.

pela cidadezinha que leva o seu nome. Também as edificações são de um modo geral bonitas, e em parte são imponentes na sua apresentação. Caminhando ao longo da rua principal, que acompanha o rio, se vê boa parte do Stadtplatz. Perto da ponte sobre o Garcia, de frente ao porto, a administração municipal tem a sua sede, uma construção espaçosa. À mão direita está a bela residência em estilo moderno do comerciante alemão Friedrich Blohm. Em ambos os lados da rua estão numerosas lojas, dentre as quais a loja da firma Hermann Ruediger, com suas colunas, chama nossa atenção, bem como também a farmácia de Hermann Brandes. Também lá estão a redação do “Blumenauer Zeitung” e o Correio. A 15 minutos distante da Câmara Municipal, numa elevação, está a bela Igreja Católica.



De lá vemos a construção colossal do Convento dos Franciscanos, o qual de origem modesta, em poucos anos se desenvolveu extraordinariamente. E a rua continua para dentro do município surgindo as propriedades rurais, alternadas com casas comerciais. Salientam-se a propriedade do engenheiro Kleine, do Engenheiro Krohberger, e do proprietário de cervejaria Rieschbieter. Da rua principal, perto do porto, ramifica-se a Palmenallee majestosa, o orgulho de toda Blumenau. As maravilhosas palmeiras reais são as “tílias” de Blumenau. Na Palmenallee está a Villa Probst e a Neue Deutsche Schule, e no outro lado está o Hotel Lüders e a sede social do Teatro Frohsinn e o Grande Hotel de propriedade do Sr. Willy Bechert.

Na Rua do Garcia eleva-se no meio de uma vegetação opulenta, a Igreja Evangélica, com a casa paroquial. Um pouco adiante, chega-se à propriedade do Engenheiro Odebrecht, que se destaca pelas suas belas árvores exóticas no jardim. O hospital está situado na rua que vai para Gaspar, bem como o manicômio e a Loja Maçônica. Numa rua transversal da Rua das Palmeiras está a grande casa comercial de Gustav Salinger e Cia. e a Farmácia de Reinhold Anton. Na próxima rua paralela à Palmenallee, está a pequena cadeia de Blumenau e a bela vila do Cônsul Sr. Salinger. Escondido dentro de vegetação, na base de uma encosta, está o Schützenhaus (Casa de Atiradores). Estive muito bem alojado no Hotel Lüders."

O já mencionado convento franciscano está sob a orientação de Frei Herculano, um educandário com cerca de 50 alunos no internato, sendo que as aulas são ministradas pelos padres. A comunidade católica de Blumenau está em boas mãos!

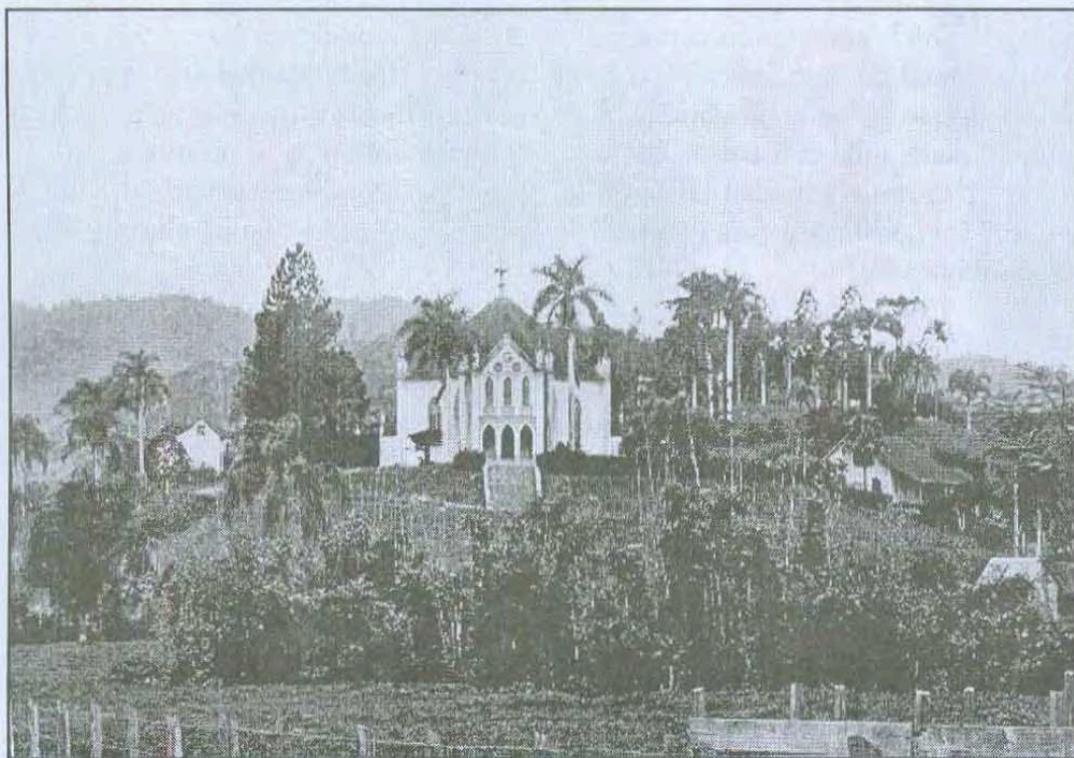
No ano de 1855 o Dr. Blumenau conseguiu do Governo Imperial, a permissão para a vinda de um pastor. Veio Oswald Hesse, de Wreschen em Posen, que deixou a comunidade de lá, para vir a Blumenau. Chegou no dia 23 de julho de 1857, celebrando o primeiro culto no dia 09 de agosto. Após a construção inicial da casa pastoral, foi colocada a pedra fundamental para a igreja em 1868 que foi inaugurada em 1877. Está localizada numa elevação próxima ao Stadtplatz, uma construção de base octogonal, em estilo semi-gótico.

O Dr. Blumenau levantou a casa do pastor com recursos particulares, a igreja foi construída com recursos do Estado e ele doou alguns morgos de terra à comunidade.

Com o crescimento da colônia, a atividade do pastor se intensificou, pois tinha que celebrar os cultos nos diversos distritos. Badenfurt criou uma nova comunidade em 1884, a Igreja já havia sido inaugurada em 1872. Foi para lá o Pastor Runte, enviado pela Casa Missionária de Barmen. Os distritos Pomerode, Alto Rio do Teste, Carijós e Itoupavazinha, possuíam igrejas de alvenaria e algumas com torres.

O pastor Hesse exerceu as suas funções eclesiásticas em Blumenau até o seu falecimento em 1879. Sucedeu-o o pastor Sandreczki que pôs seu cargo à disposição em 1889. A comunidade solicitou outro pastor ao Conselho Eclesiástico Superior em Berlim. Veio o pastor Faulhaber, que assumiu suas funções no dia 1º de dezembro de 1889. Sendo ele um docente hábil, um bom orador, dotado de elevado senso prático e patriota fervoroso, trabalha até hoje para o desenvolvimento da comunidade. Com suas publicações foi um divulgador que despertou e manteve aceso na Alemanha, vivo interesse pelas colônias

teuto-brasileiras, como sucessor do Dr. Blumenau. Como Conselheiro da Sociedade Evangélica Geral de Emigrantes Alemães em Witzenhausen, A. W. prestou grandes serviços com seus conselhos à causa imigratória. No ano 1887, Faulhaber foi vigário do Superintendente Fabarius em Raideberg, pai do diretor atual da Escola Alemã de Colônias em Witzenhausen e foi designado por esta organização favorável à emigração. As atividades desenvolvidas pelo Pastor Faulhaber para a coletividade e interesses municipais, têm muita semelhança com Ottokar Doerffel em Joinville. Ambos escreveram as crônicas de suas comunidades, ambos contribuíram para o progresso do ensino, da agricultura, do comércio, direta e indiretamente de maneira desinteressada. O trabalho de ambos está imbuído de profundo amor pátrio, e com satisfação observamos o trabalho realizado no sul do Brasil. Doerffel há 50 anos, Faulhaber há uma década; o primeiro um honrado ancião de quase 82 anos, o último um homem no auge da sua força, juntaram pedra sobre pedra, construíram uma obra que orgulhosamente se apresenta com frutos do espírito criativo germânico, com seu suor e trabalho se uniram tão fortemente e sobreviverão para sempre.



Igreja Evangélica de Blumenau

Do espírito criador germânico nos maravilhosos povoamentos de Dona Francisca e Blumenau, se incorporaram ao suor alemão: a assiduidade, a inteligência, a fidelidade alemã, que no decorrer de centenas de anos protegem e facultam a vitória e lembrará em bons e maus dias a origem dos fundadores.

O Distrito Paroquial de Indaial foi desmembrado no ano de 1889, constituindo a Paróquia de Indaial com suas filiais: Warnow, Ilse Neisse, Timbó, Benedito Novo, Cedro e Adda. O pastor Ehrlich que já no ano seguinte se filiou ao Conselho Eclesiástico de Berlim, foi sucedido pelo Pastor Haegeholz em 1897, e este transferiu a sede para Timbó no ano de 1898. E Indaial, Warnow e Ilse-Neisse serão atendidos por um novo pastor.

A comunidade evangélica de Blumenau cogita separar-se para constituir duas comunidades. Existem portanto em Blumenau 4 Paróquias: Blumenau – sede; Badenfurt; Timbó e Indaial. As distâncias entre as mesmas e o mau estado dos caminhos, ultrapassam a capacidade de um homem e por isso a divisão se torna necessária. E se esta concretizar-se de forma amigável, será para o bem de todos. O intercâmbio e a coordenação entre as diversas comunidades evangélicas do Estado são fracos. Devem existir em todo o Estado aproximadamente 10 comunidades evangélicas e existe um Conselho Pastoral que no futuro formará um Sínodo.

Somente em fevereiro de 1889 foi possível melhorar a situação do ensino em Blumenau, com a fundação de uma instituição educacional. Em Blumenau já existia um bom educandário, porém com o inconveniente de ser o seu diretor o Padre José Maria Jacobs, um senhor bastante briguento que pretendia fazer prosélitos dos seus alunos (conversão).

Logo após sua chegada, o Pastor Faulhaber foi incumbido da inspeção da recém criada Escola Alemã. Depois de discussões no seio da recém formada sociedade iniciou-se a construção do prédio escolar orçado em 12.000 Marcos. No dia 28 de agosto de 1892 o prédio foi entregue à sua finalidade.

A partir de 1898, a escola recebe uma subvenção anual da Alemanha no valor de 1.000 marcos e um auxílio do Estado de Santa Catarina no valor de 4 Contos e 800 mil réis. Este auxílio está condicionado ao ensino da língua portuguesa e concede bolsas de estudo até 1/3 dos alunos, caso necessário. O cumprimento do primeiro compromisso está no próprio interesse dos alunos, pois para eles o domínio perfeito da língua é questão vital.

A concessão de bolsas a crianças brasileiras inteligentes com poucos recursos é uma necessidade para a sua educação e na formação da mentalidade brasileira. Na escola, a língua dominante é a alemã. A portuguesa é ensinada

como nos ginásios alemães, assim como o inglês e o francês (línguas estrangeiras).

O escopo da escola é atingir um curso secundário com seis classes com francês e inglês no seu currículo. Paralelamente serão lecionados latim e grego. A escola tem um ótimo corpo docente, destacando-se o professor Rudolf Damm. No dia 1^o de abril de 1899 a escola estava constituída por 124 alunos. As aulas são ministradas em quatro classes separadas por quatro professores, e há dois anos o corpo docente é uma garantia da continuidade e desenvolvimento do educandário. A mensalidade escolar está em correspondência com as classes. A escola dedica atenção especial à História do Brasil. Esta matéria é problemática, dada a ausência completa de material didático. Os resultados obtidos em várias oportunidades, comprovam a atenção dada. Paralelamente leciona-se História Européia e Alemã, salientando-se os pontos que têm correlação com a História do Brasil. A frequência nas aulas de inglês e francês, bem como das línguas antigas, é facultativa, mas a oportunidade existe por parte do professorado. As cadeiras de História, Geografia, Matemática, Cálculo, Física, Ciências Naturais, Desenho e Canto são levadas até o limite da capacidade dos alunos. A direção e o inspetor pretendem levar a escola a um nível que faculte os alunos a admissão nas faculdades brasileiras, podendo os filhos teuto-brasileiros mais tarde ter o acesso ao alto funcionalismo público.

Quanto à agricultura, já insinuamos que ela está na fase de transição para a produção intensiva. O colono já não planta na mesma área até o esgotamento da mesma, para depois abandoná-la. Ele faz uma ou no máximo duas plantações e então a transforma em pastagem. Isto consiste em plantar diversas gramíneas por entre a plantação normal. A grama logo cobre o solo formando um tapete que não é transpassado pelas ervas daninhas. Uma pastagem destas, em terras não esgotadas, sustenta o rebanho e este só recebe trato na hora da ordenha, para acalmá-lo.

Os estábulos usados na Alemanha são supérfluos aqui, mas o colono terá que construir recintos especiais para o processamento do leite. Para abrigo do gado contra as intempéries é necessária somente uma área coberta com folhas de palmito.

Para os colonos mais velhos, a produção de leite se tornou fonte de renda, tanto que o milho para o fabrico do pão e a farinha de mandioca vêm importados por via fluvial. Na realidade, há abundância destes produtos, porém o colono os aproveita melhor alimentando sua criação de suínos.

Há uma transição da exploração brutal para o uso racional do solo como também a introdução do arado. O arado é utilizado principalmente em

terras de aluvião nos Vales do Itoupava, do Testo e Benedito, e logo conquistaria outras áreas: com ele aparecerá nas pastagens o uso vantajoso das grades.

Segundo Richard Hinsch, um profundo conhecedor dos processos diz: Lamentavelmente muitos colônos, proprietários de terras montanhosas, começaram mais cedo e abandonaram o cultivo com o arado. Constataram que precisavam quantidades acima do normal de esterco para manter a fertilidade da sua terra. Dois são os fatores: o sol e chuvas tropicais. O sol destrói o húmus, o calor aliado a uma umidade elevada oxida em pouco tempo o húmus ou o adubo. Por esta razão não se encontra na floresta uma espessa camada de húmus, o sonho do imigrante europeu. A camada na floresta, raramente tem uma espessura maior que alguns centímetros. O equivalente para este consumo rápido do húmus é dado pelo crescimento exuberante, o qual quem não viu não pode imaginar. O segundo fator negativo para o uso do arado em áreas onduladas são as trovoadas tropicais, as águas arrastam o solo solto para as baixadas. Na cultura da roça isto não acontece, porque o arrastamento é impedido pelas raízes remanescentes da floresta. No futuro próximo o uso do arado estará limitado às baixadas fluviais, mas tenho a certeza que será desenvolvido um método adequado. Atendem muito bem às necessidade daqui, os arados construídos pela conhecida firma Rud. Sack, em Leipzig-Plagwitz. O sol subtropical e as chuvas levam a maior árvore e suas raízes à podridão, mas isto leva muitos anos, e assim a única ferramenta para o cultivo da terra nova é a enxada brasileira. Só com ela é possível cortar as raízes para fazer uma cova para a sementeira. E quando mais tarde vem o arado, este, pela sua construção, tem que ser adequado para o solo. Os arados "Universalpfluege" da firma Sack são recomendáveis, têm uma construção sólida e robusta. São completamente feitos de aço e ferro e têm todos os dispositivos necessários e exigem pouca tração. Na baixada litorânea, dois cavalos são suficientes para a tração, sendo que no planalto o boi vem a ser o animal adequado. De muito valor para a agricultura local é o arado para lúpulo. Um cafeicultor sempre quer manter sua plantação livre de ervas daninhas, como quer também que a terra seja fofa, e para isto o arado acima referido é o ideal.

Blumenau está em franco progresso e está muito interessada em incrementar sua produção. Prova é uma decisão da Câmara Municipal de 18 de julho de 1900, que autoriza o Superintendente a negociar com o Culturverein a importação de dois reprodutores e duas novilhas de raça holandesa ou suíça para o melhoramento do rebanho leiteiro.

O ambiente forma o homem e o seu caráter, e os blumenauenses têm certas peculiaridades causadas pelo ambiente em que vivem. Ser sedentário,

amar sua terra, seu lar são qualidades específicas dos alemães. Estas características aqui são bem menos acentuadas do que nos agricultores da Alemanha. É consequência da exploração irracional generalizada da terra.

O agricultor trata sua terra como os pais tratam os seus filhos. Quanto mais os pais se sacrificam pelos filhos, tanto é o amor filial. Com muito trabalho e sacrifício o agricultor alemão melhorou a produtividade da sua terra, amava tanto que não a deixará na velhice sob qualquer circunstância. Em Blumenau se nota o contrário! Colonos idosos, que já se tornaram avós, vendem sua terra ou deixam-na para o filho e se assentam novamente na floresta. O solo para eles só tem valor enquanto ele pode ser explorado, não investem nada para que tenha valor permanente. Mas isto mudará com a cultura intensiva, como já aconteceu em parte nas velhas regiões de Blumenau.

O Sr. Sellin será substituído pelo Sr. Doerk na função de Procurador e Diretor da Hanseatische Colonisationsgesellschaft, que será possivelmente sediada em Blumenau. O sr. Doerck está residindo há longos anos em Blumenau, exercendo a profissão de advogado e é uma personalidade muito conhecida. Dotado de uma cultura geral profunda, de trato agradável, muito prestimoso, soube dirigir os blumenauenses na revolução de 1893 para uma posição favorável ao governo legal e servir a este governo, o que não deixou de ser recompensado, com auxílios pecuniários por parte do governo do estado à Neue Deutsche Schule (Escola Nova). A influência exercida pelo Sr. Doerk em todo sentido foi benéfica para o desenvolvimento e Blumenau pode sentir orgulho por este concidadão que conhece as condições reinantes tão bem como o Sr. Sellin.

A testa do município de Blumenau, que tem o mesmo número de conselheiros municipais que Joinville, está o Sr. Dr. Bonifácio da Cunha, um luso-brasileiro, casado com uma senhora alemã, o qual como pessoa, médico e político tem o mais alto conceito na sociedade.

Dos jornais impressos em língua alemã, o “Blumenauer Zeitung” é o mais antigo com 19 anos de existência. Vem ao público uma vez por semana e é publicado pelo Sr. Hermann Baumgarten. O outro periódico tem o título “Der Urwaldsbote”, está no seu 7º ano, sai aos sábados, e tem como redator responsável, o Sr. Eugen Fouquet. Aparentemente pertence ao Pastor Runte, de Badenfurt.

Ambos os jornais cumprem sua finalidade. Um aspecto curioso são os anúncios. Apresento alguns do “Blumenauer Zeitung”:

Verein (Sociedade) Harmonie

Domingo 26 de agosto de 1900

Benção da Bandeira

Programa:

1 hora 30min - reunião dos sócios na sede social

2 horas – marcha com a bandeira vendada e banda musical ao local de festas (Theater Frohsinn)

3 horas – desvendamento da bandeira

Em seguida concerto e apresentações vocais

À noite, 8 horas, baile

Solicita-se que os sócios compareçam em grande número e participem da marcha.

A Diretoria

Culturverein Blumenau

Domingo, 28 de agosto, às 9 horas da manhã, no recinto do Sr. W. Groß.

Assembléia Geral

Ordem do Dia:

1. Leitura do protocolo da última reunião
2. Relatório sobre o assunto “touro de raça”
3. Palestra do Sr. Dr. Rossi sobre o Cultivo do Tabaco
4. Admissão de sócios
5. Assuntos Gerais

A Diretoria

Sociedade Ginástica de Blumenau

Domingo, 5 de agosto de 1900

Demonstração de Ginástica

no pátio de ginástica defronte à Casa dos Atiradores

Programa:

Impressões de Viajantes

1. Casa do Sr. Ernst Bernhardt

Às 2 da tarde reunião dos ginastas em Altona, na casa do Sr. Wilhelm Groß:

À Tarde, às 2 horas e 30 min. reunião do conselho de ginástica do Departamento de Ginástica, no Stadtplatz (sede).

Desfile

2. No pátio de ginástica:

Desfile e demonstração de ginástica

Alocução do presidente

Exercícios com bastões

3. Exercício de ginástica na barra paralela (1^a. divisão)

4. Ginástica dos alunos da Escola Nova

5. Ginástica conjunta em grupo

6. Exercício de ginástica com barra de ferro do grupo avançado (3^o. grau)

7. Saltos gigantes do trampolim

8. Exercícios gerais de ginástica

9. Jogos populares

Música festiva durante as apresentações de ginástica.

Às oito horas da noite, grande **baile festivo** (só para sócios)

Todos os amigos e simpatizantes da nossa sociedade estão convidados cordialmente para assistirem à demonstração de ginástica.

A diretoria

Coro de Manga

Da fábrica do Sr. Meinert & Walther, Joinville, bem como coro para arreios, solas, “vaguetas”, coro liso e enrugado, coro de bezerro, “Chagrin” e coros de bezerros tingidos, sempre tenho em estoque, em grande quantidade e ofereço pelos preços mais baixos.

Ferdinand Schadrack

Vendo ou arrendo uma

OLARIA

Bem instalada sob condições vantajosas

Mais detalhes com

H. Rüdiger & Filhos

Vendo barato

Um imóvel com edificações apropriadas para Casa de Negócio.
Timbó, 15 de agosto de 1900.

Aug. Küster.

Vinho Alemão

Com referência ao anúncio acima, os abaixo assinados, oferecem a preços vantajosos, bom vinho Rhein, Mosel, Stein e espumantes da produção do Sr. J. W. Menschel Sen.

Temos em estoque: Rudesheimer Oberfeld, Rudesheimer Eigenbau, Rudesheimer Bischofsberg, Erbacher, Niersteiner, Klingenberg Burgunder, Affenthaler, Mosel, Zeltinger, Buschbrunner Berg Riesling, Steinwein Bocksbeutelflaschen, Moselsekt, Frankensekt e Rheinsekt.

Altenburg, Filho & Co.

Acabo de receber e recomendo

Chapéus para senhores

dos últimos modelos

Hermann Sachtleben

Prontifico-me a fornecer

Revistas, livros e Partituras

Alwin Schrader

Sociedade Recreativa Teutônia

Festa da Sociedade

Domingo, 19 de agosto de 1900

Ordem do dia:

8 horas da manhã: Escolta do rei e presidente à sede social

9 horas da manhã: Início do Tiro ao Prêmio

1 hora da tarde: Almoço festivo

2 horas da tarde: Início do “Festspiel” para damas

8 horas da noite, Sábado: início do baile festivo,
com concerto musical durante todo o dia

Os sócios que pretendem participar do Tiro ao Prêmio e suas damas que desejarem participar do “Festspiel”, devem matricular-se até o dia 12 de agosto com o caixa, Sr. G. Persuhn e pagar 3\$000 reis, respectivamente 1\$000 reis

A diretoria

Por motivo de mudança vendo em todo ou separado 5 animais

Vacas de leite

Christian Härtel – Itoupava Rega.

Procura-se

Uma moça ordeira, de 15 a 16 anos, para leves trabalhos caseiros.
Maiores informações na Padaria de

Heinrich Kühne.

Vende-se uma

Junta de bois de canga

para todo o trabalho

Philipp Loes.

Venda de Terras

Pretendo vender minha colônia n°. 33, com toda a plantação e boas edificações, medindo 50 morgos, por preço vantajoso. Dirija-se ao proprietário ou ao Sr. August Padderatz, Weissbach.

Estradinha, agosto de 1900.

Juan Fernandez.

É assim por diante! O leitor vê que é o quadro legítimo de uma cidadezinha alemã.

O capítulo anterior já estava terminado quando recebi os números 34 e 36 do “Blumenauer Zeitung” de 25 de agosto e 2 de setembro de 1899². Blumenau completou seu cinquentenário e o n.º. 34 publicou o programa das festividades:

“Domingo, 2 de setembro:

5 horas da madrugada – Alvorada e concerto matinal defronte ao edifício da Câmara Municipal.

9 horas da manhã – culto festivo nas Igrejas locais.

1 hora da tarde – reunião festiva da Câmara e descerramento do quadro do Dr. Blumenau.

2 horas da tarde – lançamento da pedra fundamental do Monumento ao Dr. Blumenau.

Durante a tarde – concerto na Palmen-Alle.

À noite – iluminação festiva, fogos de artifício, etc.

Segunda-feira, 3 de setembro:

9 horas da manhã – marcha dos atiradores para o Consulado Alemão

10 horas da manhã – início do tiro ao prêmio na sede dos atiradores

à Tarde – festa popular para crianças na sede dos atiradores

À noite – bailes na sede dos Atiradores, no Teatro e no Salão Holztz.”

O programa foi cumprido religiosamente e a festa decorreu com sucesso. Nas escolas já no dia 01 de setembro, comemorou-se um ato festivo e as crianças foram conscientizadas do significado desta data.

O n.º. 36 do “Blumenauer Zeitung” apresenta uma edição comemorativa, impressa em excelente papel com 6 fotografias artísticas de personagens vivos ou falecidos, que tiveram participação ativa no desenvolvimento da Colônia Blumenau. Muito interessante é o que Hermann Baumgarten, merecido redator do “Blumenauer Zeitung”, diz:

“Ao 50.º Jubileu de Blumenau

Falem, por que parti?

O Vale do Neckar³ tem pão e vinho.

A floresta negra está coberta de ábetos

No Spessart soa a corneta do pastor.”

² N.T.: O ano deve ser 1900.

³ N.T.: Afluente do Rio Reno – região vinícola.

Freyliqrath

Cinquenta anos, ultrapassam a vida do homem e a história de uma época tão longa, não é escrita normalmente pelos que ainda vivem, que estão cansados, ou falecidos, mas sim, pelos filhos e netos, que são outra geração e o olham para o futuro promissor. Das poucas pessoas, foram somente 17 que acorreram ao chamado do Dr. Blumenau e aportaram num lugar inóspito. E destes, seis ainda vivem. Duas vivem no nosso meio, uma ao lado do seu marido idoso, no meio de filhos e netos; a outra viúva, que vive às margens do Garcia. E os demais estão dispersos na nova pátria. Alguns faleceram antes de se abrigarem em seu próprio telhado. Outros faleceram insatisfeitos com o que lhes proporcionou a floresta sul-americana, desiludidos dos ideais que os atraíram para a floresta virgem. Queriam fugir da vida moderna com sua agitação constante e foram levados de volta às velhas profundidades.

O próprio fundador faleceu longe da sua realização na velha pátria, num pessimismo colérico que costumam seguir as pessoas que na juventude eram de temperamento sangüíneo.

Antes dele, no local que escolheu para suas atividades, faleceu o seu companheiro, o inesquecível Dr. Müller, cuja vida foi como um riacho de montanha, cristalina da nascente até o fim. Um adorno do nosso pequeno povoamento!

Os velhos em cujo ombro pesou a construção das modestas choupanas às margens do Itajaí, já se foram quase todos. Nós, seus sucessores, lembramo-nos e festejamos a festa da qual não mais compartilham.

Sobre a sua obra realizada paira o brilho de um idealismo indestrutível dos homens de valor, cujos remanescentes ainda cunham o caráter peculiar de toda a colônia. A aparência global é a de um lar para uma família grande, cujos membros assistem-se mutuamente na alegria e na dor. Ao estranho, isto pode aparentar mesquinho, mas ele aprenderá e saberá dar o devido valor, se o próprio destino o alcançar. Nos grandes lugares, onde ninguém conhece ninguém, domina a fome e a miséria.

O fundador da Colônia e os primeiros imigrantes devem ter sofrido nos primeiros anos fome e privações. Mas hoje já não acontece que alguém passe fome, sinta frio ou não encontre um canto que o alimente e o aqueça por aqui! Devemos isto ao fundador da Colônia em primeiro plano, ao seu idealismo e aos que com ele vieram, imbuídos dos mesmos ideais, propósitos diferentes existentes em outras colonizações neste mundo. Ao lado de agentes de imigração inescrupulosos, existem os bravos que deixaram sua inesquecível pátria, seus campos, suas vinhedas, imigraram para a floresta, e para um futuro

cheio de incertezas. Não obtiveram suas propriedades em especulações na Bolsa de Bruxelas, trabalharam muito, vivendo em paz para o seu idealismo, o que não podiam fazer na velha pátria. Nossa homenagem aos velhos que há 50 anos tomaram o bastão do caminhante e o fincaram numa costa estranha, maravilhosa. Rendemos nossa dupla homenagem àqueles que como soldados da cultura e civilização, empenharam sua vida para um futuro promissor. Uma homenagem tríplice aos que permaneceram no posto até a atualidade.

Sem intenção, fomos tomados por sentimentalismo, natural de quem comemora estas festas lembrando saudosamente o passado. Mas festas que lembram que os fatos comunitários não são túmulos de esperanças perdidas. As comunidades são órgãos perenes, nas quais uma vida humana representa poucos minutos. Festas comunitárias são marcos de uma atividade social infinita, pontos de encontro para o trabalho civil e promessas para o futuro e o progresso.

Passou a época romântica do trabalho colonizador. Aos descendentes que aqui cresceram, a saudade das noites escuras da Floresta Negra, dos vinhedos, das cachoeiras do Neckar, que os velhos avós, saudosos relembavam, já é incompreensível. E, incompreensível são os motivos que levaram os velhos a cruzar o mar. As tradições caem no ostracismo, tornam-se nebulosas e logo uma época triste e pesada bate às portas nas mais distantes colônias da floresta. A Nova Pátria foi encontrada, por um grupo étnico forte e confiante no futuro, para acompanhar a evolução moderna, da qual nenhum país da terra pode se esquivar, é a tarefa da juventude. A concorrência ferrenha, a luta de todos contra todos, não poupará o pacífico Vale do Itajaí. O primeiro apito da locomotiva será o sinal anunciando uma nova era. Estamos próximos a ela! Almejamos que uma pequena fração da admirável energia e atividade dos velhos fundadores, passe para os seus descendentes. Será para o seu bem e para o bem da comunidade em que vivemos. A todos que estão neste município, desejamos progresso, sorte e o bem-estar, fruto de um trabalho honesto:

Avante Blumenau!"

No "Blumenauer Zeitung", o tom de acentuada resignação destas frases é conseqüência da paralisação do projeto ferroviário Saguassu - Joinville - Blumenau - Aquidaban. Os trabalhos foram paralisados devido ao receio e pedantismo do capital alemão. Esta ferrovia é questão vital para a conservação da cultura alemã em Dona Francisca, Blumenau e Hansa, e sem dúvida traria um rendimento dentro de pouco tempo. É e continua sendo um fato lamentável, que na Alemanha não se compreenda a importância econômica do sul do Brasil, para a exportação e aplicação de capital. Esta ferrovia será construída, sob

qualquer circunstância, possivelmente com capital francês, belga ou o que seria pior, com capital norte-americano, e as conseqüências que advém disso são claras. Aqui um curto relato: Faz quase dois anos que o Sr. Engenheiro Victor Solioz, sob os auspícios da Firma Arthur Koppel de Berlim e da Comp. Hanseática de Colonização de Hamburgo assentou o traçado. Depois de constatar a inviabilidade do Projeto de Fabri (Estreito para São Francisco), procurou uma fusão entre as concessões Courau (Saguassu - Jaraguá) e a de v. Ockel (Blumenau - Neisse), passando o traçado por Bruederthal (Luiz Alves - Blumenau). O desvio por Luiz Alves teve que ser feito devido a existência da concessão Chopim.

De volta à Alemanha, o Engenheiro Solioz batalhou com energia pelo seu projeto e apresentou seu relatório no dia 14 de janeiro de 1899 e conseguiu a constituição de um consórcio financeiro. Este, em combinação com o Ministro de Relações Exteriores resolveu enviar para cá o Eng. Hagenbeck para um reexame. O parecer deste, achou o trecho Saguassu - Blumenau antieconômico, aprovando o trecho Blumenau - Neisse. O traçado de Solioz, ao contrário do que geralmente se supõe, não passa pela Catharinenstrasse, mas sim pela Blumenauer e Suedstr. para Bruederthal e coincide com o traçado de Courau. De Massaranduba o traçado de Hagenbeck segue pela Itoupava para Blumenau e é 10 km mais curto do que a de Solioz, o que se explica pelo fato de ter a concessão de Chopim ter caducado, facultando a Hagenbeck seguir o traçado de Chopim. Hagenbeck regressou e neste meio tempo, alguns consorciados desistiram e o projeto morreu.

No dia 11 de outubro de 1900, o Sr. A. W. Sellin redigiu uma petição a S. M. o Imperador Wilhelm II pedindo diligência para o projeto. Apesar das razões enumeradas por Sellin, como os cálculos sobre o trecho Saguassu-Joinville - Blumenau, serem antieconômicos, é extremamente difícil conseguir uma tomada de posição. Aliás desconhece-se o alcance profundo da questão quando se cogita a rentabilidade imediata. O traçado passa por regiões suscetíveis de colonização e cedo surgirão povoações florescentes. Citamos aqui a mensagem ao Congresso, do Governador Felipe Schmidt, profundo conhecedor do problema.

Sobre a colonização, um assunto muito importante, posso informar que não aconteceu quase nada. Algumas companhias, entre estas, a Hanseatische, trouxeram poucos imigrantes.

A Estação Experimental Agrícola faz um bom progresso. Seria de grande utilidade criar um outro instituto no sul do Estado ou no planalto, para demonstrar os princípios da agricultura moderna. Com exceção da Estrada de Ferro D. Theresa Christina que liga a localidade Minas, com os portos Imbituba

e Laguna e tem uma extensão de 116 km, temos no Estado somente estradas carroçáveis e caminhos para animais de carga. O governo se empenhou muito em estabelecer vias de comunicação adequadas entre os vários centros de produção das grandes áreas ainda improdutivas. O Poder Legislativo aprovou várias concessões de Estrada de Ferro, sem que estas fossem construídas. O governo se empenhou muito em estabelecer vias de comunicação adequadas entre os vários centros de produção das grandes áreas ainda improdutivas. O Poder Legislativo aprovou várias concessões de Estrada de Ferro, sem que estas fossem construídas. O governo não pôde tomar nenhuma iniciativa neste sentido, dado a falta de recursos orçamentários. O Governador disse que tinha fundadas esperanças, que os contratos celebrados com os Srs. Courau, v. Ockel e Sellin que ligariam São Francisco - Blumenau - Rio Negro - Campos Novos - seriam executados, dado o interesse que despertaram na Europa. Os trabalhos prosseguiram até a inauguração festiva. Lamentavelmente circunstâncias adversas impediram o prosseguimento e tudo talvez fique como uma lembrança da histórias das nossas ferrovias. Continuando nos nossos princípios anteriores, trabalhamos primordialmente em estradas que ligam o litoral com o planalto.

A fim de viabilizar aos moradores do Alto Rio Preto a comunicação com Blumenau e São Bento, foram abertas duas picadas: Uma seguindo o Ribeirão Santa Maria no município de Blumenau, e outra da Villa de São Bento para Rio Preto. Além disso foram executadas outras construções de estradas importantes pela Colonizadora Hanseática, com as quais foram gastos 130 contos, de 1899 até fins de março do corrente ano.

E agora apresentamos à apreciação do leitor, o que o Sr. Dr. Krauel, embaixador da Alemanha durante vários anos, diz:

Os interesses alemães no Brasil

Na falta de regulamentação contratual entre a Alemanha e o Brasil, a respeito das relações comerciais e de navegação e, dada à presença numerosa do elemento alemão nos vários Estados da República, é de suma importância que o embaixador alemão mantenha um bom relacionamento pessoal não só com o governo federal, mas também com os governadores. Este relacionamento bom foi em grande parte devido ao comportamento ponderado dos comandantes dos nossos vasos de guerra, por ocasião do levante da marinha em 1893/94. O governo brasileiro começou a confiar em nós, e na minha gestão me empenhei em solidificar a confiança e acentuar a importância dos interesses mútuos entre a Alemanha e o Brasil.

Nós compramos anualmente do Brasil produtos no valor de 140 milhões de marcos por ano e desejamos ao governo do país uma situação de sol-

vência e prosperidade. Nosso comércio e indústria estão interessados na manutenção do mercado comprador. Endossamos tudo que está neste sentido, e procuramos evitar tudo que possa ser prejudicial. Paralelamente seria desejável e útil que certos círculos da Alemanha se interessassem no melhoramento das relações culturais no Brasil, propagando a compreensão pelo espírito e cultura alemães, eliminando aqui os seus preconceitos decorrentes do desconhecimento das peculiaridades brasileiras. Com esta finalidade, Franz Giesebrecht criou em Berlim o “DeutschBrasilianische Verein” e a publicação “Deutsch Brasilianische Nachrichten” e se bem entendo o programa, este não se limita somente a questões concernentes à cultura alemã nos Estados Sulinos.

Há muito a fazer neste campo e quando os membros desta entidade se propõem a coletar dinheiro a fim de auxiliar as escolas e igrejas e enviar padres, pastores, professores, material escolar e doar às bibliotecas, esta iniciativa é louvável e será recebida com gratidão pelos compatriotas no Brasil. Mas devo acrescentar que de minha parte, nas colônias do Sul do Brasil, se espera mais do que estas pequenas doações e sinais de solidariedade. Os colonos esperam um auxílio substancial no desenvolvimento dos seus interesses econômicos.

A população de Joinville e Blumenau seria bem mais grata se finalmente o capital alemão se propusesse a financiar a esperada construção de ferrovias do que hinos de louvor quanto à conservação da identidade alemã.

Seria útil para os interesses alemães, no futuro, estabelecer um programa de ação para:

Norte do Brasil: Extensão das ligações marítimas por vapores aportando no Pará e Manaus e o estabelecimento de agência bancária alemã no Pará.

Brasil Meridional: Ligação com vapores mais rápidos a fim de participar do transporte de passageiros entre a Europa e o Brasil. Uma participação maior de investimentos alemães nas indústrias e a construção de ferrovias, e acima de tudo a presença da Alemanha num sindicato, como acionista, que assumiria a administração da Estrada de Ferro Central.

Sul do Brasil: auxílio para os interesses da Companhia Colonizadora Hanseática e da Estrada de Ferro Rio Grande-Noroeste.

Eu considero este programa realizável, não de hoje para amanhã, e me baseio na minha suposição na diligência e inteligência dos nossos armadores, nossos industriais, nossos comerciantes que já têm prestado elevados serviços para o Brasil. Foram os pioneiros e são os esteios da política sensata

de ultramar como o foram e o devem fazer com mais intensidade no novo século para o bem e o progresso da nossa pátria.

Isto tudo dito pelo Sr. Krauel, mas também o seu apelo não teve êxito!

Do já mencionado jornal comemorativo do “Blumenauer Zeitung”, transcrevo as seguintes biografias:

Um dos 17 companheiros do Dr. Blumenau é o Sr. **C. Wilhelm Friedenreich**, residindo hoje em São Paulo. Nasceu em 15 de fevereiro de 1823 em Dame, província de Brandenburg. Estudou cirurgia em Guben e em Berlim. Foi aprovado com distinção nesta cidade, serviu como oficial por um ano na cavalaria e se estabeleceu como cirurgião em Hettstedt. Nesta cidade chefiou um movimento hostil ao governo, contra o pagamento de impostos. Condenado a um ano de detenção pôde evadir-se com a ajuda de amigos. Decidiu emigrar com a esposa e duas filhas para o Brasil.

Paul Kellner, também um dos 17, vivendo hoje em São Paulo, escreve: “Chegamos depois de uma viagem de 72 dias, no dia 21 de agosto de 1850 num navio pertencente à casa “Christ Mathias Schroeder”, em Santos, de onde logo prosseguimos para Desterro. A liberação alfandegária tomou alguns dias. No dia 2 de setembro, chegamos a Belchior onde estava uma balsa do Sr. Ferdinand Hackradt, que levou os imigrantes para Blumenau.”

As 17 pessoas eram: Wilhelm Friedenreich, esposa e 2 filhas, (Fr. Esposa e filha ainda vivem); Família Kohlmann, 5 pessoas, mulher, 1 filho, 2 filhas (as 2 filhas ainda vivem em Blumenau); F. Riemer e 1 filho; Reinhold Gärtner; Agrimensor Julius Ritscher; Paul Kellner (vive em São Paulo); carpinteiro Pfaffendorf e o carpinteiro Geier.

Uma das pessoas mais destacadas quanto ao progresso de Blumenau foi sem dúvida o Diretor-Substituto **Hermann Wendeburg**. Nasceu no dia 2 de fevereiro de 1826 em Foerste Braunschweig. Imigrou em 1853 e logo tornou-se secretário do Dr. Blumenau. Quando a colônia passou para o governo foi nomeado Guarda-Livros. Quando o Dr. Blumenau foi em férias para a Alemanha, sugeriu a nomeação de Wendeburg para Diretor Interino. Nesta função promoveu o recrutamento dos voluntários para a Guerra do Paraguai, sendo recompensado com a Ordem da Rosa. Foi muito considerado pelos seus superiores e em grande escala, foi pelo seu temperamento jovial, benquisto por todos. Faleceu no dia 13 de janeiro de 1881.

O sábio **Fritz Müller**, falecido em 1897, nasceu em Windischholzhausen no dia 31 de março de 1821. Após a conclusão dos estudos no ginásio em Erfurt foi para Naumberg, como aprendiz de farmacologia. Não se agradando do aprendizado, foi para Berlim onde estudou matemática e Ciências Naturais

na faculdade de Filosofia. Após sua graduação foi professor. Posteriormente foi para Greifswald e novamente para Berlim frequentando a faculdade de Medicina. Terminou os estudos, não lhe sendo dispensado a fórmula do juramento médico, aceitou o cargo de professor particular até o ano 1852. Decidiu emigrar para o Brasil, chegando em Blumenau no dia 22 de agosto de 1852 e estabeleceu sua residência no Garcia. Em 1856 foi para Desterro, onde passou a lecionar no Liceu. Permaneceu 12 anos em Desterro tornando-se então naturalista viajante do Museu Nacional em 1867. No começo da era republicana perdeu seu emprego em vista da negativa da intimação de transferir sua residência para o Rio de Janeiro. Sua demissão provocou uma onda de indignação nos meios científicos mundiais. Recusou a oferta de auxílio de instituições científicas alemãs, como também de Darwin. Foi sepultado em Blumenau.

Peter Wagner é um dos pioneiros que já residiam às margens do Itajaí, antes da vinda do Dr. Blumenau. Residia cerca de 4 km abaixo do atual Stadtplatz tendo-se mudado para lá em 1848. Nasceu em Burbach, perto de Saarbruecken na Renânia, em 24 de maio de 1818. Veio para o Brasil com 10 anos de idade, no ano de 1828. Peter Wagner ainda relativamente robusto, casou duas vezes e teve 23 filhos (7 falecidos), 65 netos (11 falecidos), 60 bisnetos (10 falecidos) e 1 tataraneto.

No dia 19 de outubro, realizou-se na Igreja Evangélica de Blumenau uma rara solenidade, da qual compartilhou grande parte da população: bodas de ferro do casal **Peter e Dorothea Lucas**. Ele, nascido em 6 de fevereiro de 1809, emigrou em 1828 para o Brasil, e em 1848 para Blumenau dedicando-se à agricultura. Faleceu em 21 de maio de 1900. Como descendentes deixou 13 filhos, 38 netos, 56 bisnetos.

Cheguei ao fim das minhas narrações sobre Blumenau. Caso tivesse continuado, teria entrado em repetições, pois há muitos pontos comuns entre Joinville e Blumenau. São principalmente os mesmos interesses que unem as duas colônias irmãs. Esta união aumentará com o melhoramento do caminho que liga as duas cidades que outrora estavam em estado muito precário, mas foi melhorado sensivelmente após a fundação da Colônia Hansa. E aumentará ainda mais no futuro, se for realizada a ligação por estrada de ferro entre as duas cidades, uma aspiração generalizada. Esta ligação também será favorável à preservação da cultura alemã e quando as duas colônias caminharem de mãos dadas, atingirão a força e influência devida no Estado.

O teuto-brasileiro é honesto para com o Estado, o juramento de fidelidade que prestou lhe é sagrado, como é também o amor profundo à pátria alemã, amor que perdurará enquanto houver alemães!

Fragmentos de Nossa História Local

- Festas - Véspera de Natal

Texto:

**ARNALDO
BRANDÃO***



Estamos nos aproximando do natal. É tempo de festejarmos na intimidade do lar as tradições cristianizadas pelos seus ritos e representações.

Na crônica que ora publicamos, buscamos através dos fragmentos do tempo da nossa história, retratar algumas lembranças da festa natalina, escrita por Arnaldo Brandão.

A mesma foi extraída do periódico “A Nação” de 16 de dezembro de 1951. O discurso redigido há quatro décadas revela que as ritualísticas natalinas quer nos preparativos da festa, quer nos comportamentos das crianças, dos pais e dos apelos comerciais continuam semelhantes, pouco mudaram.

Com novas roupagens e argumentos as festas de natal são sempre um período muito especial em nossas vidas.

FESTAS

“O melhor da festa é esperar por ela” – diz o ditado. Na verdade, profunda filosofia encerra esta frase. E, para completá-la, existe ainda uma outra: “Acabada a festa músicos a pé”!

Não podemos contestá-las. O melhor do Natal é realmente a sua aproximação. O fazer as compras, o calcular os preços e, acima de tudo, o escolher incerto dos presentes.

Todos os dias, fazemos os mesmos projetos e traçamos os mesmos planos a respeito da grande festa. Quase que diariamente saímos de casa, numa faina indescritível de olharmos as vitrines e percorrermos todas as lojas.

* Escritor e ex-colaborador da Revista “Blumenau em Cadernos” no período da década de 60 e 70.

Avizinha-se o dia. As vitrines tornam-se mais luminosas e mais convidativas. O movimento cresce e o povo, nas ruas, avoluma-se assustadoramente, mas com o movimento e com o povo, aumentou, também, os preços das coisas. O que ontem era sobra, hoje passou a ser raridade. O que há dois dias atrás tinha um preço irrisório, agora passou a ter um valor desproporcional. Na última vez, havia escolhido um objeto de uso, mas agora, parece que ele ficou mais velho, mais descolorido e mais sem atração.

Cada vez mais perto está o Natal. Mais algumas horas e já estaremos em pleno domínio de Papai Noel. Já temos tudo escolhido. Os presentes reservados, os papéis separados e as fitas selecionadas para os embrulhos vistosos. Também os vinhos, os doces e as guloseimas já estão anotados, devidamente somados, o tantinho exato da gratificação. E o dia se aproximou, vertiginosamente, agora, nada mais falta para o **Natal**.

... nada mais falta? Quem foi que disse? E a gratificação e o ordenado que ainda nem saiu e que, talvez, não saia antes do fim do ano... Ora, ora, que belo Natal. Sem nenhum dinheiro...

E lá ficarão as compras, os presentes e os doces, à mercê daquela gente devoradora que, num segundo, esvazia uma vitrina inteira...

Finalmente é o Natal. Primeiro a véspera – é lógico – com as árvores iluminadas, repletas de velinhas de todas as cores, as igrejas repletas, cozinando, em tremendo calor – os ouvintes da Missa do Galo. Depois é o dia 25. O dia dos sapatos novos, rangendo nas calçadas que a gurizada engordurou com restos de doces e de balas. À tarde, a domingueira divertida e animada! Todo mundo de roupa nova, cheirando, ainda, à prateleira de loja. Lá fora na praça, um barulho irritante de tambores, flautas e gaitinhas mal tocadas por um bando de crianças insatisfeitas. Não queriam nada. Tinham os olhos maiores do que o próprio gosto. Viram muita coisa pelas vitrinas e isto os corrompeu. Dilataram demasiadamente a imaginação, e a ambição foi maior do que a bolsa do pobre pai, o coitado que, com sacrifício, comprou tudo.

O menino moderno não tem poesia. Não acredita em Papai Noel, tão pouco em São Nicolau. É o pai, no duro!... e não desculpa a ele por não ter lhe comprado uma coisa melhor. Vinga-se, então, nos brinquedos dos outros. Faz questão de quebrar as frágeis asas de um aviãozinho a motor. Quebra também a corda do trenzinho, a cabeça da boneca daquela guria antipática e, por fim, quebra a cabeça do garoto vizinho. O pai vem furioso. Repreende o filho mau, mas ele não se importa com isto, está revoltado, e, com um soco, espatifa o tambor ordinário, reclamando contra o pai:

- Porcaria!... É de lata barata, comprada num armazém, o senhor nem se deu ao trabalho de ir até a uma loja...

O pai baixa a cabeça. Ele tem razão, mas onde ir buscar dinheiro?

- Ora bolas! Menino endiabrado! Praga de gente, exclama o pai irritado – será possível que para brincar seja preciso alguma coisa que reluza a ouro? ... Teu pai, na tua idade, brincava até com um simples caixote de sabão!

Antes não tivesse comprado nada. Em lugar de tambor, comprado um quilo de manteiga. Dava para isto e ainda sobrava para uma entrada de futebol e, ainda lucrava mais, pois passaria uma tarde inteira longe de casa sem ouvir brigas, gritarias e reclamações ... e amarrotando o jornal que lhe tremia nas mãos, exclama furioso: Que droga de Natal!

VÉSPERA DE NATAL

De manhã cedo, ainda meio escuro, já começa a faina. Matam-se as primeiras galinhas, acende-se o forno e põe-se o pão e os doces para assar. Depois, vem a faxina da casa. Chão bem lavado, janelas bem esfregadas, vassoura comprida para limpar o forro e espanador de penas para retirar o pó. Cadeiras, mesas, tudo deslocado de seus lugares, uma confusão dos infernos em todo o interior da casa.

Finalmente, lá por volta das 10 horas, chega a árvore de Natal. Vem meio desganhada, ressentindo a pinho silvestre e, trazendo ainda, nos seus ramos, um pouco do último orvalho que ela apanhou.

É atirada a um canto. Ninguém, a princípio, se importa muito com ela. Primeiro, termina-se a arrumação da sala e depois então traz-se um vaso grande e nele é que deve ser fincada, bem estacada com pedras e pedaços de tijolos. Com grande sacrifício e muitas espinhadelas, a árvore é colocada sobre um pedestal e começa-se, então, a sua ornamentação. Nos meus tempos, criança não via nada. Quem tratava desses serviços era exclusivamente o São Nicolau. Sim, porque para uma criança de antigamente, ele existia, existia no duro! Não era somente imaginação e não havia aquele que pusesse alguma dúvida. Hoje, a criança descrente é quem arruma a árvore. Metade dos enfeites são quebrados antes de serem pendurados. De quando em vez, quebra-se uma bola e quase é preciso uma verba nova, só para se renovar a ornamentação da árvore, em



Pinheiro de Natal - Família Wirth

cada Natal. Atualmente, as crianças se metem, dão palpites não suportam algodão em cima da árvore. Não compreendem que aquilo representa a neve do Natal, e, até mesmo os presentes elas devassam curiosamente (os dos mais velhos, é claro, porque os que são para elas a gente ainda se ilude, procurando ocultá-los, como se elas fossem mais espertas).

Finalmente, a árvore está pronta, está uma lindeza! Toda enfeitada de bolas reluzentes e cordões cintilantes, caindo em gambiarras. Estrelas e sinos, em profusão. Arranja-se, então, uma estampa do velhinho da festa, do tal Papai Noel importado, qualquer cara de ancião sofisticado que tenha um barrete vermelho e longas barbas de algodão. A gurizada olha para aquilo, indiferentemente, e ainda se riem daquela máscara exagerada, querendo passar por bom e por mau, de uma só vez.

Bons tempos eram aqueles em que a gente arrumava sozinho a árvore. Punha-se um algodão na fechadura e, não havia criança que burlasse o isolamento de São Nicolau. Fazia-se um presépio. Tão lindo! Com as ovelinhas a aquecer as nuças dos pastores e os anjinhos suspensos por imperceptíveis cordões. Carneirinhos por todos os lados, circundando a manjedoura do Menino Jesus. Flores, estrelas e enfeites prateados emolduravam suntuosamente o quadro da Santa Natividade. Mas hoje, isto já quase que desapareceu. Presépios só se vêem nas igrejas ricas, os de casa já caíram de moda, outras coisas ocuparam o seu lugar.

O Natal comercializou-se. Pertence àquele que tiver mais dinheiro e puder adquirir as coisas mais caras. Não se faz mais aquelas comezainas de outros tempos, que José de Alencar tão bem descreveu no seu “Tronco de Ipê”, mas sim, dos natais que a gente via em todas as casas, com muitas vezes, maçãs, queijos, vinho, o tradicional peru recheado e a clássica sobremesa de comota de pêssego ou de mamão.

Para a petizada era a maior festa. Bastava a gente insinuar o que se desejava ganhar e chegava. Nada de exigências, tão comuns em nossos dias. Nunca vi criança alguma da minha idade, intimar ao pai que lhe comprasse uma coisa por ela determinada. Não. A gente apenas contornava o assunto, muito jeitosamente, deixando-o, contudo, inteiramente no ar. Às vezes, na maioria, o pedido era correspondido, caso não fosse de nada adiantava se lastimar.

Hoje em dia, tenho assistido a cada Natal! Tenho visto cada coisa! Criança que diz, calmamente, que não quer “aquilo” e aponta, desdenhosamente, para o objeto atirado a um canto. Deus me livre esta boneca pobre! Nem de graça eu ficava com este carrinho! Ah, se no meu tempo a gente não se cuidasse

e não temesse, de surpresa - uma boa varada de São Nicolau, que tudo ouvia e tudo presenciava, sem que a gente, nunca o pudesse pressentir.

Tudo mudou, não há a menor dúvida. Os enfeites, verdade seja dita, tornaram-se mais vistosos agora, na época da atonicidade, mas não se acende mais nenhuma velinha. É o medo de incêndio e, para substituí-las vieram as lanterninhas frias e paradas, sem aquela bruxuleação incomparável das velinhas multicores.

E, até mesmo o São Nicolau que se vestia com roupas vermelhas, virou, agora, grã-fino, velho elegante e freqüentador assíduo das residências de luxo. Deixou de uma vez, aquela história, já tão embolorada de “Velho pompom”, que era tão característico e assentava-lhe tão bem...

- Mas que nome. Velho Pompom. Seria por simples onomatopéia que lhe deram este nome, baseado nas suas passadas que se arrastam em botas pesadas fazendo: pompom... ou foi aquele pompom que se balança no alto do seu barrete que lhe doou esta denominação, ou quem sabe se não foram as criancinhas que, na sua linguagem dificultosa, apenas puderam se exprimir, imitando o ruído do bastão do velho de encontro ao chão?

- Não sei. Mas tanto o São Nicolau, que atirava nozes pelas janelas. Como o Anjinho de estrela na testa e asas de pena de papo de marreco e o Velho pompom, com o seu andar compassado, desapareceram, perderam terreno e, criançada moderna, tão amparada pelas leis psicológicas que foi o importado PAPAÍ NOEL ...

**Verbetes
para a
História
Catarinense**

**Dos Brasis
que é um só**

Texto:

**THEOBALDO
COSTA
JAMUNDÁ***

BLUMENAU
em Cadernos

1. LÁ E CÁ ESCOLAS EXÓTICAS

Recifenses da classe 1914 fomos francófilos. Se não fomos todos pela exclusão da natural ignorância, fomos numa maioria indiscutível: nascemos em lar colado na banda francesa da 1ª Guerra Mundial, 1914-1918, por isso cantamos na nossa escola particular o Hino Nacional da França. E nas ginásialidades aprendemos que os *insurgentes pernambucanos de 1817 e 1824 emancipacionistas inspirados e bitolados no pensamento francês nos inculcaram* as pernambucanidades viscerais: corpo e espírito unos contra o colonialismo português.

A nossa escola particular do á-bê-cê para frente até nos indicar para as leituras no terceiro livro de Filisberto de Carvalho, não foi outra nas severidades de todas as obrigações que, diariamente das 7 horas até às 15 exigia sem concessão de mínima tolerância: quem não respondia por comportamento como ela queria e impunha e também não estava com a lição na ponta da língua, era sujeito ao castigo competente. O pior e a falta mais grave era o do quarto escuro, onde vela acesa iluminava esqueleto pendurado; o uso da palmatória ocorria durante a aula; ficar de pé com o rosto voltado para a frente ou de joelho, eram os mais leves, porém implicava ter a duração de até 16 horas, o que provocava no castigado denunciar-se e ainda ser castigado pelos pais. O professor que mais sabia castigar era também afamado como mais capacitado para

* Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira nº. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

ensinar. - Julgavam os pais no bem-querer aos filhos. Mesmo assim aquele professor com aquela escola perdeu para os de cá na capacidade de castigar.

2. EXÓTICAS ESCOLAS ÚTEIS DE CÁ

De confiáveis amigos ex-alunos de escolas particulares, mantidas por sociedades comunitárias religiosas, ouvimos não terem saudade dos castigos corporais e outros ou avaliarem para entender como ficaram diariamente das 7 horas às 17 sob a regência do Júlio Alexis Marx (suposto natural da Alemanha) e no edifício de escola localizada na cidade Bom Retiro (município do mesmo nome), onde o clima da microrregião dos Campos de Lages, normalmente, dá a média de 10^o a 16^oC.

Teria a pedagogia da severidade do prof. Marx e de sua escola sem conforto contribuído para um dos seus alunos, ser ginasião de escol como a bolsa oficial exigiu e fiscalizou na vigilância nata no senhor Nereu Ramos, então interventor federal? - Ser de escol pela imparidade do Q. I. fertilizado naquela escola como fosse ela primeiro degrau da escalada? - É correto imaginar que aquela escola primária do prof. Marx não foi a fecundante da célula despertada para o saber sempre em ascensão e que hoje é, contemporânea, *personificada no ex-aluno Alcides Abreu componente da elite do magistério universitário sul-americano?*

3 - NAS EXÓTICAS ALEMÃS E OUTRAS

A "*Deutsche Schule de Itajaí*" mereceu relato do memorialista Juventino Linhares (1896-1968); *Adolfo Bernardo Schneider*, imenso no acervo de conhecimentos joinvilenses e habitongos, sendo ex-aluno da "*Deutsche Schule de Joinville*" ofereceu através da imprensa, micro história da mesma; a "Escola Nova Alemã de Blumenau" tem a história num calendário para quem lia alemão. Entretanto o conceito do pastor Hermann Faulhaber (1863-1920) estilhou-a em resumidas notícias coadas através prismas de opiniões pessoais: vezes e vezes pressionei Frederico Kilian (1899-

1995) para escrever e publicar a história da “*Neue Deutsche Schule de Blumenau*”. Tinha ele a autoridade e competência, indiscutíveis. Quem dá notícia histórica sobre as de Brusque - SC., é o Sr. Aloisius C. Lauth, aqui resumido assim: a “ESCOLA ALEMÃ PAROQUIAL” apareceu em 1898 e funcionou dividida em masculina e feminina. Quem as criou foi o pe. Altônio Eising, por isso a “ESCOLA ALEMÃ DAS FREIRAS” era localizada em dependência da igreja. A “ESCOLA ALEMÃ” na qual o pastor Wilhelm G. Lange (1858-1930) investiu interesse pastoral, educativo e instrutivo sem solução de continuidade: oferecia curso completo com a duração de oito anos. E funcionava para os evangélicos associados. Religiosamente distintas, eram assemelhadas como paroquiais, como alemães, como ministrantes de educação e instrução germânicas: seus alunos não falavam o português brasileiro. E acentua o informante Lauth (Árvore genealógica dos Lauth indaialenses) ... “na vila de Brusque não havia uma “ESCOLA BRASILEIRA” em condições de competir com as alemãs”.

4 - DUAS DAS EXÓTICAS E MISTIÇAS

A família blumenauense de 1934 que repeliu o ato oficial estadual criador dos municípios: Gaspar, Ibirama, Indaial e Timbó foi formada, em maioria, por gente instruída e educada nas escolas alemãs existentes no território de Blumenau 1917. Então atuavam, gratificados pelo governo alemão, 134 mestres-escolas; aplicavam a pedagogia apropriada na formação de minorias raciais. Entre eles estavam no espaço da vila Indaial os professores D. Augusto Dreer, Max Meinicke, Otto Schernikau, o lembrado Friedrich Kilian, à época com 18 anos, e o inesquecível de nossa amizade Jakobo Tarnowski, por causa de seu filho Conrado.

Portanto chega-se a conclusão que, os alunos dos professores Rudolf Hollenweger, na sua escola no bairro Garcia e do prof. Max Humpel, na sua escola no bairro Itoupava Seca, foram os filhos dos pais instruídos e educados na escola alemã regida pela ideologia pangermanista, quando esta estava sendo aplicada motivadamente, na 1^a Guerra Mundial (1914-1918). Tome-se no raciocínio que, em 1934 falava-se alemão: no lar, na igreja, na rua e até se viu com intérprete, casamento de par brasileiro. Entre as fontes de leituras desfrutaram a vanguarda: (1) As edições “*Rotermund*” e os ca-

**ALMANAQUE
WILLE
KALENDER**

8ª EDIÇÃO **1952** **8te AUSGABE**

★ Editor: **OTTO WILLE** ★
Caixa Postal, 98 — **BLUMENAU** — End. Tel.: **REWIL**
SANTA CATARINA

END. TILBURG MAYERLE FABRICA KOTTVILLE - EST. S. CATAR.
MAYERLE BOONEKAMP
PREMIADO COM GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO NAS DIVERSAS EXPOSIÇÕES
FUNDADA EM 1892



Hast du zu wählen zwischen Echten,
Nationalen, Ausländ'schen oder Schlechten,
Dann wähle mit Besacht den'Rechten:
MAYERLE Boonekamp den einz'gen nationalen Echten.

lendários e as envolvidas com matéria religiosa; procurados, comprados, lidos e relidos “KALENDER FÜR DE DEUTSCHEN IN BRASILIEN” E WILLE’S DEUTSCHER KALENDER FÜR DIE SÜDSTAATEN BRASILIEN (Herausgeber OTTO WILLE – Blumenau-SC). Os dois circulavam nos atuais estados brasileiros do mercosul com altas tiragens ainda em 1937. E o “BRASILIANISCHER HEIMAT – KALENDER” com o título policiado: “Almanaque Popular Brasileiro – 1966”, sob a responsabilidade conseqüente de von Gottfried Wilhelm Maria Entres, com redação em Florianópolis - SC, em 1965 circula com edição em alemão.

O dito alinhavado com o lido e o ouvido estrutura o argumento-hipótese resumido: e na demonstração se vê a figura do pêndulo em movimento para lá na banda das germanidades. Para cá os canais do abasileiramento. Teriam os mestres-escolas alternativa diferente naqueles anos 34? E assim equilibram-se de corpo e mente inteiros na ambivalência. Jamais por sentimento e sim por conveniência e porque cada um na sua escola ameaçava o tostão para o pano, o pão, e o purgante, se preciso. A realidade mostrava que o Nazismo ia tomando a escola alemã que o Pangermanismo organizou e com ela disse ao mundo que faria a 1ª Guerra Mundial (1914-1918).

E não é pecado nem ofensa entender que o “ALMANAQUE POPULAR - 1966” aparece dizendo que o pangermanismo nazificado tinha as raízes na intelectualidade influenciada pelo nacionalista alemão Heinrich von Treitschke (1834-1896). E não estava extinto: as páginas escritas em alemão divulgando assuntos brasileiros, provaram.

Outra prova dos anos 34 é encontrada no texto de Decreto No. 10, 29/ 12/34, baixado por Erich Klein, prefeito provisório de Indaial: *Art. 24 - É expressamente proibido a publicação de boletins, cartazes, etc., redigidos em língua estrangeira, sendo porém facultada a respectiva tradução, devendo constar em primeiro lugar a parte escrita em língua portuguesa.* (“seu” Klein usou o jeitinho ... para sinalizar alguma simpatia com a banda do abasileiramento).

Das variáveis que não são poucas aqui cito cinco: (1) Sábia, exequível e pedagógica a recomendação do professor vinculado no ensino estadual Guilherme Wiethorn Filho: fossem atendidos em alemão quando necessário, os alunos egressos das escolas alemãs, matriculados nas **Escolas Reunidas** do programa de abasileiramento; (2) Embora aparentemente, camaleônico na convivência, todo professor particular precisou acender du-

as velas: uma à família radicada no pangermanismo e outra ao inspetor de nacionalização do ensino, o lembrado paulista Prof. João dos Santos Areão. - Para eles a era Vargas foi o início do fim da instrução em alemão; (3) Imagina-se (falta de pesquisa competente), que ao aceitar o livro bilíngüe (Português e Alemão) sendo usado por aluno matriculado na “*Neue Deutsche Schule de Blumenau*”, o insigne pastor Hermann Faulhaber desagradou doutrinadores e executivos aplicadores do Pangermanismo; (4) O presidente Getúlio Vargas (1883-1954) através dos interventores federais aplicou a escola brasileira que o pedagogo baiano Anísio Teixeira (1900-1971) organizou; quem instalou e supervisionou-a no universo catarina foi o professor paulista Orestes Guimarães (1870-1931). Quando faleceu, os professores Areão (paulista também) e o catarinense Luís Sanches Bezerra da Trindade (1892-1971) de modo competente prosseguiram tudo que já estava encaminhado melhorando: o professor Trindade foi de dedicação indimensionável ao funcionamento total do Colégio Pedro II, sob certo ponto de vista, o sucedâneo da *Neue Deutsche Schule* como o interventor federal Nereu Ramos (1888 -1958) admitiu e pôs confiança maior no teuto-brasileiro nascido na família conhecida como a do “Sobrado Gottlieb Gerlach” (São José - SC): o prof. Gerlach encaminhou o Colégio Pedro II para o destaque que desfruta; (5) Para o cálculo que segue, o ano básico é 1934: a *escola brasileira* como está nele, e nele o início da escola alemã sendo esvaziada; porque a Escola Alemã de Joinville é do ano 1866, se tem que ela fomentou o pangermanismo durante 68 anos e no mesmo raciocínio se tem que, é de 41 anos o pangermanismo alimentado pelas escolas alemãs (134), todas no território de Blumenau.

O cálculo feito ao vôo do pássaro porquê quando a *escola brasileira* tomou pé, a *escola alemã* entrou no processo de esvaziamento: anota o professor J. Roberto Moreira na observação feita em Joinville - SC (cf. livro constante na bibliografia de apoio).

5 - A DO CULTO E HONRA DA ITALIANIDADE

“REGIE SCUOLE ITALIANE ALL’ ESTERO DANTE ALIGHIERI”: exótica na intenção mais romântica que política. O menino brasileiro de pais italianos não foi conduzido (educado e instruído) para a Itália dos ancestrais. Se

apareceu como entidade de instrução italiana obedeceu ao que o imenso Emembergo Pellizzetti quis para definir a presença do europeu da Itália ali aglomerado: a existência da *escola alemã* obrigou que existisse a *escola italiana*.

E o nome do florentino DANTE ALIGHIERI (1265-1321) no frontispício do casarão sede da escola, cada vez que lido acordou o orgulho difícil de explicar, porque é entranhado na própria italianidade já diluída na prosperidade paulistana, ou na gaúcha com marca de Caxias do Sul, ou nas terras dos vales catarinas.

Foi exótica escola porque adjetivada como italiana, porém sendo produto do trabalho e do idealismo de Emembergo Pellizzetti (1873-1947). Ela foi um gesto e uma oferenda à terra donde partiram para cá os que puseram fé e confiança na “KOLONIE BLUMENAU” nos anos 1875.

O ítalo-brasileiro, E. Finardi disse que Emembergo foi: “visionário e altruísta”. Resume-se: só quem assim foi, fica na História conhecido como de brasilidade produzida pelo trabalho e pela inteligência.

Bibliografia de apoio:

- FINARDI, JOSÉ E. **Colonização Italiana de Ascurra: 1876-1976**. Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1976.
- FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da Evolução do Ensino Público**. Florianópolis, 2ª rev., 1991.
- LAUTH, Aloisius C. **Os Anos 60 do Grupo Escolar “Feliciano Pires”** (Correto: Feliciano Nunes Pires) In: “Notícias de Vicente Só - Brusque Ontem e Hoje” Nº 12, 1979)
- LINHARES, Juscelino. **O Que a Memória Guardou**. Itajaí, Editora da UNIVALI, 1997
- MOREIRA, J. Roberto. **A Educação em Santa Catarina**. Florianópolis, INEP, 1954.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Nordeste 1817**. (1972)
- RODRIGUES, Chiquinha. **O Braço Estrangeiro** (1938).
- SCHNEIDER Adolfo Bernardo. **Meu tempo de Deutsche Schule** (in “A NOTÍCIA” Joinville-SC., 23.5 a 27.7.1975)

Autores Catarinenses

- **Uma novela bem recomendada**
- **Esforço compensado**
- **Ficção e Realidade**
- **Variadas**

Texto:

**ENÉAS
ATHANÁZIO***



Uma novela bem recomendada

Mais conhecido como cronista, gênero em que tem se destacado e merecido elogios da crítica, Júlio de Queiroz aventura-se agora na novela, gênero em que a literatura catarinense é deveras modesta. Refiro-me a “Placidin e os Monges” (FCC Edições - Florianópolis - 1998), relatando a bem urdida história de um garoto enjeitado, deixado à porta de um mosteiro, e que acaba adotado pelos monges, com eles convivendo até obter uma profissão. Todos os passos do garoto, incluindo as faltas e as vitórias, são descritos com desenvoltura, como seria de esperar de escritor tão tarimbado. Os tópicos (dizem que novela literária não tem capítulos) são compactos e escritos numa linguagem enxuta, revelando, no fundo, o cronista sempre às voltas com a angustiante falta de espaço. Trata-se, enfim, de uma leitura agradável e o livro constitui-se numa boa contribuição à nossa pequena estante novelística. Embora diga o Autor que a novela “teve vários padrinhos”, entendo que eles seriam dispensáveis, uma vez que ela se sustenta com as próprias pernas.

Esforço compensado

Eduardo Meneghelli Junior, o “Torto” para os amigos, é um modelo de coragem e decisão. Mal aquinhado pelo destino, que lhe impôs limitações no aspecto físico, estaria relegado ao anonimato e à marginalização, não fosse a poderosa força espiritual que o impulsiona pelos caminhos da vida, realizando aquilo que muitas pessoas perfeitas jamais conseguiriam concretizar.

* Escritor e advogado.

Graças a um admirável empenho, foi abrindo as portas para uma existência útil e solidária, pontilhada de boas realizações. Superando obstáculos, estudou muito, concluindo o segundo grau e freqüentando cursos superiores; formou com os amigos um conjunto musical; foi vereador, eleito com apreciável votação, e exerceu o mandato com dinamismo e combatividade; com eficiência, dirige a Biblioteca Pública Municipal; constituiu família, tem dois filhos, e mantém uma vida conjugal bem sucedida. Enfim, - como ele próprio afirma - é um homem feliz e que em vez de chorar lamúrias prefere lutar e vencer.

Essas atividades todas já seriam suficientes para preencher uma vida positiva e credenciá-lo ao reconhecimento generalizado. Mas Torto é um espírito sensível, temperado pelas batalhas e pelo sofrimento, circunstâncias em tudo propícias para que nele se inoculasse o vírus literário, a vis poética, levando-o a produzir a torrente de poemas reunidos neste livro a que deu o nome de "Borbulhos Mentais", a ser editado em breve. Poemas escritos com simplicidade, cantando o amor, a natureza e a evolução, deplorando a corrupção e a discriminação, penetrando nos mais recônditos cantos da alma humana. É uma coletânea de versos feitos com sinceridade e amor ao ser humano. Com ela o Autor busca agora o reconhecimento num gênero em que bem poucos o alcançam - a verdadeira arte poética.

Satisfeito por estar com ele nessa incursão em novo fronte, espero que seus poemas provoquem nos leitores a mesma impressão forte que provocaram em mim.

Ficção e realidade

Observava um amigo, depois de ler um de meus livros de contos, que havia encontrado nele uma série de coisas esquecidas e outras em que nunca havia prestado atenção, talvez porque estivesse acostumado ao convívio delas. Parecia-lhe olhar uma foto de local muito conhecido onde apareciam detalhes que nunca notara. Embora conhecesse muito bem a região retratada naqueles contos, nunca percebera que tinha tantos aspectos típicos como eles revelaram aos seus olhos.

Lendo um dia destes o ensaio que Gilberto Freyre dedicou às nossas artes, inclusive a literária, deparei com uma passagem que bem explica a sensação de meu amigo, embora sem qualquer pretensão de me comparar ao con-

tista citado naquele trabalho. “As imagens simbólicas - escreveu ele - em vez de fixarem, em sínteses, indivíduos típicos, são representações de grupos ou de sociedades ou de regiões inteiras, consideradas não em sua realidade difusa mas em sua tipicidade selecionada, compreendendo-se assim o que há de processo artístico na reconstrução...dos pampas. simplesmente pampas do Rio Grande do Sul, nos que a arte de Simões Lopes Neto tornou mais reais que a realidade...através de um processo de reconstrução dessa realidade difusa em sínteses e em símbolos concentrados, por meio de intensificação de traços típicos ou característicos, assim das paisagens como dos grupos humanos e suas instituições.” (VIDA, FORMA E COR, Rio, Record, 1952, pág. 206).

O escritor, em síntese, concentra num só conto ou num só livro aquilo que na realidade está difuso e disperso. E nisso reside um dos mais curiosos aspectos da arte literária.

Variadas

Numa promoção do SESC de Brusque, realizou-se naquela cidade a I Mostra Literária de Autores Catarinenses. Convidado, tive ocasião de falar sobre o regionalismo em nosso Estado para uma platéia repleta e interessada, que me questionou com muitas e interessantes perguntas. Um pessoal “ligado” e atento. Valeu!

Foi inaugurado em Florianópolis, em 24 de setembro, o Museu da Imagem e do Som, instituição indispensável para a preservação de nossa memória cultural. Já não era sem tempo! Na mesma ocasião foi assinada a nova lei estadual de incentivo à cultura.

Tem sido intensa a programação cultural da UFSC. Artes plásticas, fotografia, teatro, música, palestras, lançamentos etc. Isso é deveras animador. Lamento apenas que não seja dada maior atenção à biblioteca, o que é uma pena. Enquanto bibliotecas de Universidades de outros Estados têm muitos livros de autores catarinenses, a da UFSC é muito falha.

Estão circulando novos números dos boletins do Instituto Histórico e Geográfico (IHGSC) e da Academia São José de Letras (“O Trinta Réis”).

Mostrando sua força, “Blumenau em Cadernos” chega cada vez mais longe. Aumenta sempre o número de cartas e ligações que recebo dos mais variados lugares, comentando assuntos tratados aqui, pedindo informações e sugerindo matérias. Tenho atendido na medida do possível. Obrigado a todos!

Blumenau em Cadernos Premiada

- Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux

É com imenso prazer que registramos nesta edição a premiação concedida à Revista “Blumenau em Cadernos” e efetuada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em sua sede – Palácio Cruz e Souza – Florianópolis, 02 de dezembro de 1998.

O **prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux** – História, foi instituído por ocasião das comemorações do centenário de fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em 1996.

Porém, somente no ano de 1998 foi concretizada sua primeira distinção honrosa, cabendo à Revista Blumenau em Cadernos a premiação.

A comissão julgadora da área de História foi presidida por Jali Meirinho (Secretário Geral do IHGSC) e integrada por Silvio Coelho dos Santos, Sérgio Schmitz, Valberto Dircksen e Valter Manoel Gomes.

O critério decisivo para a premiação da Revista Blumenau em Cadernos, editada pela Fundação Cultural de Blumenau, foi o fato de estar sendo publicada mensal e ininterruptamente, desde 1957.

O conteúdo desse periódico – história, análise, crítica, depoimento – constitui-se em expressão de uma realidade regional. Mas esta apresenta tons que fazem com que o específico consiga ser, no trato de um contexto de investigação, representação de uma realidade mais ampla – o social.

Com o tempo outros horizontes se abriam e novos encaminhamentos serão concretizados, mas o centro de nosso cuidado e atenção será sempre a Revista “Blumenau em Cadernos”.





INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA
Fundado em 7 de Setembro de 1896

De acordo com o parecer da comissão constituída para a outorga do
PRÊMIO Alm. LUCAS ALEXANDRE BOITEUX,
na área de História, edição 1998,
O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA
confere o presente

Diploma

à Fundação Casa Dr. Blumenau, pela edição, desde 1957, da revista

BLUMENAU EM CADERNOS.

Florianópolis, SC, aos dois de dezembro de mil novecentos e noventa e oito

Carlos Humberto P. Corrêa
Presidente

Jali Meirinho
Secretário Geral

Índice da Revista “Blumenau em Cadernos”
Tomo XXXIX - 1998

Título	Autor	Número	Página
A ABRH Blumenau: o em-Preendedorismo em Associações representativas	Aloisius Carlos Lauth	09	21
O alemão no Brasil: 1808 – 1824 – 1974	Theobaldo Costa Jamundá	06	53
Antenas cruzadas	Grete Medeira	07	43
Aristocrata no “Projeto Esperança”	Theobando Costa Jamundá	08	52
Arte sacra moderna	Frei João Capistrano Binder (OFM)	09	38
Assuntos para grande público	Theobaldo Costa Jamundá	09	57
Ata de constituição da Comissão de turismo do Vale	—	05	50
O autor catarina diz que existe	Theobaldo Costa Jamundá	02	52
Os cafuzos de José Boiteux: reflexões sobre uma comunidade nos 150 anos de Colonização no Vale do Itajaí	Nilson Cesar Fraga	11/12	39
Cartas de Famílias	August Zittlow	04	07
Cartas de Famílias (21/1/1886)	Terese Stutzer	05	07
Cartas de Famílias (12/3/1886)	Terese Stutzer	06	07
Cartas de Famílias (07/5/1886 e 29/5/1886)	Terese Stutzer	07	11
Cartas de Famílias (08/7/1886 e 06/10/1886)	Terese Stutzer	08	07
Carta aos pais e parentes (21/4/1848)	Hermann Blumenau	03	12
Cartas aos pais e parentes (30/3/1846)	Hermann Blumenau	04	18
Carta aos pais e parentes (06/4/1846 e 26/6/1846)	Hermann Blumenau	05	16

Título	Autor	Número	Página
Carta aos pais e parentes (06/6/1846 e 02/8/1846)	Hermann Blumenau	06	16
Carta aos pais e parentes (06/6/1846 e 02/8/1846)	Hermann Blumenau	07	22
Carta aos pais e parentes (23/9/1846 e 05/8/1848)	Hermann Blumenau	08	17
Carta aos pais e parentes (03/9/1848 – 21/11/1848)	Hermann Blumenau	09	12
Carta aos pais e parentes (02/3/1849 – 21/5/1859)	Hermann Blumenau	10	16
Carta aos pais e parentes (02/6/1849 a 08/9/1849)	Hermann Blumenau	11/12	22
Cicatrizes, um romance que promete / Variadas	Enéas Athanázio	08	57
Comércio antigo em Blumenau	Alfred L. Baumgarten	05	25
O ciclo da madeira / variadas	Enéas Athanázio	06	57
Cinco Títulos da Bibliografia	Theobaldo Costa Jamundá	01	48
A crise da manteiga	—	06	47
Cultura e identidade dos Descendentes de alemães: uma Identidade-problema?	Sálvio Alexandre Müller	08	23
Denúncia de Campanha de Desnacionalização	Hercílio Deeke	04	48
Desenvolvimento sustentável E políticas públicas munici- pais: o caso da sub-bacia do Rio Benedito, Santa Catarina	Ivo Marcos Theis	03	38
O dia de fazer doces de natal	Urda Alice Klueger	11/12	26
Dia 13 de Março – dia do Adeus	Grete Medeiros	03	26
O dirigível Graf Zeppelin Sobrevoando Blumenau	Eugen Fouquet	10	07
Dois Brasis que é um só	Theobaldo Costa Jamundá	11/12	87
Dois livros	Enéas Athanázio	04	57

Título	Autor	Número	Página
As endemias não estão na História	Theobaldo Costa Jamundá	05	53
A escola alemã em Blumenau	Dr. Ludwig Stroka	09	07
A escola estrangeira	Theobaldo Costa Jamundá	04	52
Escola de natação / Automóveis e seus problemas	—	05	46
Festas / Véspera de natal	Arnaldo Brandão	11/12	81
A força de uma obra / Boletins Culturais / Poesias, Sempre poesia	Enéas Athanázio	07	58
No “Gaspare” – Carta de João Schramm (1911)	Tradução: Frei Elzeário D. Schmitt	02	38
O grupo étnico germânico de Lages	Juçara de Souza Castelo Branco	01	13
O Hansabote	Pastor Flos	01	25
Hercílio Luz e a reforma do Palácio do governo (1894-1898)	Fabio Adriano Hering	05	34
A história militar de Blumenau	Theobaldo Costa Jamundá	07	53
Historiografia catarinense da Revolução Federalista	Jali Meirinho	08	32
Hotel Gross	Siegfried Carlos Wahle	08	41
As Homenagens de Blumenau ao Interventor Federal	—	01	42
Imagens fotográficas no Cenário da pesquisa	Cristina Ferreira	08	48
O Integralismo no Vale do Itajaí	Siegfried Carlos Wahle	02	33
Lembrando da ditadura	Urda Alice Kluger	06	23
O livreiro	Luiz Carlos Wahle	04	22
Livros Novos	Enéas Athanázio	10	57
Luiz Altenburg Senior	Wolfgang Altenburg / Alfred L. Baumgarten	03	29

Título	Autor	Número	Página
Memórias de uma imigrante	Maria Schurmann Huber	09	15
Meu cinqüentenário de formatura em Medicina	Afonso Rabe	10	19
Os meus tempos de Blumenau	Walter F. Piazza	06	26
Moradores do Rio Itapocu	Antonio Roberto do Nascimento	04	30
O município de Blumenau	Robert Gernhard	11/12	46
Nossa capa	—	07	07
Novo livro de Ubaldo	Enéas Athanázio	09	54
Pastor Hermann Faulhaber	José Ferreira da Silva	06	32
Os pioneiros orquidófilos de Indaial	Erich Stange	01	22
Político da equipe do apóstolo São Paulo / Um Bertoli de raiz Blumenauense	Theobaldo Costa Jamundá	03	53
Poloneses no Vale do Itajaí	José Ferreira da Silva	04	25
Pomerode: a criação de uma Cidade turística através da reinvenção de suas tradições	Roseli Zimmer	05	27
Pormenores sobre as minas de Nova Rússia	Otto Rohkohl	03	07
Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux	—	11/12	97
Os primeiros anos de Blumenau	José Ferreira da Silva	01	07
O professor que o imigrado inventou	Theobaldo Costa Jamundá	10	52
Quem foi João Maria / Mais que uma antologia / Outros Livros	Enéas Athanázio	05	57
Questões sobre o corpo e a Saúde	—	08	44
Relatório à diretoria da Colônia Blumenau (29/3/1878)	Frederico Deeke	02	26
Republicanos X Federalistas	Curt Hering	07	35

Título	Autor	Número	Página
A Revolução de 1893 em Blumenau	—	07	39
Robert Avé-Lallemant em Lages	Juçara de Souza Castelo Branco	09	45
Roupa de missa	Urda Alice Klueger	08	14
Schwinden: uma família de Imigrantes	Nilton Cesar Fraga	06	36
Sob a cruz	Terese Stutzer	11/12	07
O sonho americano / Corrupção tem jeito? / Variadas	Enéas Athanázio	02	56
A Tapera / Nova Revista / Guia de Escritores / Eventos	Enéas Athanázio	01	51
Três livros	Enéas Athanázio	03	57
O trecho da Linha Blumenau-Itajaí pelo Território de Brusque ao longo do Itajaí-Mirim	—	07	48
Tudo está depositado na bênção do Senhor	Padre Estanislau Schaette (OFM)	02	07
As velhas páscoas / Maravilhoso cinema caseiro	Urda Alice Kluger	05	20
A visita de Getúlio Vargas a Blumenau em 1940 e seus significados	Méri Frotscher	11/12	27
Uma novela bem recomendada / Esforço compensado / Ficção e realidade / Variadas	Enéas Athanázio	11/12	94

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura/renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplos avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 1999 (Tomo 40). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

.....
Assinatura

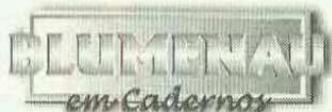
Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering
Alfred Luiz Baumgarten
Altamiro Jaime Buerger
Annemarie Fouquet Schünke
Ariano Buerger
Benjamim Margarida (*in memoriam*)
Genésio Deschamps
Mark Decke
Nelson Vieira Pamplona
Victória Sievert
Willy Sievert (*in memoriam*)
BTV - Blumenau TV a Cabo
Buschle & Lepper S/A
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
Eletro Aço Altona S/A
Gráfica 43 S/A Ind. Com.
Hering Têxtil S/A
Herwig Schimizu Arquitetos Associados
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.
Lindner Arquitetura e Design
Madeira Odebrecht
Transformadores Mega Ltda.
Unimed Blumenau



TOMO XXXIX
Nov./Dez. de 1998 - N.º 11/12



FABRICA DE CONSERVAS
ARDO SCHEEFFER
 RUA 7 DE JANEIRO
 BLUMENAU - SP. CATHARINA - BRASIL



DOCE
 DE
AMEIXAS

COMPANHIA DE NAVEGACAO FLUVIAL A VAPOR
 TRAFARI - BLUMENAU

CAPITAL 100.000.000, DIVIDIDO EM 1000 ACCOES

Blumenau de ... do ...
 O Administrador ...
 O Director ...

BLUMENAU
 SCATHARINA

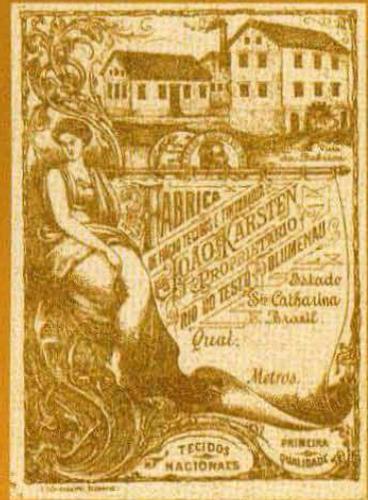
CAFE
 FABRICA A VAPOR
 DE DESCASCAR, TORRAR

DE CHARUTOS
BUSCH
 BLUMENAU

MARCA
PICAPAU



FABRICA
 de Charutos finos
A. WELDOLA E FILHOS
 BLUMENAU



MANUFATURA BRAZILEIRA

FABRICA DE TERCIDOS E TINTURARIA
C. H. R. GARCIA
 BLUMENAU - GARCIA

CHARUTOS
 FINOS
 FUMO BRASILEIRO
HENRIQUE KOEHLER jnr.
 BLUMENAU



de
 Indayal
 até
 Warnow
 L. Classe
 \$ - \$900



CHOCOLATE EM PÓ

Para uma xícara de leite ou água, leve-se duas colheres de sopa desta pó de chocolate deixado ao ferver.

Koch-Chocolate
 Zu einer Tasse Milch oder Wasser, 2 Esslöffel von diesem Chocolatepulver; mit kochendem Wasser kochen lassen bis die gleiche Menge erhalten.

S. KATZ - BLUMENAU
 SANTA CATHARINA



INDUSTRIA BRAZILEIRA
 1865
 MARCA
 TORROS CATH